



Universidade de Brasília (UnB)

Instituto de Letras

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

Programa de Pós-graduação em Linguística

**SOBRE A NATUREZA, EXPRESSÃO FORMAL E ESCOPO DA CLASSIFICAÇÃO  
LINGUÍSTICA DAS ENTIDADES NA CONCEPÇÃO DO MUNDO DOS BANÍWA**

**Edilson Martins Melgueiro – Baníwa**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Suelly Arruda Câmara Cabral

Brasília

2009



Universidade de Brasília (UnB)  
Instituto de Letras  
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas  
Programa de Pós-graduação em Linguística

## **Dissertação de Mestrado**

**SOBRE A NATUREZA, EXPRESSÃO FORMAL E ESCOPO DA CLASSIFICAÇÃO  
LINGUÍSTICA DAS ENTIDADES NA CONCEPÇÃO DO MUNDO DOS BANÍWA**

**MAYE TA BANÍWA ITA TA MUSERUKA TA NHEENGA RUPI MAÃ AIKWEWA TA  
RUAKI RUPI**

**Edilson Martins Melgueiro – Baniwa**

Comissão examinadora:

Profa. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral (UnB) - Presidente/ orientadora

Prof. Dr. Willem F.H. Adelaar (Universiteit Leiden)

Prof. Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues (UnB)

Profa. Dra. Rozana Reigota Naves (UnB)

Brasília/DF, 6 de março de 2009

**Universidade de Brasília (UnB)**  
**Instituto de Letras**  
**Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas**  
**Programa de Pós-graduação em Linguística**

**Dissertação de Mestrado**

**SOBRE A NATUREZA, EXPRESSÃO FORMAL E ESCOPO DA CLASSIFICAÇÃO  
LINGUÍSTICA DAS ENTIDADES NA CONCEPÇÃO DO MUNDO DOS BANIWA**

**Edílson Martins Melgueiro – Baniwa**

Comissão examinadora:

Profa. Dra. Ana Suely Arruda Câmara Cabral (UnB) - Presidente/ orientadora

Prof. Dr. Willem F.H. Adelaar (Universiteit Leiden)

Prof. Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues (UnB)

Profa. Dra. Rozana Reigota Naves (UnB)

Brasília/DF, 6 de março de 2009

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho àquelas pessoas que, conhecendo meus limites e as minhas possibilidades, sempre confiaram em mim e acreditaram que eu seria capaz de conseguir terminar mais uma etapa de um conhecimento acadêmico ocidental.

Em especial, agradeço:

Ao Deus do povo Baniwa, Nhanpírikuli, que sempre me guiou nos momentos desta jornada, sobretudo os difíceis, mostrando os caminhos mais ideais para superar as dificuldades.

Ao meu pai (já falecido), que, embora analfabeto nos conhecimentos ocidentais, era doutor em conhecimentos tradicionais Baniwa, e à minha mãe, os quais, juntos, souberam entender a minha ausência durante este tempo. Em especial e com muito amor, carinho e gratidão, aos meus filhos Alan Charles, Any Charlene, Kadáakawali e à Zilma, pessoa que sempre está perto de mim e que me ajuda; os brancos chamam o que Zilma é para mim de “esposa”. Para os Baniwa não há essa palavra. A todos eles, que sofreram muito com minha ausência, mas que sempre me incentivaram.

## AGRADECIMENTOS

Este momento de agradecimento sempre é mais difícil, pois corro o risco de esquecer nomes de pessoas que contribuíram comigo direta ou indiretamente, mas, mesmo assim, tomarei esse risco, já pedindo desculpas às pessoas ou instituições que me apoiaram e que não estejam aqui mencionadas.

Aos meus parentes da minha aldeia Wanaliana (Cará-poço) do rio Içana, que sempre me incentivaram a continuar aprendendo o conhecimento ocidental para depois voltar e ajudar;

aos nobres parentes Baníwa e Kuripáko, professores com os quais tive a oportunidade de trabalhar durante um período na formação dos mesmos, em 2008, pelo incentivo e valorização;

à Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro – FOIRN, pela autorização para entrada na Terra Indígena na região do Iníali, para realizar os trabalhos de campo;

ao Distrito Sanitário Especial Indígena do Alto Rio Negro - DSEI-RN;

à Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira – COIAB, que me apoiou, no início, quando cheguei em Brasília, com um pequeno auxílio financeiro, inclusive me oferecendo seu escritório para que eu dormisse até arrumar um lugar para morar;

ao Centro Indígena de Estudos e Pesquisa – CINEP;

ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília – UnB e, em especial, à minha professora de sintaxe gerativa, a Profa. Dra. Rozana Reigota Naves;

ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, pela bolsa de estudos que me permitiu realizar este mestrado;

aos meus companheiros que fui conquistando ao longo do curso, em especial ao Sanderson Castro Soares de Oliveira, à Cristina Caldas, à Tabita Fernandes da Silva e aos outros colegas do LALI pelo apoio;

ao Laboratório de Línguas Indígenas – LALI – que chamo de apáwali numawe alídali - **buraco de tatu** (em português) –, que, apesar de pequeno, neste buraco há uma grande sabedoria, valorização, compromisso das pessoas para trabalhar com as línguas indígenas;

em especial a duas pessoas que, em Baníwa, peço licença dos parentes Baníwa para chamar assim, MÁDZEERO, a minha orientadora, Profa. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral e o meu co-orientador, Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues. A tradução seria assim: “orientadores, instrutores, sábios de danças, aqueles que dão ritmo a uma dança na cultura Baniwa”, pois assim eles são e foram para mim, incentivando-me em todos os momentos, sobretudo os difíceis.

## RESUMO

Nesta dissertação apresentam-se os resultados de uma investigação lingüística dos classificadores nominais da língua Baníwa do Içana, com o objetivo de contribuir, embora de forma modesta, para o aprofundamento do conhecimento lingüístico desse importante aspecto da gramática dessa língua Aruák.

A dissertação fundamentou-se em estudos tipológicos e funcionais desenvolvidos sobre classificadores em línguas de duas regiões do mundo, a África e a Amazônia (Allan 1977; Dixon 1986; Derbyshire e Payne 1990, Grinevald 1999, 2000; Grinevald e Seifart 2005), assim como em línguas específicas da Amazônia (Barnes 1990; Gomez-Imbert 1996, 2006, Stenzel 2004, Chacon 2007, 2008, entre outros).

Um dos principais resultados da investigação foi fundamentar, por meio de dados de segunda e de primeira mão, que o sistema de classificação semântico-funcional presente na cultura Baníwa/Kuripáko é um sistema único (e não “misto” ou “múltiplo”), que se manifesta lingüisticamente por meio de morfemas derivacionais, cuja grande maioria é de origem lexical conhecida, os quais se combinam com os modificadores nominais da língua, formando, com o núcleo nominal, um sintagma; caracteriza-se, portanto, como um sistema de concordância.

Nesta dissertação defendemos a idéia de que as línguas africanas não devem ser “a referência” tipológica para o estudo de classificação nominal em outras línguas do mundo, mas apenas uma, entre outras referências importantes.

## ABSTRACT

In this thesis we present the results of a linguistic study on the Baniwa of Içana nominal classifiers, seeking to contribute, although modestly, to the linguistic knowledge of this important grammatical aspect of this Arawakan language.

While developing this research we have taken into consideration the typological and functional studies on classifiers in languages of two parts of the world, Africa and Amazonia (Allan 1977; Dixon 1986; Derbyshire and Payne 1990, Grinevald 1999, 2000; Grinevald and Seifart 2005), as well as on specific languages of Amazonia (Barnes 1990; Gomez-Imbert 1996, 2006, Stenzel 2004, Chacon 2007, 2008, among others).

One of the main results of the present investigation was to give, by means of first and second hand linguistic data, the foundations supporting the view that the semantic-functional classifier system of the Baniwa/Kuripáko languages is a single system (and not a “mixed” or “multiple” one), which is linguistically manifested by means of derivational morphemes, the majority of which have a known lexical origin. These morphemes combine with nominal modifiers forming a phrase together with the nominal nucleus; this system characterizes as an agreement system.

In this thesis we defend the idea that African languages should not be taken as *the* typological reference for the study on nominal classification in other world’s languages, but only one among other important references.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	10
0.1. Objetivos	10
0.2. Fundamentação teórica	11
0.3. Metodologia	12
0.4. Resultados esperados	13
0.5. Organização do presente estudo	13
<b>Capítulo I</b>	
1. Introdução	14
1.1. O povo e a língua	14
1.2. Breves informações sobre os Baníwa e os Kuripáko	15
1.3. Breve história lingüística indígena da região noroeste da Amazônia	17
1.3.1. Os primeiros contatos	18
1.3.2. Tempos dos internatos salesianos e das missões evangélicas	18
1.3.3. A luta pela demarcação da Terra Indígena do Rio Negro	19
1.3.4. Localização do Município	20
1.4. Diversidade cultural e lingüística na região do Alto Rio Negro e alguns avanços.	20
1.4.1 Família lingüística Tukáno oriental	21
1.4.2 Família lingüística Makú	22
1.4.3 Família lingüística Yanomámi	22
1.4.4 Família lingüística Aruák	23
1.5. Um breve histórico do Povo Baníwa-Kuripáko	23
1.5.1. Interferência religiosa e disputa pelas almas dos Baníwa	24
1.5.2. Saúde	25
1.5.3. Alternativas econômicas	25
1.5.4. Educação	25
1.6. Sobre políticas lingüísticas no Alto Rio Negro	27
1.7. Um pouco de quem sou eu	28
1.7.1. Por que lingüística (indígena) descritiva?	30
1.7.2. Por que Alto Rio Negro e o povo Baníwa?	31
1.7.2.1. Experiência acadêmica e etnográfica	32
1.7.2.3. Importância da bolsa do CNPq	34
1.7.2.4. É importante a pós-graduação para os indígenas ou os indígenas são importantes para a pós-graduação?	34
1.8. Conclusão	35
<b>Capítulo II – Classificação nominal nas línguas amazônicas</b>	
2. Introdução	36
2.1. Sobre as propostas de tipologia dos sistemas de classificação nominal de línguas amazônicas	36
2.1.1. Derbyshire e Payne (1990)	36
2.1.2. Grinevald e Seifart (2005)	39
2.1.3. Resumindo observações feitas por lingüistas sobre classificadores de línguas Tukáno	44
2.1.3.1. Tatuyo: Gómez-Imbert (2007)	44

2.1.3.2. Tukáno. Chacon (2008)	45
2.2. Conclusão	47
<b>Capítulo III – Considerações sobre os principais trabalhos já realizados sobre classificadores em Baníwa/Kuripáko</b>	50
3. Introdução	50
3.1. Os principais estudos sobre classificadores em Baníwa	50
3.1.1. Gerald Taylor (1991)	51
3.1.2. Baltar (1995)	52
3.1.3. Henri Ramírez (2001)	56
3.1.4. Baníwa do Içana/Kuripáko: Aikhenvald (2007)	70
3.2. Algumas considerações finais	75
<b>Capítulo IV – Analisando novos dados e revendo conceitos</b>	80
4.1. Introdução	80
4.2. Sobre a natureza das classificações dos nomes em Baníwa/Kuripáko	80
4.2.1. Classificação de entidades relativas (dependentes) e absolutas (independentes)	81
4.2.2. Classificação de entidades com respeito à forma/função	86
4.3. Considerações sobre os classificadores Baníwa	87
4.3.1. O escopo da classificação de entidades no discurso Baníwa	87
4.3.2. Opções no uso dos classificadores	90
4.3.3. Sobre a caracterização do sistema de classificação Baníwa/Kuripáko	92
4.3.4. Dupla classificação	93
4.3.5. Algumas conclusões	96
<b>Capítulo V – Conclusão</b>	98
<b>Referências bibliográficas</b>	101
<b>Símbolos e Abreviaturas</b>	104

## **INTRODUÇÃO**

Nesta dissertação investigamos os classificadores nominais da língua Baniwa do Içana, tendo em vista contribuir para o aprofundamento do conhecimento lingüístico desse importante aspecto da gramática dessa língua. A proposta deste estudo surgiu da necessidade dos professores Baniwa de entender a estrutura de sua língua nativa, em uma perspectiva lingüística. A maioria dos estudiosos que têm focalizado o tema “classificadores nominais” na língua Baniwa não tem dado ênfase ao conhecimento científico acumulado sobre a natureza e especificidades do sistema de classificação nominal dessa língua. Em suas respectivas descrições sobre o tema, freqüentemente não observam as contribuições dos estudos tipológicos existentes na literatura pertinente sobre línguas amazônicas e alguns ignoram trabalhos precedentes, embora difiram uns dos outros em detalhes, às vezes mínimos. Outros pesquisadores detectam problemas nos sistemas de classificadores do Baniwa. A escolha do tema da minha dissertação de mestrado fundamentou-se no fato de que, além de entrelaçar léxico, morfossintaxe e contexto discursivo, também reflete um olhar Aruák Baniwa de ver, sentir e organizar os elementos que constituem o universo. A escolha fundamentou-se também no fato de eu ser conhecedor nativo da língua Baniwa, professor de línguas na região do Alto Rio Negro e preocupado com a formação lingüística de meus parentes Baniwa e demais parentes.

### **0.1 Objetivos**

O principal objetivo da presente dissertação é discutir aspectos do sistema de classificação nominal ativo na gramática Baniwa, de forma a ampliar o conhecimento lingüístico deste sistema e contribuir para os estudos tipológicos sobre sistemas classificatórios nominais de línguas amazônicas.

Dentre os principais objetivos específicos destaco os seguintes:

- pesquisar junto a diferentes falantes nativos da língua Baniwa os fatores que os levam a relacionar um elemento classificador a um nome;
- verificar se as listas de elementos classificadores apresentadas por diferentes autores podem ser ampliadas ou não;

- verificar se a associação de classificadores a determinado nome pode mudar de acordo com a origem clânica do falante;
- verificar a semântica dos elementos classificatórios;
- verificar quando e, se possível, a quais classificadores um nome pode ser associado;
- verificar quais as situações em que classificadores são obrigatórios;
- discutir o status gramatical dos elementos classificadores;
- descrever o escopo de realização dos classificadores Baniwa.

O estudo tem ainda como objetivo prático organizar informações sobre classificadores na língua Baniwa que sejam de utilidade para a formação lingüística de professores indígenas da região do Alto Rio Negro.

## **0.2 Fundamentação teórica**

Esta dissertação de mestrado se fundamenta em estudos tipológicos e funcionais desenvolvidos sobre classificadores em línguas de duas regiões do mundo, na África e na Amazônia (Allan 1977; Derbyshire e Payne 1990, Grinevald 2000, 1999; Grinevald e Seifart 2005), assim como em línguas específicas da Amazônia (Barnes 1990; Gomez-Imbert 1996, 2006, Stenzel 2004, Chacon 2007, 2008, entre outros). Trata-se de fenômeno que ainda requer muito aprofundamento, sobretudo no que se refere às línguas amazônicas, uma vez que ainda não foi estudado no âmbito das diferentes expressões discursivas dos falantes dessas línguas.

Embora as propostas de análise apresentadas tenham sido fundamentalmente baseadas em dados de primeira mão, foram considerados vários dados apresentados em Taylor (1991), Baltar (1995), Aikhenvald (2000, 2007), Ramírez (2001). É também um tema para o qual o conhecimento só pode ser aprofundado por estudos realizados a partir de critérios distribucionais e funcionais, os únicos que permitem a descrição básica dos fenômenos lingüísticos.

### 0.3 Metodologia

O estudo desenvolveu-se mediante a leitura da bibliografia relevante sobre classificadores em diferentes línguas, assim como no estudo da bibliografia sobre classificadores em línguas amazônicas e particularmente sobre o Baniwa. Os primeiros dados analisados foram aqueles contidos nos estudos de Taylor (1991), Baltar (1995), Ramírez (2005), Aikhenvald (2007). Os estudos relativos ao sistema de classificadores da língua Baniwa e os dados neles contidos, assim como a literatura consultada sobre classificadores em diferentes línguas, todos foram fundamentais para que levantássemos hipóteses sobre a natureza, escopo e características semânticas do sistema de classificadores do Baniwa. Essas hipóteses foram posteriormente testadas por meio de dados de primeira mão, coletados durante três viagens de campo a comunidades Baniwa: em São Gabriel da Cachoeira e em Tunuí Cachoeira (médio Içana), em maio de 2008, e em Assunção (baixo Içana), em janeiro e fevereiro de 2007, em maio de 2008 e em outubro de 2008.

Alguns dados foram gravados em fita cassete, outros em gravador digital Marantz, e ainda outros em sistema Electro Voice. A escolha de um desses meios de gravação foi determinada pelas situações físicas em que a coleta de dados foi realizada. Assim, por exemplo, na aldeia Assunção, foi possível utilizar o gravador digital Marantz apenas na casa dos padres e por apenas por uma hora, visto que o uso do gravador com microfone AK consumiu toda a energia estocada no sistema de energia solar da comunidade. Em algumas situações foi possível gravar apenas em fita cassete, quando as baterias compatíveis com o sistema Electro Voice acabaram, mas com microfone ECM-MS907 Sony.

Entre os dados utilizados na presente dissertação incluem-se discussões em língua Baniwa sobre o uso de classificadores, relatos históricos e míticos, algumas conversas, sentenças isoladas, pequenas frases e itens lexicais. Esses foram dados coletados pelo autor desta dissertação e também por ele em parceria com sua orientadora Ana Suely Cabral. Os narradores dos mitos coletados foram os pajés Francisco Fontes (Hohódene, rio Aiarí) e Fernando José (Waliperi-dakena, médio rio Içana). Foram ainda aplicados questionários junto a 40 professores representantes de seis clãs distintos. Foram também utilizados nesta dissertação dados apresentados por Taylor (1985,1991, 1993), Ramírez (1997, 2001), Aikhenvald (2000, 20007) e Baltar (1995) em seus respectivos trabalhos sobre a gramática Baniwa.

Os dados de primeira mão coletados foram transcritos e analisados em uma perspectiva descritiva, pautada na distribuição morfossintática dos elementos classificatórios do sistema de

classificação nominal da língua Baníwa, considerados os contextos pragmáticos em que foram falados e, em vários casos, a avaliação pelos autores dos dados do seu próprio discurso.

#### **0.4 Resultados esperados**

Esperamos obter como resultado principal um trabalho que ao mesmo tempo contribua para os estudos científicos sobre um dos mais importantes aspectos da gramática Baníwa, o sistema que classifica as entidades do mundo na visão dos falantes dessa língua e que se manifesta em vários contextos gramaticais, e mostre, assim, sua importância lingüística e como cultura e língua estão intimamente associadas. Este trabalho deverá servir também para compartilhar o conhecimento nele reunido com os parentes Baníwa/Kuripáko, com os Baré e com os professores falantes de línguas Tukáno, todos da região do Alto Rio Negro, em cujas línguas os classificadores têm (ou tiveram, como no caso dos Baré) lugar privilegiado em suas respectivas gramáticas.

#### **0.5 Organização do presente estudo**

Esta dissertação é constituída de uma Introdução em que apresentamos o trabalho, seus objetivos, metodologia e resultados esperados e a organização do estudo como um todo. No capítulo I apresentamos informações etnográficas, lingüísticas e sociais sobre o povo e a língua Baníwa. No capítulo II resumimos as principais idéias sobre classificadores em línguas de duas regiões do mundo, na África e na Amazônia, as quais são também as que se propõem dar uma visão tipológica dos sistemas de classificadores das línguas dessas regiões. No capítulo III fazemos um resumo das propostas de análise dos classificadores da língua Baníwa e levantamos questões, que procuramos discutir e responder no capítulo IV. Finalmente, no capítulo V apresentamos as nossas conclusões sobre o estudo. Esse capítulo é seguido pelas referências bibliográficas consultadas e por um anexo com fotos ilustrativas da pesquisa de campo.

## **CAPÍTULO I**

### **1. Introdução**

Neste capítulo reunimos informações sobre o povo Baniwa e sua língua, iniciando com uma breve história da política lingüística indígena da região amazônica. Focalizaremos, em seguida, os primeiros contatos com os não índios, os tempos dos internatos salesianos e das missões evangélicas, a luta pela demarcação da Terra Indígena do Rio Negro, a localização do município, a diversidade cultural e lingüística na Região do Alto Rio Negro. Faremos ainda um breve histórico do povo Baniwa sob a interferência das missões religiosas e de sua disputa pelas almas dos Baniwa. Teceremos também alguns comentários sobre a saúde, as alternativas econômicas e a educação relativas aos Baniwa. Finalmente, discorreremos sobre trabalhos lingüísticos realizados sobre a língua Baniwa e faremos algumas reflexões sobre as implicações do presente trabalho para o seu autor, entre os dois mundos, o mundo Baniwa e o mundo dos brancos.

#### **1.1. O povo e a língua**

Os dois séculos de colonização portuguesa na Amazônia foram marcados por uma enorme quantidade de guerras contra os índios e de rebeliões e fugas por parte destes últimos. Essas atitudes dos nativos devem ser creditadas à resistência sistemática das populações indígenas à disciplina colonial européia imposta.

Segundo José Ribamar Bessa Freire (2004), o processo da conquista da Amazônia caracterizou-se, entre outras, por uma contradição fundamental: de um lado a absoluta dependência dos europeus recém chegados em relação aos índios que já ocupavam a região com uma experiência acumulada de alguns milênios e, de outro lado, o obstáculo encontrado para apropriar-se desta experiência devido às dificuldades de comunicação devidas às diversas línguas.

Em 1639, o jesuíta espanhol Cristóbal de Acuña, acompanhando a expedição de Pedro Teixeira em percurso realizado cem anos antes por Orellana, identificou, através dos

intérpretes, apenas na margem de um grande rio e nas bocas dos principais afluentes, povos que “*passam de 150, todos de línguas diferentes*” (Acuña, 1941, p. 199).

Esta lista foi-se ampliando e, quantitativamente, crescendo na medida em que se aprofundava a penetração do território. As línguas indígenas foram discriminadas de várias formas por várias pessoas. Foram chamadas de "línguas travadas", “toscas”, “difíceis de comunicar”. Por fim, apesar de todo o extermínio físico, espiritual e cultural, apesar do dilúvio que quase destruiu a Língua Geral, apesar da hegemonia do Português, da falta de investigação mais profunda do quadro lingüístico da Amazônia, de as universidades do Amazonas não possuírem cursos de lingüística, a Amazônia continua sendo a região do Brasil onde existe o maior número de línguas indígenas.

## **1.2 Breves observações sobre os Baniwa e os Kuripáko**

Em alguns autores, como citado por Wright (2005), aparecem para referir um dos afluentes do Rio Negro a palavra “Içana” e, para os povos que alí vivem, as palavras “manibas, banibas ou baniwas”. Estas palavras, segundo os velhos, foram dadas pelos portugueses que chagaram lá na época, mas de onde eles as tiraram não sabemos. Uma coisa é certa: a de que o rio Içana tem um nome original nesta língua que é **Inĩali**. Até no momento falta um termo correto ou aproximado para designar o povo que fala esta língua e vive esta cultura. É preciso recorrer à mitologia com os mais antigos para encontrar palavras adequadas como **Medzeniákonai** - *aqueles que sugiram da água*. Poderia aqui apenas me arriscar com a monografia do aluno das Escola Pamaáli, André Gregório (2006), e as histórias contadas pelos pajés sobre a criação do mundo, embora não analisadas com cuidado e preocupação sobre este tema. Mas pode-se perceber que o criador Nhianpírikuli, ao criar o mundo e em seguida o homem, na história deste povo fez sair um primeiro casal chamado Walli e Nhianpírikuli, pegou o cigarro, soprou neles e disse-lhes: “Vocês serão Waliperi-Dakeenai” e deixou a terra para eles ocuparem no médio Inĩali. Assim foram surgindo outras pessoas e Nhianpírikuli dando suas terras para ocuparem no alto, médio e baixo Inĩali. Durante a criação, em nenhum momento se percebe que sai um povo com o nome “Baniwa” dado por Nhianpírikuli. Vejam

como é interessante se aprofundar para conhecer melhor a história cultural e, sobretudo, lingüística desse povo.

Até agora os estudos realizados por antropólogos, lingüistas e outros pesquisadores usam e escrevem o termo Baniwa-Curripaco. Eu estarei usando assim: **Baníwa** e **Kuripáko**, pois, para nós Baníwa, o Kuripáko é outro povo. E relembro que para o rio Içana o nome original é **Iníali**. E quero dizer também que este trabalho foi realizado somente com falantes Baníwa.

Os Baníwa e os Kuripáko pertencem à grande família Aruák (ou Arawák) e, para alguns, seriam parte do ramo Maipüre dessa família. Habitam a região do Alto Negro, noroeste da Amazônia Brasileira. Sua população atual está estimada em 4.220 pessoas, distribuídas em 94 aldeias (ISA/FOIRN, 1997), nas áreas ribeirinhas dos rios Iníali e Aiari e do Rio Negro.

Tal como outros povos indígenas do Alto Rio Negro, sua organização social está baseada em unidades de descendência patrilinear e patrilocal, as quais obedecem à disposição hierárquica dos *sibs* - o *sib* congregaria os descendentes de um único ancestral -, que organizam internamente essa sociedade (Wright 2005). Eles empregam também critérios lingüísticos para a demarcação de identidade, o que facilita o reconhecimento das relações de parentesco e o estabelecimento de laços de solidariedade, alianças e trocas matrimoniais. Recentemente o Estado Brasileiro obrigou os Baníwa e Kuripáko a se organizarem através de associações para “melhor dialogar” com o governo e reivindicar seus direitos. Na região existem 12 associações indígenas.

Os Baníwa e Kuripáko do Iníali praticam a agricultura e a pesca, que constituem os principais recursos alimentares disponíveis. Além disso, são excelentes artesãos e são fabricantes de raladores de mandioca feitos de madeira e pontas de quartzo, que são distribuídos em toda a região, através de trocas interétnicas e dos comerciantes. Apesar do longo contato com as sociedades nacionais brasileira, colombiana e venezuelana, esse povo preserva suas tradições e limita, sempre que possível, as intrusões do processo civilizatório ocidental em suas aldeias.

Os indígenas Baníwa e Kuripáko possuem muitos saberes míticos que orientam sua organização social, bem como as atividades da vida cotidiana, e garantem a reprodução da sociedade. Os principais agentes de cura são os xamãs, os conhecedores de plantas medicinais

e os donos de cânticos, um tipo de especialista que trabalha com cânticos religiosos nos rituais de cura, de passagem, etc. Atualmente existem também as equipes de saúde (os brancos), que trabalham na região em parceria com esses conhecedores tradicionais de saúde. O estímulo ao uso da medicina tradicional entre as gerações mais jovens - em particular, pelos agentes indígenas de saúde - continua vivo e forte.

A cosmologia é importante para entender a origem dos Baniwa e Kuripáko. As principais “pessoas” no mundo Baniwa e Kuripáko, segundo o Pajé Manduca e José, um dos mais respeitados do Ayarí, são: *Nhiãperikuli*, herói criador da humanidade; *Amaru*, a primeira mulher, associada às ferramentas fabricadas pelos brancos, ao calor e às doenças febris; *Kuwai*, filho de *Nhiãperikuli* e *Amaru*, um ser dotado de poderes mágicos construtivos e destrutivos, mas também responsável pelas músicas, que depois foram passados aos homens por *Dzuli*, que também passou o conhecimento das plantas medicinais, dos tabacos e do paricá, e que é um dos irmãos de *Nhiãperikuli*.

Uns dos principais símbolos da iniciação masculina são os chamados Kalidzamã: são “algos” mágicos que, segundo o mito, surgiram de uma palmeira que cresceu sobre as cinzas de *Kuwai*, após este ter sido atirado em uma fogueira por seu pai. Estes se tornaram símbolos da vida, da morte e das regras da sociabilidade humana na cultura Baniwa.

A guerra entre os missionários católicos e os protestantes pelas almas dos Baniwa e Kuripáko, segundo Robin M. Wright em seu livro *História do Indígena e do Indigenismo no Alto Rio Negro* (Wright 2005, p. 238), deu-se desde o início da década de 1950 até meados da de 1960, tendo trazido vários resultados negativos culturalmente, socialmente e linguisticamente. Atualmente ainda há missões no Rio Iníali, como a de Assunção do Içana, mantida pelos salesianos, e quatro outras mantidas pelas Missões Novas Tribos, as quais são Boa Vista (foz do Iníali), Tunuí (no médio Iníali), São Joaquim e Jerusalém, localizadas no alto Iníali entre os Kuripáko.

### **1.3. Breve história política lingüística indígena da Região Amazônica**

As primeiras notícias trazidas ao mundo dos brancos sobre a existência da bacia do rio Negro ocorreram no século XVI. Em 1542, quando Francisco Orellana desceu pela primeira vez o rio que viria a ser chamado de Amazonas, frei Gaspar, escrivão da expedição, referiu-se

ao rio de "água negra". Mas somente em 1639 a foz do rio Negro foi identificada e descrita com mais cuidado.

Os primeiros contatos diretos com os brancos ocorreram já no século XVII, principalmente liderados por portugueses que penetravam o rio Negro à caça de escravos. E já na segunda metade do século XVII se dava a chegada de missionários jesuítas.

### **1.3.1. Os primeiros contatos**

Curt Nimuendajú, ao percorrer os rios Içana, Ayari e Uaupés em 1927, encontrou a região à mercê dos comerciantes e os índios sendo vítimas de abusos dos comerciantes colombianos e brasileiros. Com a implantação das primeiras missões religiosas, iniciou-se também a implantação das primeiras escolas para os índios da região. Este primeiro modelo de educação escolar, aliado a práticas catequéticas, tinha tarefas claras e definidas, a partir da concepção mais comum da época: tornar os índios em “bons cristãos e bons cidadãos”. Porém, a grande diversidade cultural e lingüística dos povos era o maior obstáculo, que exigia a criação de diferentes estratégias de dominação. Mais recentemente, as escolas em forma de internato e semi-internato representam um pouco o afunilamento dessas estratégias e práticas educacionais.

Na região do Alto Rio Negro, foram consolidados quatro grandes centros missionários (Missões) distribuídos geograficamente: São Gabriel da Cachoeira, Taracuí, Pari-Cachoeira e Içana. Mais tarde os salesianos fundaram a missão de Maturacá junto aos índios Yanomámi. A fundação dessas “missões” ocasionou grande concentração humana de indígenas ao redor delas, o que facilitava a atividade escolar e catequética. Se por um lado facilitava a atividade catequética, por outro prejudicava a forma de organização social tradicional dos índios, provocando esvaziamento das antigas aldeias, perda de tradições e valores culturais e lingüísticos.

### **1.3.2. Tempos dos internatos salesianos e das missões evangélicas**

Em 1971 lideranças indígenas incentivadas pelos missionários começaram a reivindicar a demarcação de suas terras, o que foi reforçado com a criação da Federação das

Organizações Indígenas do Rio Negro – FOIRN – em 1987. A partir desta data têm tido várias conquistas, como a demarcação e homologação de cinco terras indígenas pelo governo federal em 1998 e a implantação do Distrito Sanitário Especial Indígena do Alto Rio Negro, que tem hoje médicos, enfermeiros, e dentistas atendendo os índios nas suas próprias comunidades, até nas áreas mais longínquas. Na área de educação, com a implantação de três escolas indígenas com gestão pelos próprios índios, uma no Tiquié (Tuyúka), uma em Yawaretê (Tariáno) e outra no Içana (Pamaali). A última é de ensino fundamental e todas têm o objetivo de formar cidadãos que visem ajudar as comunidades sem sair delas. Houve ainda a implantação de cinco escolas do ensino fundamental pela Prefeitura, sendo duas no rio Xié e três no rio Içana. Existem em andamento algumas experiências de projetos piloto de alternativa econômica que estão sendo implantados, como piscicultura no alto rio Tiquié, em Yawaretê e na Escola Pamaali, todos com criação e reprodução de peixes nativos, ou seja, aracú e outras espécies.

Apesar de significativos, estes avanços ainda não foram suficientes para impedir o êxodo rural, pois, atualmente, muitos estão vindo de várias regiões, como as do Içana, do Tiquié, do Uaupés e do Xié, para morar na cidade, com o objetivo de “buscar uma vida melhor para os filhos”, mas aparentemente por causa de alguns programas atraentes dos governos municipal, estadual e federal (Bolsa Escola, Peti, Casas Populares, Fome Zero...).

Brandhuber (1999), estudando as causas das migrações e da urbanização dos Tukáno, ressalta os conflitos internos nas aldeias como um dos fatores mais relevantes para esses movimentos, ainda que também a busca de serviços básicos, como educação escolar para além das quatro séries iniciais e o atendimento de saúde, seja razão forte para migração para as cidades. Os indígenas são a maioria da população no município – constituindo-se em mais de 95% do total – fenômeno que se repete no núcleo urbano. Estes são apenas alguns dos problemas que ainda vêm contribuindo para os êxodos rurais, aumentando assim a grande quantidade populacional dos indígenas na cidade.

### **1.3.3. A luta pela demarcação da Terra Indígena do Rio Negro**

Na região do Alto Rio Negro está localizado o Município de São Gabriel da Cachoeira, conhecido também como “Cabeça do Cachorro”, na região noroeste do Estado do Amazonas, nas fronteiras do Brasil com a Colômbia e Venezuela. Possui um território de 112.255 km<sup>2</sup>,

cortado por numerosos rios tributários do Rio Negro, entre os quais Xié, Içana, Ayari, Uaupés, Papuri e outros. O clima predominante é quente e úmido. Segundo o último censo do IBGE, a população do Município seria de 29.951 pessoas, das quais 12.373 residiriam na área urbana (fonte: Censo Demográfico 2000, www.ibge.com.br), cerca de 58% reside na área rural e 42% na área urbana. A maioria da população, aproximadamente 85%, é de origem indígena.

#### 1.3.4. Localização do município

No alto e médio rio Negro há uma grande riqueza cultural e lingüística, sendo ali faladas atualmente 20 línguas de quatro grandes famílias lingüísticas: Tukáno oriental, Aruák, Makú e Yanomámi. Frequentemente os índios da região falam várias línguas indígenas, além do Português e do Espanhol. Algumas outras etnias deixaram de usar suas línguas de origem e adotaram outras línguas indígenas como, por exemplo, os Tariána do Uaupés, que hoje usam o Tukáno.

### 1.4. Diversidade cultural e lingüística na região do Alto Rio Negro e alguns avanços.

#### 1.4.1. Família lingüística Tukáno oriental

Grupo étnico	Grupos dialetais	Área de ocupação
<b>Tukáno</b> (em sua língua se chama <i>Ye'pâ-masã</i> ou <i>Daséa</i> )	Aproximadamente 30 subdivisões	Rios Tiquié, Papurí, alto e baixo rio Negro, São Gabriel da Cachoeira
<b>Desáno</b> (em sua língua se chama <i>Umuko-masã</i> )	Aproximadamente 30 subdivisões (chefes, mestres de cerimônias, rezadores, ajudantes)	Rio Tiquié e afluentes, Cucura, Umarí, Castanha; rio Papurí e afluentes, rio Uaupés e São Gabriel da Cachoeira
<b>Wanána</b> (em sua língua se chama <i>Kótiria</i> )	Há informações de 25 divisões entre eles	Médio Uaupés (cachoeira de Arara e Mitú), alto Uaupés (Arara e Taracuí)
<b>Bará</b>		Cabeceiras do rio Tiquié, alto

		igarapé Inambu (afluente do Papurí), alto Colorado e Lobo (afluentes do Pirá-Paraná)
<b>Kubéo</b> (em sua língua <i>Kubéwa</i> ou <i>Pamíwa</i> )	Estão divididos em aproximadamente 30 <i>sibs</i> com nomes próprios	Três povoados no alto Uaupés e poucos no alto Aiari
<b>Karapanã</b> (em sua língua <i>Mutea-masã</i> ou <i>Ukopinôpõna</i> )	É composto por cerca de 8 subdivisões, que provavelmente deixaram descendentes	Dipersos em alguns povoados nos rios Tiquié e Negro
<b>Makúna</b> (em sua língua <i>Yeba-masã</i> )	Estão divididos em cerca de 12 <i>sibs</i>	Rio Tiquié: alto Castanha e Igarapé da Onça, e no alto Tiquié
<b>Siriáno</b> (em sua língua <i>Síria-masã</i> )	Cerca de 7 subdivisões internas	Encontrados dispersos nos rios Uaupés e Negro
<b>Tatúyo</b> (em sua língua <i>Umerekopinõ</i> )	Cerca de 8 subdivisões internas	Colômbia. No Brasil encontram-se mulheres casadas com várias etnias
<b>Taiwáno</b>	Cerca 8 subdivisões internas	Colômbia: Pirá-paraná e Cananarí (afluentes do Apapóris)
<b>Yurutí</b> (em sua língua <i>Yutabopinõ</i> )	Há informações de 9 <i>sibs</i>	Colômbia: alto Paca (afluente do Papurí) e caños Yi e Tui e áreas vizinhas do Uaupés, onde os igarapés desaguam em território colombiano

<b>Barasána</b> (em sua língua <i>Hanera</i> )	Registram-se 36 subdivisões nomeadas	Colômbia
--	--------------------------------------	----------

#### 1.4.2. Família lingüística Makú

<b>Grupo étnico</b>	<b>Grupos dialetais</b>	<b>Área de ocupação</b>
<b>Húpda</b>	Divide-se em 3 grupos dialetais	Alto e médio rio Tiquié, Uaupés (Igarapé Japú), sudoeste de Yawaraté e médio Papurí. São os mais numerosos.
<b>Yuhúpde</b>	Tem 3 dialetos	Afluentes ao sul do rio Tiquié, Apapóris e afluentes Traíra, Castanho e Veneno, e igarapé Samaúma
<b>Dâw</b>	Não apresenta divisões dialetais	Rio Negro nas proximidades de São Gabriel da Cachoeira, margem oposta. Menos numeroso.
<b>Nadâb</b>	Tem 4 dialetos	Rio Jurubaxi, rio Uneiuxi, paraná Boá-boá e rio Téa

#### 1.4.3. Família lingüística Yanomámi

<b>Grupo étnico</b>	<b>Grupos dialetais</b>	<b>Área de ocupação</b>
<b>Yanomámi</b>		Bacias do rio Padaurí, Marauíá, Inambu, Cauburí (ao norte do rio Negro)

#### 1.4. 4 Família lingüística Aruák

<b>Grupo étnico</b>	<b>Grupos dialetais</b>	<b>Área de ocupação</b>
<b>Baniwa</b> ( <i>Walimanai</i> ou <i>Wakuenai</i> )	Organiza-se em fratrias (os <i>Waliperidakenai</i> e os <i>Dzauwinai</i> ). Cada fratria consite em 4 ou 5 <i>sibs</i>	Rio Içana até Matapi-cachoeira, rio Negro, São Gabriel da Cachoeira, Santa Isabel, Barcelos
<b>Kuripáko</b>		Alto Rio Içana acima de Matapi-cachoeira
<b>Baré</b>		Calha do Rio Negro desde o Canal de Caciquiare (Venezuela) até o médio rio Negro (Brasil), baixo Xié e baixo Içana
<b>Werekéna</b>		Rio Xié e Alto Rio Negro (Colômbia e Venezuela)
<b>Tariáno</b> ( <i>Taliáseri</i> )		Médio Uaupés, baixo Papuri e alto Aiari

De duas famílias lingüísticas, a Tukáno Oriental e a Aruák, três línguas indígenas foram co-oficializadas no Município de São Gabriel da Cachoeira, AM, pela Lei Nº 145 de 11 de Dezembro de 2002 da Câmara Municipal.

#### 1.5. Um breve histórico do povo Baniwa-Kuripáko

Os Baniwa e os Kuripáko ocupam toda a bacia do rio Içana e seus afluentes, distribuídos em 93 comunidades, totalizando 7.000 mil pessoas do lado brasileiro no município de São Gabriel da Cachoeira, no estado do Amazonas. Estão presentes também na cidade de São Gabriel da Cachoeira, Santa Isabel e Barcelos e, do lado da Venezuela e da

Colômbia, na região dos rios Inírida e Guainía. Do lado do Brasil os Kuripáko ocupam somente a região do alto Içana e já os Baniwa toda a bacia do Içana, Ayari e Cuiari. A origem destes povos está localizada nas cabeceiras do rio Aiari, no local conhecido como Wapuí-cachoeira.

Com a entrada dos missionários no rio Negro, tendo como um dos maiores objetivos a evangelização dos povos indígenas, muitos ritos, danças, pajelança e línguas foram radicalmente proibidos, pois consideravam a cultura indígena inferior ou então como pecado. Com isso, várias tradições foram extintas e outras adormecidas, poucas continuando vivas e sendo praticadas escondidas.

Os Baniwa e Kuripáko do rio Içana foram talvez os que mais sofreram com isso. Nesses cinquenta anos de contato do povo Baniwa com os ditos “colonizadores” houve uma grande perda nos planos espiritual, cultural, econômico e lingüístico, sobretudo no distrito de Assunção do Içana e em outras locais onde foram implantadas as missões salesianas e protestantes. Uns dos principais ritos de iniciação do povo Baniwa, *Kalidzamai*, atualmente não está sendo mais realizado com a freqüência em que ocorria antes da chegada dos invasores.

### **1.5.1. Interferência religiosa e disputa pelas almas dos Baniwa**

A partir do médio Içana para o norte, os Baniwa e Kuripáko falam suas línguas tradicionais e de Assunção (Missão Salesiana fundada em 1955) para baixo falam basicamente a Língua Geral ou Nheengatú, introduzida pelos salesianos no rio Negro no início do século XX. Além da Missão de Assunção do Içana, atualmente existem ainda quatro outras missões localizadas na região do rio Içana, mantidas pela Missão Novas Tribos: Boa Vista (na foz do Içana), Tunuí (no médio Içana), São Joaquim e Jerusalém (no alto Içana, entre os Kuripáko).

Os Baniwa e Kuripáko se subdividem em várias fratrias, ou grupos formados por descendentes de irmãos ancestrais, representados como irmãos entre si, portanto, mantendo uma relação de troca e de cooperação comercial. Os dois grupos principais são os Waliperi Dakenai e os Dzauwinai. As pessoas casam fora de suas frátrias e traçam descendência pela linha paterna e cada uma das frátrias consiste de quatro ou cinco *sibs*. São excelentes artesãos.

O Estado brasileiro obrigou os Baniwa a se organizarem através de associações para melhor dialogar com o governo e reivindicar seus direitos. Na região existem 12 associações indígenas.

### **1.5.2. Saúde**

Os Baniwa têm assistência básica de saúde, embora precária, pela FUNASA. Possuem 40 agentes indígenas de saúde (AIS), cinco pólos base de saúde na região, com equipe constituída de um enfermeiro e dois técnicos de enfermagem. A medicina tradicional (pajelança, plantas, raízes e outros) é usada freqüentemente para combater as doenças.

### **1.5.3. Alternativas econômicas**

Os Baniwa são excelentes artesãos: vivem de caça, pesca e coleta de frutas do mato. Mas, devido a outros fatores externos, há cinco anos atrás, criou-se um projeto chamado "Arte Baniwa", que compreende cestarias feitas de arumã e também utus e balaios, tudo para a venda. São produzidas peças de vários tamanhos e decoradas com diferentes tipos de desenho e coloração, tudo sendo atualmente comercializado para grandes empresas como Pão de Açúcar, Tok Stock e outras. Outro projeto em andamento é o de criação de peixes da própria região nas comunidades.

Além disso, os Baniwa são fabricantes de raladores de mandioca feitos de madeira e pontas de quartzo, que são distribuídos em toda a região, através de trocas interétnicas e pelos comerciantes.

### **1.5.4. Educação**

A educação tradicional Baniwa e Kuripáko acontece através do ver, ouvir, praticar. Com pai, mãe, tio, tia e irmão mais velho, as crianças vão aprendendo. A educação mais

formal é dada pelos pais e avós paternos. Os conselhos educativos são repassados às crianças no dia-a-dia, nas atividades cotidianas, como na pesca, na caça, na roça, na maloca, em momentos de festas e rituais e em outros lugares. Ou ainda em uma cerimônia de *Kalidzamai*. Atualmente muitos desses saberes são complementados nas “escolas” junto com outros saberes não Baniwa, pelos professores Baniwa. A alfabetização é feita na língua Baniwa e, a partir do ensino fundamental, é adotado o Português. As escolas fundamentais e do ensino médio, a gestão e os projetos políticos pedagógicos (PPPs) foram e estão sendo construídos pelos próprios Baniwa.

A entrada dos missionários, na década de 1920, pode ser entendida como início da “educação escolar” pelos brancos. No rio Içana, os primeiros a entrarem foram os missionários protestantes, dentre os quais destaca-se Sofia Muller ensinando a ler e a escrever.

Atualmente existem 50 escolas indígenas de 1ª a 4ª série, 7 escolas do ensino fundamental e uma Escola de Ensino Médio Indígena. Os professores são todos Baniwa. A alfabetização é feita na língua Baniwa e, a partir do ensino fundamental, é adotado o português. As escolas fundamentais e do ensino médio, a gestão e os projetos políticos pedagógicos (PPPs) foram e estão sendo construídos pelos próprios índios.

No entanto, um dos grandes desafios, assim como ocorre com outras línguas indígenas da região, é o registro destas línguas. Não é tanto o caso da língua Baniwa, pois já se tem alguns estudos como, por exemplo, *Introdução à Língua Baniwa do Içana* por Gerald Taylor (Campinas, Editora da UNICAMP, 1991), em que foi estabelecido um inventário dos fonemas da língua Baniwa, com símbolos gráficos para transcrevê-los, e foi apresentado um inventário dos classificadores nominais (p. 121), que, segundo o autor, não pretende ser exaustivo por ter ele perdido parte de seu material. Outro trabalho realizado foi o *Dicionário Baniwa-Curripaco* (2001) e *Uma gramática do Baniwa-Curripaco* (2001), por Henri Ramirez, que traz na introdução um guia de pronúncia e alguns pontos gramaticais, além de observações sobre termos de parentesco. Em Baniwa há uma série de morfemas que aparecem automaticamente com sufixos, que são tradicionalmente conhecidos como classificadores, no entanto, segundo Ramirez (p. 274), estes classificadores, por apresentarem muita variabilidade, colocam em dúvida qualquer fundamento de classificação. Esta afirmação corrobora o que disse Marcos Antônio Rocha Baltar em sua dissertação *Sistema de Classificação do Baniwa do Içana – Hohodene* (1995, p. 78), o que evidencia a necessidade de realizar um estudo mais profundo

dos classificadores do Baniwa, das variedades locais e da relação com o Kuripáko e com as demais línguas Aruák da região.

## **1.5 Sobre políticas lingüísticas no Alto Rio Negro**

Garantias dos direitos dos povos indígenas foram conquistadas na Constituição de 1988, nos Art. 231 e 232. Alguns desses direitos começaram a ser implementados nas políticas relativas à terra, à saúde e à educação, enquanto que outros, como os referentes à política lingüística indígena, ainda não foram devidamente considerados.

Na tentativa de fazer com que estes direitos fossem efetivados, a partir da década de 90 emergiram muitas organizações indígenas no Brasil. A Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro - FOIRN foi uma delas, criada em 1987. Demarcação de terras e educação escolar indígena foram as principais bandeiras de lutas de início. Mas somente através do Decreto de 14 de abril de 1998, foi publicada no Diário Oficial a homologação e demarcação administrativa, reconhecendo o total de 110 milhões de hectares de terras contíguas para os indígenas do Rio Negro.

No alto e médio Rio Negro há uma grande riqueza cultural e lingüística. Lá vivem 23 povos indígenas e atualmente são faladas em torno de 16 línguas de cinco famílias lingüísticas: Tukáno oriental, Aruák, Makú, Yanomámi e Tupí-Guaraní. Frequentemente os índios da região são políglotas e alguns chegam a falar até cinco línguas, além do Português e do Espanhol. Por outro lado, algumas etnias deixam de usar suas línguas de origem para adotar outras línguas indígenas, como foram os casos dos Tariána, dos Baré, dos Werekéna e de parte dos Baniwa. A maioria dos Tariána tem hoje o Tukáno como língua materna; e a língua materna dos Baré, da maioria dos Werekéna e de parte dos Baniwa é hoje o Nheengatú.

A valorização das línguas indígenas somente veio ganhar uma grande importância a partir da metade da década de 1990, quando se começou a discutir a implantação da educação escolar indígena dos povos do Alto Rio Negro. Atualmente as línguas indígenas estão em uma “nova fase de vida”, pois estão sendo novamente praticadas, sobretudo na cidade de São Gabriel, em suas igrejas, feiras, e nas ruas. São ainda faladas nas casas pelos próprios indígenas, coisa que há 10 anos atrás não se via e nem se ouvia. É como se as línguas

estivessem incubadas, adormecidas nos falantes. Para complementar essa “nova fase de vida” das línguas indígenas, a Câmara Municipal de São Gabriel da Cachoeira, através da Lei nº 145 de 11 de Dezembro de 2002, co-oficializou o uso das línguas Nheengatú, Tukáno e Baniwa junto com a língua Portuguesa naquele município.

## 1.6 Um pouco de quem sou eu

Sou Kadáakawali para os Baniwa e Kuripáko e Edílson para os brancos. Para ser sincero, do segundo nome não gosto, pois simplesmente não sei o que significa. Já o primeiro tem um forte significado tanto cultural quanto espiritual e está de acordo com meu clã. Nasci na aldeia *Kuwhe*, ‘saúva’ em Baniwa e, em Nheengatú, *usáíwa ayúra*, cuja tradução para o Português é ‘pescoço de saúva’, perto de uma aldeia maior de nome *Wanaliana* (em Baniwa), Carará-poço (em Nheengatú) e Nossa Senhora da Assunção, nome dado pelos missionários, num afluente da margem direita do Rio Negro, a qual pertence ao município de São Gabriel da Cachoeira, estado do Amazonas. Em 1979 eu e mais 20 meninos participamos do *Kalidzamai*, em que nos tornamos *Mapatse dakenai*, um verdadeiro homem no mundo Baniwa. Na década de 70 até 80 foram os últimos anos em que pude viver e participar com certa frequência de grandes tradições culturais, como o *Kalidzamai* em Baniwa ou *Kariamã* em Nheengatú, ou a festa do “Dabucurí com Jurupari”, que por força da religião dos brancos foram proibidas. Aos 11 anos de idade, por mandado dos missionários, aceito por meus pais, de 1981 a 1984 fui estudar em regime de internato com os missionários salesianos no Distrito de Taracuí, no rio Uaupés, com os índios Tukáno, fazendo o ensino fundamental. Tive um grande choque cultural e lingüístico, pois, apesar de sermos todos indígenas, cada povo é um povo, cada língua é uma língua, cada beiju é um beiju, cada mingau é um mingau. O internato ficava muito distante de onde moravam meus pais e, por isso, durante todo o ano letivo eu ficava sem comunicação com eles. Para mim foi a fase mais crítica da minha vida, que me marcou profundamente.

Ao retornar de Taracuí fiquei com medo de novamente ser mandado para ir a outro lugar, pois, na época, os missionários tinham muito domínio sobre os nossos pais. Fugi para o garimpo, que havia na época na cabeceira do rio Iniãli, lá passei um ano. Mas quando voltei no ano seguinte, novamente, por mandado dos missionários, aceito pelos meus pais, de 1986 a 1988 fui estudar em Manaus, numa Escola Agrotécnica Federal, outro choque cultural e lingüístico, pois, lá convivi com os não-índios numa grande cidade, que jamais imaginara como é, e no regime de internato de novo. Nos primeiros dias pensei em fugir, mas, como não sabia onde estava, não me arrisquei e, com muita dificuldade, consegui terminar o ensino médio.

Ao retornar para minha aldeia, fui ser professor e ao mesmo tempo fui eleito para dirigir a Associação das Comunidades Indígenas do Rio Iniãli (ACIRI) – primeira organização que foi fundada no Rio Iniãli, entre 1989 e 1994.

A partir de 1998 exerci outras atividades fora da minha aldeia. De 1998 a 2000 fui presidente da Associação dos Moradores do Bairro Dabarú em São Gabriel da Cachoeira, o maior bairro da cidade composto por uma maioria de indígenas de várias etnias, vindos de diversas regiões. De 1988 a 1999 fui Coordenador da Demarcação das Terras Indígenas do Alto Rio Negro pela FOIRN em parceria com o ISA - Instituto Socioambiental. De 2001 a 2004 estive como dirigente da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro - FOIRN. De 2005 a 2006 estive atuando no Serviço de Cooperação do Povo Yanomami - SECOYA e, em 2007, estive atuando na Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira – COIAB. Atualmente, de julho de 2007 a 2008, estou atuando como colaborador no Centro Indígena de Estudos e Pesquisas – CINEP, com sede em Brasília.

A minha trajetória foi constituída entre cachoeiras, montanhas, tempestades. As cachoeiras foram os missionários e missionárias com os quais convivi por muito tempo; as montanhas são os tipos de escolas pelas quais eu passei e as tempestades são as ideologias destas escolas e universidades. Costumo dizer: “sou um sobrevivente de uma educação ocidental”. Só consegui sobreviver no meio destas cachoeiras, montanhas e tempestades graças à escola Baníwa Kalidzamai, que está me ajudando a carregar comigo a identidade como Baníwa (*Mapatse dakenai*), como professor e como liderança indígena.

Será que esta trajetória até agora está sendo uma conquista? Considero que em parte sim, mas em outra parte isso não é garantido. Muitas vezes sinto que a cada dia que avanço no

domínio do mundo branco (graduação e pós-graduação) vou-me tornando menos Mapatse-dakenai (Baniwa), ou seja, mais distante do mundo e da vida Baniwa, mas faço muito esforço para isso nunca acontecer. Não me refiro à distância geográfica, mas, sobretudo social, cultural, lingüística e espiritual. Não que eu desconheça, ou não viva a vida Baniwa, mas pela *ausência do convívio coletivo e permanente do dia a dia no mundo intra-Baniwa*. Por um lado, as experiências vividas até hoje estão me ajudando a contribuir melhor na luta do meu povo.

### **1.6.1 Porque lingüística (indígena) descritiva?**

Embora contrariado, por já ter passado em duas pedagogias de ensino que são diferentes da minha, como comentado anteriormente, senti-me obrigado a inserir-me no mundo branco, desta vez na Academia. Não tinha certeza se iria sobreviver, mas me sentia e me sinto obrigado a aprender algo diferente, ou seja, algum conhecimento (científico), que possa me ajudar a estabelecer um processo de diálogo intercultural, não somente com outros parentes indígenas, mas sobretudo com a sociedade nacional.

Escolhi Lingüística (indígena) não por acaso, mas por várias razões, dentre as quais passarei a destacar as que considero mais relevantes. Primeiro, o Curso de Letras: para ser sincero, de início não sabia direito em que iria me formar, mas depois fiquei sabendo que o curso preparava para ser professor de Língua Portuguesa; isso me causou surpresa, pois eu me perguntava como eu vou ser professor desta área, se eu não sei falar bem? Mas tinha que graduar-me de qualquer jeito, pois essa era e ainda é uma política do governo do Amazonas: quem quiser dar aula tem que ter graduação, nem que seja qualquer uma. Por outro lado, o curso me proporcionou realizar a disciplina de “Introdução à Lingüística, I, II”, que veio me dar uma idéia e orientação, ampla e rápida, da rica diversidade lingüística no Brasil e no Rio Negro, assim como os problemas da lingüística indígena; assim também a conexão da lingüística com outras disciplinas, como a antropologia (lingüística antropológica, antropologia da lingüística, etnolingüística), a filosofia (filosofia da linguagem), a psicologia (psicolingüística), a sociologia (sociolingüística), a lingüística matemática (que trata das

aproximações entre a lingüística teórica de um lado e a lógica, a estatística, a álgebra, etc), a arqueologia e outras.

A segunda razão, por ser o Rio Negro uma região de rica diversidade cultural e lingüística, um dos grandes laboratórios de línguas indígenas no Brasil. Por outro lado, ali há forte deslocamento lingüístico, com a substituição de algumas línguas indígenas pelo português e por outras línguas indígenas, em função de fatores internos e externos. Estes e outros fatores me ajudaram a decidir ingressar na Linguística (indígena) para ajudar o meu povo Baniwa, os povos indígenas do Rio Negro e outros povos do Brasil.

A terceira razão tem a ver com a crescente demanda para a criação das Escolas Indígenas do Rio Negro entre os povos indígenas nestas últimas décadas. Tentando atender a esta demanda, a partir de 1997 e 1998, em São Gabriel da Cachoeira, AM, foram criados dois programas: um chamado “Construindo uma educação escolar indígena”, da Secretaria Municipal de São Gabriel da Cachoeira em 1997, e o outro chamado “Programa Rio Negro: Educação Indígena no Rio Negro - Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro e Instituto Socioambiental”, criado em 1998. Embora ambos contassem em sua construção com a participação das lideranças e comunidades indígenas na época, não têm como prioridade a formulação e execução de políticas linguísticas, com decisões que, ao meu ver, podem significar a diferença entre o desaparecimento e a manutenção das línguas no futuro e que são fundamentais para o início de uma educação escolar indígena de fato diferenciada. Embora ambos os programas já tenham sido “reformulados”, continuam sem esta prioridade com as línguas indígenas. Hoje está claro que esta atividade é de grande necessidade para as escolas indígenas que estão surgindo e para aquelas que já estão funcionando. Esta é a razão pela qual hoje estou fazendo lingüística, não que eu possa ou deva dar a solução, mas tenho a certeza de que vou poder contribuir na parte técnica e científica com meu povo Baniwa e com os outros do Rio Negro.

### **1.6.2 Por que Alto Rio Negro e o povo Baniwa?**

A escolha da região e do povo foi definida por mim e apoiada pela minha orientadora. O trabalho está relacionado com minha vida pessoal. Como Baniwa, me sentia na obrigação de

conhecer e aprender mais com o meu próprio povo para poder contribuir, principalmente técnica e cientificamente, na área de lingüística da língua Baníwa do Iniãli. Hoje tenho a convicção de que acertei. Estou contente com a possibilidade de ter mergulhado um pouco mais no meu próprio mundo e, a partir desse mundo, ter um olhar mais técnico e científico sobre meu povo e minha língua.

#### **1.1.6.4 Experiência acadêmica e etnográfica**

Para mim foi uma nova experiência positiva, no entanto nada foi fácil, pois, além de ser pesquisador, às vezes fazia o papel de “assessor”, ou seja, eu era muito consultado em outros assuntos, pois era visto também não somente como um pesquisador, mas também como liderança indígena Baníwa.

Na prática não tive constrangimentos ou dificuldades para o trabalho com as lideranças indígenas tradicionais, professores e lideranças indígenas não tradicionais, ou seja, de organizações indígenas, pois foram altamente receptivas, francas e sempre disponíveis para um diálogo.

Por outro lado, percebi que os meus professores da língua Baníwa, com os quais eu trabalhei, tiveram dificuldade de entender melhor os objetivos do trabalho, embora tenha tentado explicar várias vezes. Ouvi alguns cochichos de algumas pessoas assim: “... esse parente está fazendo o que muitos brancos já fizeram com a gente, vem pesquisar nós; tomara que tenha um retorno para nós...”.

Já esperava isso, por esse motivo tentei ser o mais criativo e simples, mergulhando na cultura, para que meus instrumentos teóricos da Lingüística pudessem estar o mais próximo nos momentos de diálogo com meus professores Baníwa. Tentei diminuir o risco em que incorre a pessoa que está querendo saber algo, muitas vezes já tendo as perguntas certas, baseadas em sua maioria na estrutura lexical e morfológica da língua portuguesa ou de outras

línguas e que podem deixar o interlocutor com dificuldade para contribuir para aquele que está buscando aprender e entender sobre a língua, isto é, o pesquisador.

O contato com algumas obras de Lingüística sobre os Baniwa e Kuripáko, como já dizia o Luciano (2005: 13), “... merece destaque, pela pouca importância que representa para os próprios Baniwa, uma vez que sua grande maioria é totalmente inacessível aos índios, e de difícil compreensão...”, sobretudo, quando se quer aplicar na prática entre os professores e as lideranças, e nas escolas indígenas Baniwa. Por essa razão desconfiavam do meu trabalho.

### **1.6.5 Importância da bolsa do CNPq**

Para vencer esta etapa contei com vários apoios tanto materiais e espirituais, como do Deus dos Baniwa Nhiãpiríkuli e, financeiramente, com apoio do CNPq, embora passando por dificuldades, pois, como todos sabem, em Brasília o custo de vida é um dos mais elevados do país. Talvez a bolsa tenha sido pensada e seja adequada para um jovem solteiro, mas para pessoa como eu, que tem família, filhos e ainda vindo de outro estado, é pouco. Nesse momento, chamo a atenção para que não somente o CNPq, mas também a FUNAI, MEC/SECAD, Missionários, ONGs indígenas e não indígenas, que trabalham com os índios, incluam em seus programas algum tipo de ajuda financeira para estudantes indígenas, digo para aqueles que venham fazer a pós-graduação nas universidades, sobretudo, para aqueles que têm um compromisso e muito envolvimento político com seu povo ou região, pois nesses dois anos, embora tivesse explicado para o meu povo e região que iria estudar. Portanto, nesse período não poderiam contar com meu apoio, nada disso foi levado em consideração. Muitas vezes e com razão fui cobrado pelo meu povo e outros povos, pois, para eles, sou uma referência e esperam a minha contribuição *antes, durante e depois do término do curso*. Deve-se pensar em uma nova política de bolsas ou ajuda para este tipo de pessoas ou profissionais indígenas.

### **1.7 É importante a pós-graduação para os indígenas ou os indígenas são importantes na pós-graduação?**

Esta pergunta e resposta são em geral ainda bastante relativas e variadas entre os indígenas. Mas para mim, a cada dia que passa, ambas são importantes para nossa sobrevivência.

A pós-graduação é importante para os indígenas, porque o domínio maior de novos conceitos e estratégias da sociedade nacional e mundial, tanto políticos como técnicos e científicos, é condição para que o movimento indígena continue avançando na defesa e na garantia dos direitos e interesses indígenas, de modo que estes sejam respeitados e observados na formulação de políticas.

E, por sua vez, os indígenas são importantes na pós-graduação, dada a possibilidade de gerar resultados positivos para os povos e organizações indígenas e para as universidades e seus programas de pós-graduação, como é caso deste Programa de Pós-Graduação em Linguística da UnB via o LALI (Laboratório de Línguas Indígenas), que dá todo suporte, tanto teórico como prático, aos alunos que trabalham com as línguas indígenas. No entanto, sabe-se que muitas universidades nos seus programas de Pós-Graduação ainda não estão preparadas para oferecer uma formação que venha a atender aos interesses dos povos indígenas. Além disso, inexistem bibliografias de livros produzidos por autores indígenas para servir como base de consulta e formação. E durante a formação dos indígenas em instituições universitárias não há um acompanhamento ou orientação especial, para que no futuro os mesmos possam apoiar suas comunidades, aldeias ou lugares de origem. Sendo assim, tanto as universidades como os estudantes indígenas podem estar vivendo um paradoxo, no qual temos uma demanda de profissionais que não é suprida e nossos estudantes vão sendo formados em uma direção que não contempla os nossos interesses. Por essa razão, é preciso que o indígena, conhecendo essa situação, possa fomentar esta discussão dentro das universidades, sobretudo procurando fazer garantir nos editais de processo seletivo dos programas de pós-graduação de mestrado e doutorado vagas para os indígenas, como é o caso concreto do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, para o que foi fundamental a atuação dos Professores Aryon D. Rodrigues e Ana Suely Arruda Câmara Cabral, professores do Programa e pesquisadores do Laboratório de Línguas Indígenas (LALI) da UnB, já tendo quatro indígenas fazendo mestrado, sendo que o último deles entrou durante o último exame de seleção para 2009.

## **1.8 Conclusão**

Neste capítulo reuni informações, algumas gerais, outras específicas, sobre os índios Baníwa e sua língua e incluí considerações sobre o trabalho acadêmico do presente autor, de forma a contribuir para as discussões sobre a necessidade e os impactos da educação superior indígena. Esta parte se revela importante também como justificativa para todos os meus parentes Baníwa com quem desejo compartilhar os resultados do presente estudo.

## **CAPÍTULO II - CLASSIFICAÇÃO NOMINAL NAS LÍNGUAS AMAZÔNICAS**

### **2. Introdução**

Neste capítulo apresentamos resumos dos principais trabalhos sobre classificadores em línguas Amazônicas, com vistas a sistematizar as características que os autores desses estudos definiram como sendo próprias dessas línguas. O resultado desta sistematização servirá de referência para que verifiquemos quais dessas características estão presentes na língua Baniwa, objeto desta dissertação. A idéia é comparar os resultados dessa sistematização com os resultados da análise que realizamos a partir de dados coletados em campo junto a falantes Baniwa, para, então, depreender dessa comparação contribuições para uma caracterização tipológica e funcional mais adequada dos classificadores na língua Baniwa.

### **2.1. Sobre as propostas de tipologia dos sistemas de classificação nominal de línguas amazônicas**

#### **2.1.1. Derbyshire e Payne (1990)**

O primeiro trabalho de natureza tipológica mais abrangente sobre os sistemas de classificadores de línguas amazônicas é o de autoria de Derbyshire e Payne (1990). Com base em dois dos quatro tipos de línguas classificadoras propostos por Allan (1977) e também com base em um terceiro tipo de língua não proposto por este autor, Derbyshire e Payne (1990) abrem uma discussão mais ampla sobre classificadores em línguas amazônicas, ressaltando que os sistemas de classificadores destas línguas não podem ser rotulados como sendo de nenhum tipo em particular, mas que devem ser vistos como uma mistura de dois ou mais tipos. Com isso os autores já chamam a atenção para a complexidade desses sistemas, apontando-lhes as seguintes características:

(1) Classificadores dos três tipos servem freqüentemente a funções anafóricas do discurso, ou seja, referem entidades que são explicitamente expressas no sintagma nominal ou na sentença nos quais os classificadores ocorrem. Os autores acrescentam que algumas vezes essas entidades não são expressas, mas são depreendidas do contexto discursivo. Para eles esta é

uma função quase universal dos classificadores. Os autores observam a existência de contra-exemplos desta função classificatória, citando o Malaio, apresentado por Hopper (1986) como sendo uma língua em que os classificadores parecem estar restritos à ocorrência com um nome, quando este introduz uma nova entidade; esta entidade será um tópico importante do discurso, embora o classificador não funcione como elemento anafórico discursivo. Derbyshire e Payne (1990) observam que a função anafórica dos classificadores é proeminente em línguas amazônicas.

(2) Para Derbyshire e Payne (1990) a base semântica dos classificadores varia de língua para língua, em geral, e as categorias primárias refletidas nos vários sistemas seguem os agrupamentos de Allan (1977), quais sejam: *material* (animado versus inanimado), *forma* (longo, chato, redondo, etc.), *consistência* (flexível, rígido), *tamanho* (grande, médio e pequeno). Os autores acrescentam uma categoria adicional, que ocorreria nas línguas amazônicas, a *função* (veículo, instrumento, casa), categoria esta já fundamentada em Payne (1986).

Sobre os critérios para identificar sistemas de classificadores, os autores mencionam os critérios propostos por Allan (1977): (a) ocorrem como morfemas em estruturas superficiais em condições específicas, e (b) têm significado, na medida em que denotam alguma característica percebida ou imputada a uma entidade a que um nome refere. Os autores são a favor da exclusão do gênero na discussão de classificadores, mas alertam para o fato de que gênero constitui um subtipo de sistema de concordância, uma vez que as marcas de gênero carregam algum significado e que não são totalmente independentes de outros sistemas que coexistem nas línguas amazônicas. Os autores enumeram os critérios de cada um dos três sistemas de classificadores, uma vez que eles têm sido aceitos na literatura: o sistema de classificador numeral, o sistema de concordância e o sistema de classificadores incorporados ao verbo. O sistema numeral é constituído de formas léxico-sintáticas, distinto de sistemas gramaticais fechados. São frequentemente (mas não necessariamente) obrigatórios em expressões de quantidade e são normalmente palavras separadas. Para os autores é um tipo modificado deste sistema que ocorre em línguas amazônicas. O sistema de concordância constitui um sistema paradigmático e gramatical fechado e realiza-se morfologicamente por meio de afixos ou clíticos. Esses expressam concordância de classe com um núcleo nominal, mas nem sempre ocorrem com os nomes. São poucas as classes (chegam até 20) e são

sistemas associados a línguas aglutinantes. Nos sistemas em que classificadores são incorporados ao verbo e esses classificadores são itens lexicais que sinalizam uma característica da entidade referida por um sintagma nominal associado. Trata-se normalmente de um sujeito intransitivo não ativo ou de um objeto de um verbo transitivo. De acordo com Derbyshire e Payne (1990:244), não ocorrem em sintagmas nominais e não expressam concordância no sentido corrente do termo. Por outro lado, funcionam para classificar nomes com os quais eles se associam e a semântica da característica em foco é similar à encontrada nos sistemas de classificadores, tanto numerais, quanto de concordância.

Os autores mostram que os sistemas de classificadores de línguas amazônicas não se encaixam diretamente em nenhuma das três categorias acima e mostram como esses sistemas divergem dos sistemas tradicionalmente estabelecidos. Segundo Derbyshire e Payne (1990:245) os sistemas amazônicos têm características de sistemas numerais, mas ou não ocorrem com numerais, ou, quando o fazem, o numeral é o predicado em uma construção do tipo predicado-adjetivo. Algumas línguas têm classificadores numerais, mas estes têm a forma de afixos e não de palavras separadas. As línguas que têm características de sistemas numerais não são tipologicamente isoladas. Existe normalmente um único conjunto de formas classificadoras com as funções de dois ou três sistemas. Normalmente é um sistema integrado e não três sistemas. O sistema de gênero normalmente é separado, mas há pelo menos uma língua em que é integrado aos sistemas de concordância e numeral. Em algumas línguas o que são sistemas de classificadores incorporados ao verbo desenvolveram funções de concordância e de sistema numeral. Finalmente, em algumas línguas e ou famílias, o mesmo conjunto de classificadores pode ter tanto funções derivacionais quanto classificatórias.

Os autores oferecem um panorama dos sistemas de classificadores das línguas amazônicas com dados ilustrativos, classificando-os em tipos distintos. Assim consideram o seguinte:

- (a) Línguas com apenas um sistema de classificador numeral: Sanumá e outras línguas (fam. Yanomámi), Gavião (Tupí).
- (b) Sistemas de concordância: sistema de gênero (línguas Aruák, como Piro e Apurinã) e línguas com sistema de gênero e não gênero (algumas línguas da fam. Arawá).
- (b1) Línguas com sistemas de concordância de gênero: Apurinã, Piro.
- (b2) Línguas com sistemas de concordância de gênero e não gênero: línguas da fam. Arawá;

- (c) Línguas com apenas sistema de classificadores incorporados ao verbo: Terena e Pirahã.
- (d) Línguas com sistema de classificadores de concordância e numeral: fam. Tukáno, fam. Záparo, fam. Huitoto, Piaroa (Sáliba) e Yágwa (Peba-Yágwa);
- (e) Línguas com sistemas de classificadores numeral e incorporados ao verbo: Chayahuita (Cahuapana) e Waorani (isolada).
- (f) Línguas com sistemas de classificadores de concordância e incorporados ao verbo: Pareci (Aruák) e Amarakaeri (Harakmbet).
- (g) Línguas com sistemas de numeral, de concordância e de incorporação verbal: Mundurukú (Tupí), línguas Aruák como Amuesha, Kámpa e Palikúr.
- (h) Línguas sem classificadores nominais: famílias Karíb, Jê, Páno e Tupí-Guaraní.

Derbyshire e Payne (1990) observam que várias dessas línguas amazônicas são polissintéticas e que os classificadores tomam a forma de afixos. Segundo esses autores, em algumas línguas, os classificadores têm função nominalizadora e em línguas como o Mundurukú, que possui um único conjunto de formas classificadoras, a função de incorporação ao verbo e as formas que são majoritariamente correspondentes a partes do corpo, consistem em uma forte evidência de que o sistema originou-se como incorporação nominal e depois desenvolveu-se em um sistema de classificação numeral e de concordância. Os autores ressaltam fatores discursivo-pragmáticos que influenciam o uso de classificadores. Observam ainda que os classificadores têm função importante no sistema referencial, servindo funções anafóricas ou outras funções relacionadas.

### **2.1.2. Grinevald e Seifart (2005)**

Grinevald e Seifart (2005), ao contrastarem as características tipológicas de línguas amazônicas e de línguas africanas, consideram três parâmetros: a idade do sistema, a origem lexical dos marcadores lexicais e o grau de gramaticalização dos sistemas, e destacam as seguintes diferenças entre os dois sistemas:

- diferentemente dos sistemas amazônicos, o sistema congo-nigeriano não apresenta evidências de origem lexical de seus classificadores. Observam também que, embora haja sistemas de classe incompletos, está claro que eles não são sistemas emergentes, mas o

resultado de desintegração de sistemas anteriores do tipo Banto (p. 255). Para os autores, o adiantado estado de gramaticalização evidencia;

- uma renovação de classe morfológica pela aglutinação de antigos determinantes a nomes;
- a desintegração de um sistema de regras de concordância;
- a evolução do sistema de classe nominal altamente gramaticalizado com um número relativamente alto de gêneros, na direção de um sistema de dois gêneros transparentemente baseado nas distinções mais humano e mais animado.

Por outro lado, os autores observam que línguas congo-nigerianas possuem abundantes ilustrações de estágios avançados de gramaticalização e sofrem a renovação de classes morfológicas. Este último processo tem sido descrito para o sistema de concordância do Swahíli, no qual nomes que referem seres animados continuam mostrando seus prefixos etimológicos, mas obedecem a regras de concordância, que, em muitos casos, são as mesmas para todos os nomes animados, independentemente de suas classes e prefixos. Ainda segundo Grinevald, parece que mesmo nos sistemas de concordância mais conservadores a concordância entre sintagmas nominais na função do sujeito e o verbo tende a funcionar em uma base puramente semântica, como observado anteriormente por Heine (1982).

Grinevald e Seifart (2005:257) observam que o antigo sistema africano sobrevive hoje em inúmeras línguas, em vários graus de decomposição, e, em alguns casos, em estágio tão avançado de decomposição, em que são encontrados apenas alguns vestígios. Sugerem (p. 259) que os sistemas de classificadores amazônicos tenham se desenvolvido por meio de contato, uma vez que são encontrados através de muitas línguas não relacionadas geneticamente. Esses autores apontam duas fases da descrição e da elaboração de tipologias dos sistemas de classificação amazônicos:

1) A tipologia de Allan (1997), que não distinguia sistema de classificação de sistema de classe nominal na discussão de sua classificação semântica. Ainda em relação a esta fase, há os artigos de Payne (1987) e de Derbyshire e Payne (1990), que oferecem a primeira revisão da variedade e das particularidades do sistema de classificação da Amazônia. Para os autores, a contribuição tipológica desses dois artigos foi além do inventário do sistema de Allan, pois colocou em evidência o sistema de incorporação nominal ao verbo, com base em Mithun (1986).

2) A segunda fase corresponde aos estudos mais recentes de orientação tipológica sobre sistemas de classificação nas línguas amazônicas. Mostram como esses sistemas são incomuns e complicados. Segundo os autores, a particularidade dos sistemas amazônicos descritos com base nesta tipologia era a visão incomum e ainda não documentada de que havia a coexistência de cinco sistemas distintos em uma única língua (Aikhenvald 1999, Aikhenvald & Green 1998 *apud* Grinevald e Seifart 2005:260). Para os autores, a maior dificuldade encontrada na característica tipológica desses sistemas de classificação nominal é a aparente profusão de morfemas classificadores em diferentes contextos morfossintáticos e em diferentes funções.

Para Grinevald e Seifart (*ibidem*), a questão crucial da análise é, então, se certos classificadores nominais complexos da região amazônica deveriam ser classificados como sistema de classificação nominal (de concordância) ou como sistema de classificadores distintos.

Grinevald (2000:261) oferece uma tipologia com a preocupação de identificar sistemas de classificação nominal e estabelecer a necessidade de reconhecer diferentes subtítulos de sistemas de classificadores.

#### (1) Sistemas de classificação nominal

<..... lexical.....léxico-gramatical.....grammatical.....>

termos de classe CLASSIFIERS classes de nome/gênero

termos de medida

Para Grinevald e Seifart (2005:263), nas línguas que têm mais de um sistema de classificadores, além de diferentes tipos de classificadores, existem também, diferentes distinções semânticas, o que é uma tendência particularmente visível nestas línguas que têm múltiplos classificadores.

Classificadores numerais, por exemplo, sistematicamente incluem alguma classificação de característica física, como forma longa, rígida, chata, flexível, redonda, em contraste com os quase exclusivamente classificadores semânticos genitivos como: comida, vestimenta, transporte e a semântica genérica dos classificadores dos nomes como ‘homem’.

Os autores propõem os seguintes alinhamentos tipicamente semânticos dos três tipos de classificadores:

#### Tipos de classificadores e semântica preferida

- a. numeral classifiers = physical categories  
two ROUND oranges; three-LONG RIGID pencils  
four-FLAT FLEXIBLE blankets
- b. genitive classifiers = functional categories  
my-EDIBLE food; his-DRINKABLE potion;  
their-TRANSPORT canoe
- c. noun classifiers = material/essence categories  
an ANIMAL deer; the ROCK cave; MAN musician

Para os autores, esses tipos servem para distinguir os sistemas de classificadores considerados como os menos gramaticalizados dos sistemas de classes. Os autores defendem a idéia de que muitos desses sistemas classificadores amazônicos são do tipo de sistema de classe nominal, mas em grau de gramaticalização muito menor do que o existente nas línguas congo-nigerianas.

Grinevald e Seifart (2005) sugerem também que os sistemas de classificação amazônico e congo-nigeriano podem ter mais algo em comum entre eles, do que o esperado, desde que sejam vistos além do quadro regular apresentado nas línguas, mas atentando também para o número de variações neles existentes.

Ao analisarem o sistema de classificadores do Miranha, Grinevald e Seifart (p. 265) o consideram como sendo um sistema “de concordância” constituído de 60 classes de marcadores, remanescentes de um sistema de classificadores usados como formas fonologicamente presas, com uma variedade de funções, dentre as quais a de marcar a concordância com sintagmas nominais e também na função de anáfora e de referência cruzada, muito à maneira dos sistemas de classe.

Grinevald e Seifart (p. 268) mostram que os marcadores de classe em Miranha encontram-se em todos os modificadores de um nome no sistema nominal; encontram-se também em outros modificadores, como demonstrativos, quantificadores e possessivos; e nos verbos eles funcionam relacionados aos sujeitos.

Grinevald e Seifart (p. 270) mostram ainda que o Miranha tem dois tipos de marcadores de classe, sendo enfatizada a escolha do falante no momento da fala, reminiscente

do funcionamento da classe nominal das línguas do sudeste da Ásia. Para os autores, é preciso salientar que os marcadores de classes específicos são encontrados em nomes inanimados, assim como em nomes de não-humanos animados. Os humanos são sempre animados de classe marcada (com a distinção de gênero, número natural), enquanto os animais e objetos variam entre classes específicas de forma ou de função e classes gerais de animados e inanimados. Grinevald e Seifart observam (*ibidem*) que classificações de nomes de acordo com os traços  $\pm$ humano e  $\pm$ animado têm sido também descritas para línguas congo-nigerianas.

Sobre a função anafórica dos classificadores em Miranha, os autores (p. 271) observam que muitos dos modificadores nessa língua podem ser usados como únicos elementos em um sintagma nominal com um afixo de classe estabelecendo uma ligação anafórica. Os autores enfatizam a clara origem lexical dos classificadores dessa língua (p. 276) e associam o tipo de sistema classificatório dela a outros sistemas encontrados na região amazônica, como se se tratasse de resultado de difusão areal.

Grinevald e Seifart (2005:280) ressaltam que os sistemas de classificadores amazônicos e os das línguas congo-nigerianas compartilham uma característica essencial, que é a de marcadores de classificação nominal em um único sistema, em oposição a um sistema múltiplo de classificadores. Os autores defendem que as línguas africanas divergem no sentido em que, nelas, marcadores de classe obedecem a restrições morfossintáticas, são obrigatórios e que não há indicação de origens lexicais para eles.

Finalmente, para Grinevald e Seifart (2005:81) algumas características dos sistemas de línguas amazônicas os evidenciam como sistemas menos gramaticalizados, como, por exemplo, o seu alto nível de motivação semântica e a clara origem lexical de muitas de suas marcas (as quais se tornam óbvias com o fenômeno das repetições (*repeaters*) e de outras formas truncadas de nomes). Há ainda a função anafórica e a natureza discursiva, traços estes que são considerados mais característicos de grandes sistemas de classificadores numerais. Os autores observam que estas diferenças são principalmente diferenças de grau e não de essência e que os sistemas de classificadores dessas línguas, situadas em duas partes diferentes do mundo, ilustram os dois pontos limites do contínuo de gramaticalização, com os sistemas amazônicos sendo mais freqüentemente emergentes e os africanos cobrindo todo o espectro que vai dos sistemas mais gramaticalizados ao extremo da redução de sistemas funcionalmente plenos.

### **2.1.3. Resumindo observações feitas por lingüistas sobre classificadores de línguas Tukáno**

#### **2.1.3.1. Tatuyo: Gomez-Imbert (2007)**

Gomez-Imbert (2007) identifica no Tatuyo tanto um sistema de classe, quanto um sistema de classificação. Esta autora observa que, como na tipologia atual os sistemas de classificação nominal são vistos como gênero e os classificadores são excluídos da categoria de gênero, os sistemas de classe e de classificadores do Tatuyo complicam a situação, uma vez que indicam alguma conexão entre os dois tipos de classificação. Gomez-Imbert adota a solução analítica de Seifart (2005) para a língua Miraña (fam. Witoto), que é analisada como tendo classes nominais com marcadores de classe específicos e gerais. Gomez-Imbert rejeita, por outro lado, a identificação do Tatuyo como uma mistura de tipos ou como um sistema múltiplo de classificadores, de acordo com a tipologia proposta por Derbyshire e Payne (1990) e por Aikhenvald (2000). Ela identifica como marcadores de classe em Tatuyo o conjunto de quatro marcas de sufixos de concordância no nível da sentença e que classificam as entidades do mundo em quatro classes gerais: animado ou inanimado e masculino ou feminino, neste caso quando animado. De acordo com Gomez-Imbert, marcas de classes específicas são um grande conjunto de sufixos que agem como singularizadores de entidades inanimadas e que introduzem especificações principalmente de forma; já os três marcadores gerais da classe animada são integrados neste grande conjunto para marcar concordância no nível da sentença.

De acordo com Gomez-Imbert, entidades singulares são ainda especificadas por marcas que referem alguma propriedade psico-cultural saliente, como forma, consistência, arranjo ou uso. Segundo ela, os morfemas do Tatuyo listados como [-animado, +singular] representam o paradigma morfológico que aparece em palavras nominais e incluem, por um lado, morfemas gramaticais cujos significados podem ser definidos por traços de forma, como ‘redondo’, ‘cilíndrico’, ‘tubular’, ‘filiforme’, mas, por outro lado, incluem nomes plenos, como ‘roça de mandioca’, ‘porto’, ‘casa’, os quais não possuem marcadores de classe correlatos e são funcionalmente ambivalentes. Ainda segundo a mesma autora, raízes

ambivalentes são chamadas de *repeaters*, os quais aparecem como nomes nucleares controlando concordância em um sintagma nominal e também nas posições reservadas para marcadores de classe nos alvos, os quais são por sua vez classificadores deles mesmos. Ainda segundo Gomez-Imbert, entre os dois existem também marcadores de classe emparelhados com nomes como ‘caminho’, ‘rio’ e ‘vasilha’ e, ainda, morfemas que parecem nomes dependentes, como ‘maço’, ‘fila’ e ‘recipiente’.

Por fim, uma das contribuições mais importantes do trabalho de Gomez-Imbert para a tipologia dos sistemas classificadores de línguas amazônicas é a de mostrar que em Tatuyo não há apenas traços característicos de sistemas classificadores, mas também de classificadores nominais.

#### **2.1.3.2 Tukáno: Chacon (2008)**

Chacon (2008) propõe que o sistema de classificação nominal da língua Tukáno possui duas classes nominais – animado e inanimado, as quais, por sua vez, são organizadas por subclassificações, algumas mais gramaticalizadas, outras menos. Segundo Chacon, o léxico e as categorias gramaticais classificam em níveis gramaticais e semânticos distintos dos referentes nominais da língua:

1. inerentemente às raízes nominais.
2. na palavra morfológica (domínio restrito);
3. na concordância sintática do sintagma nominal (domínio intermediário);
4. na concordância verbo-sujeito (domínio mais amplo).

Este autor propõe que as classes nominais do Tukáno podem ser explicitadas lexicalmente pelos traços [+Animado] e [+Plural] (entidades unitárias e coletivas – para seres animados; entidades contáveis e incontáveis para inanimados). No mais, observa que não é adequado falar-se de classes específicas, senão em *subclassificações de referentes nominais*. Para este autor, o termo ‘subclassificação’ dá conta de processos derivacionais e morfossintáticos, sem a conotação de ‘classes’, o que ele entende como sendo a seleção

gramatical de itens lexicais, anterior à morfologia e à sintaxe. Para Chacon as subclassificações operam de maneira modular. Dessa forma, itens [+Animado] são subclassificados pelo traço [+Feminino]; itens [-Animado] são classificados pela categoria de [forma], baseada em apenas seis subcategorias: *redondo*, *retilíneo*, *forma de abóbada*, *oco/tubular*, *forma de lage*, em conformidade com a análise feita para a mesma língua por Ramirez (1997).

A análise de Chacon para o Tukáno segue a de Ramirez (1997) também no que diz respeito à análise de morfemas classificadores como nomes, o que as diferencia de outras análises feitas para outras línguas da família Tukáno, como a de Gomez-Imbert (1982, 2007) para o Tatúyo, a de Barnes (1990) para o Tuyúka, a de Miller (1999) para o Desáno e a de Stenzel (2004) para o Wanáno.

Chacon demonstra que os seis morfemas do Tukáno que classificam os referentes inanimados possuem um status gramatical diferenciado dos nomes e dos morfemas gramaticais prototípicos, não sendo “classificadores”, mas sim morfemas mais próximos das propriedades de lexemas do que de morfemas gramaticais.

Ao propor a classificação dos nomes do Tukáno como animados, Chacon segue Gomez-Imbert (1982) e Stenzel (2004), propondo, assim, uma subcategorização semântica na classe Animado, entre lexemas com referentes humanos e não-humanos. Para Chacon, os lexemas com referente humano são obrigatoriamente marcados para sexo biológico e número, sendo os traços [+feminino] e [+plural] gramaticalmente marcados. Uma das contribuições do trabalho de Chacon para a discussão sobre classificadores em línguas amazônicas diz respeito a uma das características do léxico inanimado. Como observa ele, a grande maioria do léxico inanimado contável não é marcada pela categoria [forma]. Contudo, a concordância é marcada pela cópia do nome, que funciona como núcleo gramatical em cada modificador do sintagma nominal, como em (a):

(a) a'ti wesé mĩ yaaá wese ãyu-rí wese nii-'  
este roça eu poss roça ser.bom-in roça ser-3.in  
“esta tua roça é bonita/boa”

Para Chacon, “...Muitos lingüistas assumiram este padrão de concordância como sinal de que nomes como “roça” são classificadores deles próprios, i.e. *repeaters*.” Chacon discorda desta visão e observa que o padrão de concordância dos nomes inanimados contáveis é o menos marcado e o mais produtivo, justamente porque a maioria dos nomes inanimados não é categorizada por [forma].

Para esse autor, entender que “os nomes ocupam posições sintáticas reservadas aos classificadores”, conforme amplamente se define como sendo um “*repeater*”, é inverter a ordem de um processo histórico. A melhor explicação seria a de que os classificadores ocupam lugares que antes eram reservados aos nomes. Assim, considerar o núcleo das estruturas determinante-determinado como tendo função de classificação no Tukáno não é emicamente motivado. Isso poderia ser diferente para os sufixos de forma, uma vez que sintagmas formam uma locução lexical, enquanto palavras combinadas a um sufixo de forma constituem compostos. Chacon, fazendo referência a Ramirez (1997), mostra que os sufixos de forma são morfossintaticamente dependentes de um lexema, enquanto no sintagma determinante-determinado o nome determinado é estruturalmente livre, mesmo sendo um termo relativo.

Conforme Chacon, a repetição de sufixos de forma em cada modificador do núcleo não deve ser entendida como um tipo de *multiple classifier system*, como proposto por Aikhenvald (2000), nem como *um sistema misto de classificadores*, conforme Derbyshire e Payne (1990) e Barnes (1990).

## **2.2. Conclusão**

Neste capítulo procuramos resumir idéias sobre a classificação nominal em diferentes línguas, especialmente em algumas línguas amazônicas geograficamente mais próximas do Baníwa. O nosso objetivo inicial era reunir características dos sistemas de classificadores de diferentes línguas, segundo a visão dos lingüistas dedicados ao seu estudo, para posteriormente verificar com quais delas as características do sistema classificatório Baníwa se correlacionam, mas também para verificar o que poderia ser acrescentado como característica de um sistema classificatório amazônico.

A principal conclusão a que chegamos é a de que não há consenso entre os diferentes lingüistas que têm descrito classificadores em línguas amazônicas, embora importantes passos tenham sido dados para o conhecimento dos diferentes sistemas. Os lingüistas concordam parcialmente uns com os outros, mas tendem a divergir em pontos importantes. De toda forma, somos da opinião de que as características dos sistemas de classificadores de línguas amazônicas propostas por Derbyshire e Payne (1990) continuam plenamente válidas e consideramos os trabalhos de Grinevald, tanto os individuais quanto os realizados em colaboração com Seifart, igualmente importantes para a discussão e conhecimento dos sistemas classificatórios das línguas amazônicas.

Os estudos que abordam características tipológicas dos sistemas classificatórios de línguas amazônicas compartilham a idéia de que esses sistemas diferem dos encontrados em línguas de outros continentes, embora sejam identificadas algumas semelhanças entre eles. Dos trabalhos consultados extraímos as seguintes características dos sistemas classificatórios de nomes das línguas amazônicas:

- os sistemas de classificadores das línguas amazônicas não podem ser rotulados como sendo de nenhum dos tipos conhecidos até a década de 80 do século passado;
- os sistemas de classificadores das línguas amazônicas são sistemas complexos;
- servem freqüentemente a funções anafóricas do discurso;
- fazem referência à *matéria* (animado versus inanimado), à *forma* (longo, chato, redondo, etc.), à *consistência* (flexível, rígido), a *tamanho* (grande, médio e pequeno) e à função (veículo, instrumento, casa);
- não são totalmente independentes de outros sistemas que coexistem nas línguas amazônicas;
- são freqüentemente (mas não necessariamente) obrigatórios em expressões de quantidade e são normalmente palavras separadas;
- o sistema de concordância constitui um sistema paradigmático e gramatical fechado e realiza-se morfologicamente por meio de afixos ou clíticos, que expressam concordância de classe com um núcleo nominal, mas nem sempre ocorrem com o nome;
- são sistemas associados a línguas aglutinantes;

- nos sistemas em que classificadores são incorporados ao verbo, esses classificadores são itens lexicais que sinalizam uma característica da entidade referida por um sintagma nominal associado, tratando-se normalmente de um sujeito intransitivo não ativo ou de um objeto de verbo transitivo;
- os classificadores têm função importante no sistema referencial, servindo funções anafóricas ou outras funções relacionadas;
- os classificadores têm clara origem lexical;
- os sistemas de classificadores amazônicos e os das línguas congo-nigerianas compartilham uma característica essencial, que é a de marcadores de classificação nominal em um único sistema, em oposição a um sistema múltiplo de classificadores;
- são sistemas mais ou menos gramaticalizados.

Nos próximos capítulos trataremos da classificação das entidades na perspectiva dos Baníwa.

## **CAPÍTULO III – CONSIDERAÇÕES SOBRE OS PRINCIPAIS TRABALHOS JÁ REALIZADOS SOBRE CLASSIFICADORES EM BANÍWA / KURIPÁKO**

### **3. Introdução**

Neste capítulo resumimos as contribuições que julgamos fundamentais para a compreensão dos sistemas de classificação nominal encontrados em Baníwa e em Kuripáko, trazidas por cada um dos principais trabalhos realizados sobre o assunto nessas línguas. O nosso objetivo é o de focalizar o progresso dos estudos sobre este tema tão arraigado na gramática do Baníwa. Para tanto, elencamos cronologicamente as contribuições que representam as diferentes visões que cada autor tem com respeito ao sistema classificatório do Baníwa, mas também do Kuripáko, já que as duas são variedades pouco diferenciadas de uma mesma língua Aruák, e apontamos em que pontos essas contribuições convergem e divergem. A consideração da variedade Kuripáko só foi possível porque falantes desta variedade, ou desta língua, colaboraram com dados durante a nossa pesquisa.

#### **3.1. Os principais estudos sobre classificadores em Baníwa**

Há quatro estudos principais sobre classificadores em Baníwa e Kuripáko. Em ordem cronológica, o primeiro deles é o trabalho intitulado *Introdução à Língua Baníwa do Içana* de autoria de Gerald Taylor (1991). O segundo é uma dissertação de mestrado, intitulada “Sistema de classificação do Baníwa do Içana-Hohodene, língua Aruak do Norte – Rio Negro”, de autoria de Marcos Antônio Rocha Baltar (1995). O terceiro é uma *Uma gramática do Baníwa do Içana*, de autoria de Henri Ramírez (2001), e o quarto é um artigo intitulado “Classifiers in multiple environments: Baníwa of Içana/Kuripako - a north Arawak perspective”, de autoria de Alexandra Y. Aikhenvald (2007).

### 3.1.1. Gerald Taylor (1991)

Nesse trabalho o autor divide as categorias nominais do Baniwa em *substantivos*, *adjetivos* e *quantificadores* (numerais e expressões de quantidade). Os substantivos designam, entre outras coisas, os animados humanos, as partes do corpo, as categorias da estrutura social, os animados não humanos, as plantas e as manifestações da natureza e da cultura. Os nomes se caracterizam, ainda, como pertencentes a classes indicadas pelo emprego de “classificadores” específicos. Segundo Taylor (1991:39-40), em relação aos animados humanos, poucos podem ser concebidos fora do contexto social. Este autor mostra que quase todos os termos de parentesco masculinos recebem sufixos, como nos exemplos *-dákeri* ‘neto’, *-\*hániri* ‘pai’, *-iri* ‘filho’, *-kiri* ‘tio (esposo da irmã do pai, irmão da mãe), sogro’, *-hméeri* ‘irmão menor’, *-peheeri* ‘irmão maior’, *-rimattairi* ‘cunhado’, *-hweri* ‘avô’. Mas algumas vezes, segundo o grau de lexicalização, *-nai(-pe)* substitui o sufixo *-ri* e, em alguns casos, ambos são possíveis, como mostram os exemplos *nudákenai* ‘meus netos’ e *nuhmerenai/nuhmereerinai* ‘meus irmãos menores’.

Taylor observa que, às vezes, há também correspondentes femininos marcados por *-ru*, como em *hñeeru* ‘sogra’, *-kuirru* ‘tia’, mas que há outros sufixos, como *-dua*, que também ocorrem, como nos exemplos seguintes: *-dakedua* ‘neta’, *\*hádua* ‘mãe’, *-nidua* ‘cunhada’.

Taylor (1991:41) também afirma que as palavras que indicam partes do corpo humano são semelhantes aos termos de parentesco, já que os dois precisam de um prefixo pessoal que indica o possuidor. Quando não são esses os casos, o prefixo pessoal é substituído por uma marca especial *i-* e o tema nominal leva o sufixo “absoluto” *-tti*; já os termos de parentesco, dificilmente podem ser concebidos como “autônomos”. Taylor cita o exemplo *-enipe* ‘filho, filha’ como tendo sido o único atestado por ele que se combina com o sufixo absoluto, *i-enipe-tti*, o qual é usado como designação geral de ‘criança’. Já os animados não-humanos, os nomes de plantas e das manifestações da natureza são expressos por lexemas ou lexicalizações independentes, assim como as manifestações da cultura (caça, pesca, agricultura, artefatos, mercadorias, que têm restrições de “dependência”).

Em relação aos adjetivos em Baniwa, Taylor (1991:42) diz que eles qualificam os substantivos aos quais se pospõem e são sempre constituídos de uma raiz lexical (geralmente um predicado atributivo), um classificador (class) e um sufixo relativo (SR), que estabelece o vínculo com a locução nominal que modifica.

Taylor (p. 43) afirma que os classificadores do *numeral* e do *adjetivo* não são necessariamente idênticos, e que às vezes podem fornecer informações complementares sobre o objeto que qualificam. Este autor diz ainda que certos classificadores não parecem ter uma origem lexical; outros reproduzem o lexema principal de categoria: *-ttuhwia* “quarto” associado só aos adjetivos. O classificador agregado a uma forma nominal (substantivo) ou verbal atributiva (adjetivado) pode modificar o sentido. Assim *hiip*, que é ‘cachoeira’, recebe os sufixos *-da* para expressar o conceito de ‘uma pedra qualquer’, *hiipada*, mas o classificador *-kua*, classificador de objetos planos alongados, em *hipakua* ‘laje’.

Para Taylor (p. 44), os classificadores nominais em Baníwa são essencialmente sufixos que se juntam às raízes numéricas: *apa* ‘um’, *dama* ‘dois’, *mardari* ‘três’, e a forma mais complexa *rikua*- “quatro” (derivada de locução *rikua* “é suficiente”). Estes morfemas são seguidos obrigatoriamente por um sufixo, que pode também ser  $\emptyset$ , classificador de objetos ocios.

Taylor (p. 121-133) apresenta um inventário de classificadores nominais, mas diz que não é completo, pois houve perda de uma parte do material coletado durante a pesquisa.

O segundo estudo sobre classificadores em Baníwa, em ordem cronológica, é uma dissertação de mestrado intitulada “Sistema de classificação do Baníwa do Içana-Hohodene. Língua Aruak do Norte – Rio Negro”, de autoria de Marcos Antônio Rocha Baltar (1995).

### **3.1.2. Baltar (1995)**

Para Baltar (1995:48) o Baníwa possui classes de nomes e classificadores, ambos sufixos, os quais estabelecem as seguintes oposições semânticas:

- a) feminino verso não-feminino;
- b) forma ou contorno: longo, vertical, forma de folha, forma de banana;
- c) função: instrumento.

Vários classificadores possuem semântica qualitativa, como: pedaço, lado, feixe ou cacho. Também existem classificadores específicos. Por outro lado, segundo Baltar, classes nominais e classificadores têm algumas peculiaridades como as seguintes:

a) o marcador de classe é freqüentemente derivado de um classificador com a ajuda de um morfema adjetivador [-y], ou feminino [-ɲu] e não feminino [ .li ];

b) existem duas classes de concordância de plural sem classificador correspondente.

Este autor observa, ainda, que a concordância relativa a classes nominais é obrigatória em construções de nome-núcleo-modificador, quando os modificadores são adjetivais (p. 49). Para Baltar, os classificadores em Baniwa e Kuripáko “... combinam os seguintes usos prototípicos: Clf numerais; Clf nominais; Clf genitivos e Clf verbais”. Baltar observa também que os classificadores são usados anaforicamente como um recurso de recuperação de referente no discurso. Os Clf numerais figuram obrigatoriamente nas construções com números cardinais simples (de um a três) e com números compostos (p. 42).

Baltar afirma que a concordância com classificador é obrigatória e pode ser considerada um caso de classificador verbal incorporado. No entanto, observa que a concordância nos classificadores verbais incorporados não é obrigatória nas frases relativas e intencionais e que a concordância depende do papel do nome no discurso, de acordo com os seguintes parâmetros: a) funcionamento do nome núcleo como foco do discurso e b) definição do referente (p. 54). Observa, ainda, que os classificadores genitivos são obrigatoriamente usados em construções possessivas sem núcleo.

Baltar (p. 55) observa também que os classificadores são amplamente empregados como sufixos derivacionais. Em relação aos marcadores de referências cruzadas, Baltar afirma que a língua possui prefixos de referência cruzada, que são usados para marcar: a) o sujeito de um verbo transitivo (A) e de um intransitivo ativo (Sa), o possuidor nas locuções nominais genitivas e o argumento de adposição. O Baniwa também possui enclíticos de referências cruzadas que marcam: a) sujeito de um verbo transitivo (So), b) objeto direto de um verbo transitivo (O). Segundo Baltar os prefixos de referência cruzada, os enclíticos e os pronomes independentes apresentam distinção de gênero na 3ps.

Baltar mostra que a concordância de gênero em construções Nome-Núcleo-Modificador é obrigatória para demonstrativos e pronomes pessoais de 3sg utilizados como

modificadores e que tanto os pronomes de 3p quanto os modificadores são usados como demonstrativos.

Sobre os marcadores de gênero, Baltar diz que a oposição de gênero é marcada em um certo número de nomes derivados (nominalizações). Os afixos mais freqüentes de marcação de gênero são [ri] não-feminino e [ɲu] feminino. Para Baltar (p. 62), a flexibilidade semântica tanto das classes nominais quanto dos classificadores é uma característica marcante da língua Baníwa. O nome pode ser associado a mais de um classificador ou classe nominal, de acordo com o aspecto semântico do referente que o falante quer ressaltar, ou de acordo com a semântica de um modificador. Observa ainda que, freqüentemente, o uso do classificador é determinado pelas características semânticas do adjetivo. Ele mostra como exemplo que o adjetivo *hwuiwi* “saboroso” pode referir-se somente a substância e leva o afixo de classe nominal coletivo [-pezi], quando se refere a água, e o adjetivo de dimensão [maka], normalmente leva o marcador de classe nominal referente a contorno ou forma.

Baltar (p. 65) observa que a forma como os falantes nativos escolhem os classificadores e os marcadores de classe nominal é mais semelhante à escolha de um sinônimo para um item lexical, do que à aplicação de uma regra gramatical rígida de concordância. Observa ainda a esse respeito o caráter opcional no uso dos classificadores como afixos derivacionais. Por fim, apresenta um inventário das classes nominais e classificadores do Baníwa-Hohodene, caracterizado por incluir os traços:

- a) animado, feminino, não-feminino, atributo humano, partes do corpo;
- b) forma e contorno;
- c) propriedades funcionais;
- d) estrutura;
- e) classes específicas;
- f) classe plural;
- g) quantificadores.

Baltar conclui sobre a classificação Baníwa-Hohodene caracterizando-a como possuidora das seguintes características:

- a) o Baníwa apresenta 42 classificadores e 44 classes nominais;

- b) há dois classificadores numerais por excelência, os quais são utilizados apenas como expressão de quantidade;
- b) tanto os classificadores, quanto as classes nominais, apesar de serem fechados enquanto sistema, são, por outro lado, flexíveis, permitindo várias possibilidades de reclassificação de um mesmo nome;
- c) o sistema de classificação está mais perto do léxico do que da gramática, já que dentro do mesmo dialeto ou, às vezes, dentro da mesma família os informantes não usam o mesmo classificador.

Segundo Baltar o ponto c) corresponderia à maior peculiaridade da língua Baníwa, no que diz respeito à classificação nominal, comparada com as classes nominais prototípicas, como as dos sistemas gramaticais fechados do oeste da África, conforme apontado por Grinevald (2003).

Baltar diz ainda que as classes nominais são obrigatórias nas concordâncias de nome com o modificador (adjetivo), enquanto as concordâncias com os classificadores são obrigatórias nas construções de numerais e de genitivos. Acrescenta que classificadores numerais, genitivos e verbais são utilizados como afixos relacionais e anafóricos no discurso e que os classificadores e as classes nominais são semelhantes, mas não são idênticos em sua semântica e marcação formal. Segundo esse autor existe uma classe nominal não marcada denominada genérica e um classificador correspondente, um sistema de oposição de gênero feminino versus não-feminino, restrito à marcação de referência cruzada, pronomes pessoais e demonstrativos.

Finalmente, para Baltar, marcadores da classe nominal e classificadores possuem a mesma origem, algumas vezes sendo a diferença entre eles apenas a presença de um morfema adjetivador no primeiro. Para este autor, o alto grau de flexibilidade semântica é responsável pelas possibilidades de reclassificação dos nomes em Baníwa, sendo diferente das línguas Bantu, onde cada nome recebe um classificador, não aceitando outro em seu lugar.

### 3.1.3. Henri Ramírez (2001)

O terceiro mais importante estudo que trata de classificadores em Baníwa é a gramática intitulada *Uma gramática do Baníwa do Içana*, de autoria de Henri Ramírez (2001). Trata-se da análise mais detalhada dos classificadores Baníwa, para a qual o autor devota praticamente um terço de sua gramática, essencialmente pelo fato de os classificadores estarem presentes em diferentes contextos morfossintáticos. Ramírez descreve especificamente os classificadores Baníwa do dialeto central, falado no médio Içana. Segundo este autor, as séries de morfemas que aparecem como sufixo determinante de um sintagma nominal (nos adjetivos em função de epíteto, no equivalente das orações relativas, nos numerais, etc) são conhecidos como classificadores, certos deles tendo efetivamente propriedades satisfatórias.

Considera os numerais cardinais como sendo formas presas: *aapa-* 1, *dzama-* 2, *mada.li-* 3, as quais aparecem seguidas por um sufixo apropriado, dependendo do nome que modificam como *aapidza* ‘queixada’, *heema* ‘anta’, *áada.ɲi* ‘arara’; *piiti.ɲi* ‘morcego’ e *áapi* ‘cobra’. A cada animal é associado um morfema apropriado (*-da*, *-na*, *-aápa*, *-iíta* ou *-khaa*).

Exemplos:

*aapa-* ‘1’:

*apáda aapidza* /aapa-da/ ‘1 queixada’

*aapána héema* /aapa-na/ ‘1 anta’

*apaápa áada.ɲo* /aapa-aapa/ ‘1 arara’

*apaíta píiti.ɲi* /aapa-iita/ ‘1 morcego’

*apákhaa áapi* /aapa-khaa/ ‘1 cobra’

Segundo Ramírez (2001), estes cinco morfemas têm características de verdadeiros classificadores e a quantificação só é possível com eles. Ramírez (p. 275) oferece um quadro contendo os classificadores associados aos nomes de animais, o qual reproduzimos abaixo:

CLASSIFICADORES ASSOCIADOS AOS NOMES DE ANIMAIS		
Significante	Glosa geral	Designação de animais associados
<i>-da</i>	arredondado	<ul style="list-style-type: none"> <li>• certos mamíferos: porco, tatu, paca, rato, cuandu.</li> <li>• certas aves, geralmente pequenas e de forma arredondada: inambu, pombo, etc.</li> <li>• certos peixes, geralmente de forma arredondada: acará, pacu, piranha, bodó, anujá, pirarara, etc.</li> <li>• outros animais de forma arredondada: jabuti, caracol, mosca, besouro, pulga, pium, ura, maruim, mucuim, etc.</li> </ul>
<i>-na</i>	forma de tronco, de pé de árvore	<ul style="list-style-type: none"> <li>• certos mamíferos, geralmente quadrúpedes (que estão “de pé”): cão, gato, onça, anta, boi, tamanduá, veado, irara, lontra, quati, capivara, cutia, mucura, boto.</li> </ul>
<i>-aápa</i>	oblongo, alongado	<ul style="list-style-type: none"> <li>• muitas aves: arara, papagaio, jacamim, urubu, coruja, beija-flor, gavião, mutum, jacu, cujubim, japim, gaiivota, pica-pau, garça, saracura, pato, tucano, martim-pescador, anu, bacurau, bem-te-vi, pipira, andorinha, etc.</li> <li>• certos peixes: aracu, jacundá, traíra, peixe-cachorro, etc.</li> <li>• outros animais: camarão, vespa, mutuca, carapanã, grilo.</li> </ul>
<i>-ííta</i>	achatado	<ul style="list-style-type: none"> <li>• certos mamíferos: macaco, esquilo, morcego, jupará.</li> <li>• certos peixes: mandi, tucunaré, arraia, piaba, etc.</li> <li>• quelônios aquáticos, sapos e rãs.</li> <li>• outros animais, principalmente insetos: formiga, abelha, cupim, aranha, escorpião, barata, piolho, gafanhoto, libélula, borboleta, carrapato, caranguejo, etc.</li> </ul>
<i>-khaa</i>	serpentiforme, filiforme	<ul style="list-style-type: none"> <li>• cobras e lagartos.</li> <li>• minhocas e lagartas.</li> <li>• miriápodes: embuá, lacraia.</li> <li>• certos peixes de forma serpentiforme: poraquê, muçum, sarapó, jandiá, surubim, piraíba, etc.</li> </ul>

Embora apresente os cinco morfemas acima como classificadores de nomes de animais, Ramírez (p. 276-278) apresenta uma vintena de outros classificadores animais que salientam uma característica do nome e que aparecem no sintagma numeral (sem aparecer na cabeça do nominal). Estes são os que ele chama de classificadores de forma, classificadores que definem classes restritas, classificadores associados a seres humanos (dialeto central), e classificadores que não parecem salientar uma forma do objeto e são associados a nomes que expressam ciclos temporais (dia, mês, ano, etc.).

<b>CLASSIFICADORES DE FORMA</b>		
<b>Significante</b>	<b>Glosa geral</b>	<b>Designação dos termos associados</b>
<i>-áanhaa</i>	líquido (geralmente envasilhado), semana	<ul style="list-style-type: none"> <li>• líquido envasilhado, lágrima</li> <li>• semana</li> </ul>
<i>-aápa</i>	oblongo	<ul style="list-style-type: none"> <li>• certos animais, em geral de forma oblonga.</li> <li>• certos tubérculos ou frutos oblongos: milho, macaxeira, ingá, banana, abacaxi, etc.</li> <li>• copo, caneco.</li> </ul>
<i>-áaphi</i>	superfície grande	<ul style="list-style-type: none"> <li>• roça, lago, igapó, caatinga, etc.</li> </ul>
<i>-áapi</i>	forma de vasilha	<ul style="list-style-type: none"> <li>• panela, prato, balde, bacia, etc.</li> <li>• osso</li> </ul>
<i>-áapo</i>	longo e flexível	<ul style="list-style-type: none"> <li>• caniço, arco, vara, etc.</li> </ul>
<i>-da</i> (métrico centrípeto)	arredondado	<ul style="list-style-type: none"> <li>• certos animais, em geral de forma arredondada.</li> <li>• humano: criança, recém-nascido.</li> <li>• frutos e tubérculos arredondados: goiaba, pimenta, mamão, manga, limão, laranja, abiu, maracujá, grão de feijão, mandioca, cará, etc.</li> <li>• partes do corpo arredondadas: olho, coração, bochecha, inchaço, ovo, etc.</li> <li>• seres arredondados em geral: pedra, ilha, estrela, nuvem, maracá, banquinho (<i>éedai</i>), paneiro, etc.</li> <li>• objetos de empréstimos culturais: camisa, saia,</li> </ul>

		calças, roupa, sacola, rádio, caneco, maleta, caixa, livro, motor, campo, hora, etc.
<i>-daa</i>	---	• dia, noite.
<i>-dápana</i>	forma de edifício	• casa, barraca, escola, etc.
<i>-híko</i>	forma de tubo	• garrafa, lata, cana, flauta, desodorante, lanterna, etc.
<i>-híwi</i>	pontiagudo, pontudo	• agulha, espinho, flecha, anzol, prego, chave pequena, fósforo, lápis, vela, etc.

• Certas partes do corpo: dedo, dente, pêlo, etc.		
<i>-ííta</i>	achatado, humano	<ul style="list-style-type: none"> <li>• certos animais</li> <li>• humano: pessoa, soldado, velho, patrão, curupira, etc.</li> <li>• certas partes: costela, escama, cabo, etc.</li> <li>• certos objetos com parte achatada: faca, terçado, machado, zagaia, banco, enxada, abano, remo, pente, tesoura, vassoura, tábua, balança, remédio (comprimido), chapéu, relógio, concha, etc.</li> </ul>
<i>-khaa</i>	serpentina, filiforme (métrico centrípeto)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• certos animais</li> <li>• raiz, cipó, vagem de feijão</li> <li>• caminho, rio, linha, corda, cabelo</li> </ul>
<i>-koa</i>	superfície delimitada	• ralo, povoado, mesa, forno, jirau, laje, praia, espelho, etc.
<i>-máka</i>	forma de tecido	• esteira, pano, toalha, cobertor, etc.
<i>-na</i>	forma de tronco	<ul style="list-style-type: none"> <li>• certos animais</li> <li>• árvore, pau, esteio, lenha, maniva</li> <li>• certas armadilhas: matapi, etc.</li> <li>• serra, lata grande</li> </ul>
<i>-péko</i>	aberturas, caminhos (terrestres, aquáticos)	• caminho, rio
<i>-phe</i>	forma de folha	• folha, papel, pano, cobertor
<i>-pi</i>	forma de tubo alongado	<ul style="list-style-type: none"> <li>• espingarda, zarabatana, tipiti, caule de palmeira, etc.</li> <li>• mês</li> </ul>
<i>-póko</i>	forma circular	• peneira, puçá, cumatá, cacuri, balaio, peconha, bicicleta, etc.
<i>-wa</i>	buraco, abertura	• buraco, sepultura, porto, fogo, porta, rasto, etc.
<i>-Ø</i>	oco	• canoa, cuia, etc.

Exemplos do uso destes classificadores com o numeral *aapa-* I:

Classificadores de ocorrência restrita		
<i>-hípani</i>	---	• cachoeira
<i>-híwa</i>	---	• beiju
<i>-ko</i>	---	• rede de dormir

Exemplos dados por Ramírez (p. 279) de classificadores de ocorrência restrita são os seguintes:

*aphépani /aapa-hipani/ hiipa* ‘uma cachoeira’

*aphéwa /aapa-hiwa/ peéthe* ‘um beiju’

*aapá-ko pieta* ‘uma rede’

Quanto aos classificadores associados aos seres humanos, Ramírez apresenta-os no quadro que reproduzimos abaixo:

Classificadores associados aos seres humanos (para o dialeto central)		
<i>-da</i>	humano de pouca idade	• criança, recém-nascido ( <i>keámo</i> )
<i>-íita</i>	humano (sexo não-especificado), humano masculino	• pessoa, soldado, velho, patrão, curupira, fantasma, etc.
- <i>hípa</i>	humano masculino	• homem, amigo, filho, velho, jovem, etc.
<i>-ma</i>	humano feminino	• mulher, menina, velha.

Ramírez (p. 280) diz que certos classificadores não salientam somente forma de objetos, mas expressam ciclos temporais, como ‘dia’, ‘mês’, ‘ano’. São estes: *-áanhaa* ‘semana’; *-daa* ‘dia, noite’, *-pi* ‘mês’, *-wá.lhia* ‘ano’, *-wa.li* ‘certo (dia, etc.), certa vez’.

Para Ramírez os classificadores são morfemas que salientam um ponto de vista sobre um objeto e que, conseqüentemente, dividem os nomes em tantas classes nominais quantos são os classificadores; são morfemas que se apresentam sob forma de sufixos, em todos os modificadores do sintagma não-genitivo (do tipo ‘duas camisas bonitas’), mas não se sufixam à cabeça nominal (p. 281).

Os grandes problemas em relação aos classificadores Baniwa e Kuripáko, segundo Ramírez, são os seguintes:

a) Variabilidade na escolha do classificador por certos nomes, que têm um referente tão flexível que sua forma só pode ser definida pelo contexto. Ele dá como exemplo os nomes *iitsi.ji* ‘caça’ e *kóphe* ‘peixe’, os quais chama de hiperônimos e admite que viajam de uma classe nominal a outra. Isto vale, segundo Ramírez, para todos os nomes de características variáveis ou de forma “mal definida” do ponto de vista da classificação imposta pelos classificadores.

Exemplos:

*iitsi.ji* ‘animal de caça’ *apa-iíta iitsi.ji* ‘1 animal de caça (por ex.: macaco)’

*aapá-na iitsi.ji* ‘1 animal de caça (por ex.: anta)’

*apá-da iitsi.ji* ‘1 animal de caça (por ex.: queixada)’

*kóphe apa-iíta kóphe* ‘1 peixe (por ex.: mandi)’

*apa-aápa kóphe* ‘1 peixe (por ex.: aracu)’

Para Ramírez, o fato de que esses hiperônimos são associados a vários classificadores decorre do fato de que os classificadores próprios já são hiperônimos e que esta observação seria válida para todos os nomes de características variáveis ou de forma “mal definida” (do ponto de vista da classificação imposta pelos classificadores). Outros exemplos dados por Ramírez são os seguintes:

*sáave* ‘chave’ (empréstimo): *aphéwi /aapa-hiwi/ sáave* ‘1 chave (pequena)’, *apaíta /aapa-iíta/ sáave* ‘1 chave (grande)’

*káini* ‘mandioca’: *apáda /aapa-da/ káini* ‘1 mandioca (redonda)’, *apaápa /aapa-aapa/ káini* ‘1 mandioca (alongada)’

*ka.íaka* ‘galo, galinha’: *apaápa /aapa-aapa/ ka.íaka* ‘1 galo’, *apáda /aapa-da/ ka.íaka* ‘1 galinha’

*tóoda* ‘puçá’: *apá-da tóoda* ‘1 puçá (arredondado)’, *apa-póko tóoda* ‘1 puçá (circular)’, *apa-máka tóoda* ‘1 puçá (dobrado)’

*pa.íana* ‘banana’: *apaápa /aapa-aapa/ pa.íana* ‘1 banana’

b) Variabilidade na escolha do classificador de certos animais, que não pode ser explicada pela variabilidade do referente, como, por exemplo: *hée.ji* ‘mutuca’, *tháa.ɟa* ‘mariposa’.

Exemplos:

*apáapa hée.ji* ou *apaita hée.ji* ‘1 mutuca’

*apáapa tháa.ɟa* ou *apaita tháa.ɟa* ‘1 mariposa’

c) Mesma variabilidade na escolha de classificadores com a maioria das espécies de rã (-*aápa* ou -*iíta*) ‘macacos’ (-*iíta* ou -*ana*). Ramírez conclui afirmando que, para que não seja destruída a noção de classificadores, teríamos que admitir que muitos nomes têm um referente tão mal definido quanto a sua forma e que o seu comportamento estrutural se torna ambi- ou trivalente.

d) A variabilidade dialetal é outro fator que levanta ainda mais dúvidas sobre qualquer fundamento de classificação. Ramírez exemplifica isso comparando o dialeto central (falado pelos Hohódeeni) e o dialeto setentrional (falado pelo clã dos Ajáneeni). Reproduzimos, em seguida, o quadro comparativo dos dois dialetos:

Classificadores		
Nome	CI para o dialeto central	CI para o dialeto setentrional
<i>áatsia</i> ‘homem’	- <i>iíta</i>	- <i>da</i>
<i>mhóoko.ɲi</i> ‘pirañba’	- <i>khaa</i>	- <i>na</i>
<i>ko.ɲi</i> ‘surubim’	- <i>khaa</i>	- <i>na</i>
<i>doóme</i> ‘aracu sp.’	- <i>aápa</i>	- <i>iíta</i>

Segundo Ramírez, o mesmo nome, com exatamente o mesmo referente e a mesma forma, pode ter classificadores diferentes conforme a comunidade Baniwa-Kuripáko, o que, para esse autor, não corresponde a nenhuma diferença na forma ou, pelo que sabemos, na cultura. Diz Ramírez (2001:283):

“Estamos assim nos afastando de uma verdadeira classificação. Com a palavra “classificador” parece que nos esquecemos de algo fundamental, que não deve encontrar-se na sua semântica. Precisamos analisar de mais perto o verdadeiro funcionamento desses “classificadores”.”

Sobre a gênese nominal dos classificadores, Ramírez diz que a origem de certos classificadores (mais da metade deles) deve ser procurada do lado dos nomes dependentes, como são os casos das palavras *-éewhe* ‘ovo (de galinha, etc.)’ e *-wáthe* ‘nó (de árvore, etc.)’, e com os prefixos pessoais *.i+* 3nfs e *.i+* 3fsg:

	Registro formal	Registro informal
1 ovo dela (da galinha, etc.)	<i>apá-da .jóewhe /ɔ+eewhe/</i>	<i>apéewhe /aapa-eewhe/ .jóewhe</i>
2 ovos dela	<i>dzamá-da .jóewhe</i>	<i>dzaméewhe /dzama-eewhe/ .jóewhe</i>
1 nó dela (da árvore, etc.)	<i>apá-da .i+wáthe</i>	<i>apa-wáthe .i+wáthe</i>
2 nós dela	<i>dzamá-da .i+wáthe</i>	<i>dzama-wáthe .i+wáthe</i>

Como observa Ramírez, no registro formal, o classificador *-da* ‘Cl:arredondado’ sufixa-se ao numeral e salienta normalmente a forma do ovo ou do nó. No registro coloquial, é o próprio nome dependente que se sufixa ao numeral no lugar do classificador *-da*. Por outro lado, segundo Ramírez, sabe-se que a língua Baniwa-Kuripáko reduz freqüentemente os sintagmas genitivos quando se passa do formal ao coloquial (queda do conectivo *i+* com unidade acentual ao nível do sintagma): n.ind. *i+n.dep.* > n.ind.-n.dep.

Segundo Ramírez, vê-se, então, claramente, “...como certos nomes dependentes, ao serem contados, sufixam-se ao numeral e comportam-se, estruturalmente, exatamente como qualquer classificador.”(p. 284). Dessa forma, Ramírez traduz os exemplos acima como “ovo de unidade ovo dela”, “ovo de dualidade ovo dela”, “nó de unidade nó dela”, “nó de dualidade nó dele”.

O quadro seguinte corresponde ao que Ramírez chama de classificadores associados a partes botânicas ou partes de um todo, os quais são formalmente idênticos (com ou sem redução) ao nome dependente associado:

<b>CLASSIFICADORES ASSOCIADOS A CERTAS PARTES</b>		
<b>Nome dependente</b>	<b>Glosa geral</b>	<b>Classificador associado</b>
I – PARTES BOTÂNICAS		
<i>-nánaa</i>	tronco, pé	<i>-na</i>
<i>-phe</i>	folha	<i>-phe</i>
<i>-pa.ɲi</i>	raiz	<i>-khaa</i>
<i>-ke</i>	ramo, galho	<i>-kénaa</i>
<i>-éekhe</i>	semente	<i>-éekhe</i>
<i>-íjhi</i>	caroço	<i>-íjhi</i>
<i>-iináka</i>	fruta	<i>-da, -aápa, -ííta, -khaa</i>
<i>-íwi</i>	flor	<i>-íwi</i>
<i>-pi</i>	caule, pé (de palmeira)	<i>-pi</i>
<i>-pokóda</i>	touceira, toco	<i>-pokóda</i>
<i>-wáta</i>	curuatá	<i>-wáta</i>
<i>-wáthe</i>	nó	<i>-da, -wáthe</i>
<i>(-íitsia)</i>	cacho	<i>-i</i>

II – OUTRAS PARTES		
<i>-já</i>	pele, casca	<i>-ja</i>
<i>-éewhe</i>	ovo	<i>-da, -éewhe</i>
<i>-üjha</i>	excremento	<i>-(j)haa</i>
<i>-kódzoa</i>	curva (de rio, caminho)	<i>-kódzoa</i>
<i>-t5ówhia</i>	quarto, compartimento (de casa)	<i>-t5ówhia</i>
<i>-tsoi</i>	monte (de pedras, terra)	<i>-tsoi</i> (cf. 4.6.4.)
<i>-pawa</i>	igarapé (de um povoado)	<i>-pawa</i> (cf. 4.6.2.)
<i>-jawa</i>	cavidade	<i>-jawa</i> (cf. 4.6.2.)

Exemplos:

<i>aatsia</i>	homem	<i>-iíta</i>	<i>-da</i>
<i>mhóoko.li</i>	piraíba	<i>-khaa</i>	<i>-na</i>
<i>ko.li.ŋi</i>	surubim	<i>-khaa</i>	<i>-na</i>
<i>dóome</i>	aracú <i>sp.</i>	<i>-aápa</i>	<i>-iíta</i>

Exemplos com os nomes independentes fornecidos por Ramírez (p.285) são os seguintes:

*héma.ŋi* ‘abiu’ e *manákhe* ‘açai’:

*aapá-na héma.ŋi i+nánaa* ‘1 abiuzeiro’

*apá-phe héma.ŋi í+phe* ‘1 folha de abiu’

*apá-khaa héma.ŋi í+pa.ŋi* ‘1 raiz de abiu’

*apa-kénaa héma.ŋi í+ke* ‘1 galho de abiu’

*apéjhi /aapa-ijhi/ héma.ŋi üjhi* ‘1 caroço de abiu’

*apéewi /aapa-iiwi/ héma.ŋi üwi* ‘1 flor de abiu’

*aapá-pi manakhé-pi* ‘1 açazeiro’

*apa-wáta manákhe i+wáta* ‘1 curuatá de açai’

*apa-wáthe .ŋi+wáthe, apá-da .ŋi+wáthe* ‘1 nó’

*ápe /aapa-i/ manákhe* ‘1 cacho de açai’

*apá-ja dzawí-ja* ‘1 pele de onça’ (*dzáawi* ‘onça’)

*apá-da .íewhe, apéewhe /aapa-eewhe/* ‘1 ovo’ (*.íewhe* ‘ovo’)

*áphaa* /*aapa-jhaa*/ *ijháti* ‘1 excremento’ (*ijháti* ‘excremento’)

*apa-kódzoa* ‘1 curva’

*apa-tówhia* ‘1 quarto’

Ramírez (*ibidem*) observa que, com respeito aos nomes de vegetais, a língua reduz freqüentemente os sintagmas genitivos quando se passa do formal ao coloquial, *héma.ɿ i+phe* > *hema.ɿphe* ‘folha de abiu’, e também não sufixa a parte botânica ao nome do vegetal em dois casos: 1) quando se trata da fruta: *apá-da héma.ɿ* ‘1 (fruta) abiu’, *apaápa* /*aapa-aapa*/ *pa.ána* ‘1 banana’, e não *\*apá-da hema.ɿ-da*, *\*apaápa pa.xanaápa* (com *pa.ána* ‘banana’). Observa, ainda, que nesses casos a raiz nominal faz referência ao fruto. Finalmente, observa que não há propriamente nenhum nome dependente que se refira ao conceito de “cacho” e que o nome dependente *-iítsia* significa ‘cacho desprovido de seus frutos (de açáí, etc.)’.

Para Ramírez, todos esses fatos sugerem que muitos classificadores têm como origem um nome dependente. O quadro seguinte mostra que mais da metade dos classificadores podem ser derivados de nomes dependentes:

<b>ASSOCIAÇÃO NOME DEPENDENTE : CLASSIFICADOR</b>			
<b>Nome dependente</b>	<b>Glosa</b>	<b>Classificador</b>	<b>Glosa</b>
<i>-áanaa</i>	poço, caldo, suco	> <i>-áanhaa</i>	líquidos envasilhados
<i>-áaphit5e</i>	parte inferior	> <i>-áaphi</i>	superfície grande
<i>-áapi</i>	osso	> <i>-áapi</i>	forma de vasilha
<i>-áapo(wa)</i>	caminho (de alguém)	> <i>-áapo</i>	longo e flexível
<i>-Vpana</i>	casa (de alguém)	> <i>-dápana</i>	forma de edifício
<i>-hípa+ni</i>	cachoeira (de alguém)	> <i>-hípani</i>	cachoeira
<i>-híwi(da)</i>	cabeça	> <i>-híwi</i>	pontiagudo
<i>-jamáka</i>	pano (de alguém)	> <i>-máka</i>	forma de tecido
<i>-nánaa</i>	tronco, pé	> <i>-na</i>	forma de tronco
<i>-phe</i>	folha	> <i>-phe</i>	forma de folha
<i>-pi</i>	caule (de palmeira)	> <i>-pi</i>	forma de tubo alongado
<i>-pokóda</i>	touceira, toco	> <i>-póko</i> > <i>-pokóda</i>	forma circular touceira, toco
<i>-wáwa</i>	abdome	> <i>-wa (?)</i>	buraco

Ramírez (2001:286) propõe que os classificadores devem, assim, funcionar como qualquer nome dependente, de sorte que formam com o numeral um verdadeiro sintagma genitivo. Exemplos com o nome dependente *-phe* ‘folha (de vegetal)’ e *-pi* ‘caule (de palmeira)’:

*hema.í-phe* ‘folha de abiu’, *apá-phe* ‘1 folha’ (‘folha de unidade’)

*manakhé-pi* ‘caule de açai’, *aapá-pi* ‘1 caule’ (‘caule de unidade’)

Ramírez (p.275) apresenta uma série de morfemas que se sufixam aos numerais e se comportam, assim, como classificadores, expressando ‘pedaço, banda, metade, fatia’, ou um conjunto de objetos, ‘par, bando, feixe’. Exemplos: *-hipáda* ‘pedaço’; *-éema* ‘banda, lado’; *-ída* ‘metade’; *-wána* ‘fatia no comprimento’; *-náko* ‘feixe’; *-ána* ‘grupo, bando, remessa’; *-ma* ‘par’; *-pa* ‘embrulho’; *-i* ‘cacho’).

Alguns dos exemplos apresentados por Ramírez para ilustrar o uso desses quantificadores são:

*apeéma dáapa*            *aphepáda pa.ána*

/aapa-eema daapa/    /aapa-hipada pa.ana/

1 -banda paca            1 -pedaço banana

‘1 banda de paca’        ‘1 pedaço de banana’

Sobre combinações de sufixos e de classificadores, Ramírez (p. 293-294) diz que certos sufixos combinam-se com os classificadores, resultando em combinações muito ousadas, como são os casos de classificadores com marca de plural *-pe*, os quais têm sentido distributivo; os classificadores com a combinação *-nali+tsa*, expressando a unicidade do referente; classificadores com o sufixo **-ímiri**, indicando quase sempre os sujeitos gramaticais (em geral no plural).

Ramírez (p. 296) diz ainda que não se pode quantificar um nome sem a presença de um morfema obrigatoriamente sufixado ao numeral. Este morfema é um “relacionador sintagmático”, é um “hiperônimo” um “classificador”. Para este autor (p. 301-302) um “classificador” é, antes de tudo, um relacionador: um morfema que relaciona dentro de um sintagma nominal não-genitivo, o modificador com a cabeça nominal. Os classificadores aparecem, então, sufixados a qualquer modificador do sintagma nominal (numerais, adjetivos, interrogativos seletivos, nas posições, nos demonstrativos e em outras construções).

Ramírez (p.291) resume as propriedades estruturais e semânticas de todos os morfemas incluídos por ele na discussão sobre classificadores, da seguinte forma:

## I - Classificadores

Por exemplo: *-da, -na*, etc. (cf. 7.2.)

### *Estruturalmente*

- aparecem nos modificadores do sintagma do nome associado
- dividem os nomes em classes nominais

### *Semanticamente*

- são hiperônimos e “qualificadores”: especificam uma característica do nome associado

## II – Nomes dependentes (“quantificadores” ou não) (cf. 7.3.2., 7.3.4.)

Por exemplo: *-phe* ‘folha’, *-jhaa* ‘excremento’, *-ma* ‘par’, *hipada* ‘pedaço’, etc.

### *Estruturalmente*

- aparecem nos modificadores do sintagma do nome associado
- dividem os nomes em classes: nomes que têm folhas, que podem aparecer em pedaços, etc.

### *Semanticamente*

- são partes ou ‘quantificadores’: indicam uma certa quantidade do nome associado

Como se vê, todos estes morfemas têm o mesmo comportamento estrutural. Eles aparecem no mesmo ponto do eixo sintagmático e podem comutar entre si. Eles pertencem à mesma classe de posição e são mutuamente exclusivos. Exemplos com o nome *pa.áana* ‘banana’:

*/aapa-aapa pa.áana/* ‘1 banana’ (lit. 1 oblongo de banana, *-aápa* Cl:banana)

*laapa-hipada pa.áana/* 1 pedaço de banana (*-hipáda* ‘pedaço’)

*\*laapa-aapa-hipada pa.áana/* ‘1 pedaço de banana’

*\*laapa-hipada-aapa pa.áana/* ‘1 pedaço de banana’

Ramírez (2001:301) observa também que o único quantificador ao qual se sufixa obrigatoriamente um classificador (fora os numerais de 1 a 4) é *kada.i-* ‘quantos?’ Por exemplo:

*kada.í-na tsúino?* ‘quantos cães?’ (*-na* Cl:cão, etc.)

*kada.í-wa.i?* ‘quantas vezes?’ (*-wa.i* Cl:vez)

### 3.1.4. Baníwa do Içana/Kuripako, Aikhenvald (2007)

O quarto trabalho do qual tratamos aqui é o de Aikhenvald (2007). Em sua pesquisa sobre gênero e classificadores em Baníwa do Içana/Kuripako Aikhenvald (2007:476) conclui que essas línguas combinam um sistema de dois gêneros com classificadores, embora as duas categorias, sejam expressas independentemente. Por outro lado, Aikhenvald afirma que os dois sistemas interagem um com o outro e ambos refletem categorizações de nominais, ao passo que os classificadores para referentes humanos refletem distinções de gênero nas marcas pessoais livres e presas, nos demonstrativos e também são expressos por meio de sufixos derivacionais próprios dessa categoria.

Quanto aos classificadores, Aikhenvald (p. 479) propõe a sua organização em quatro grupos de acordo com as formas que eles tomam em três ambientes distintos, a saber: (I) em construções predicativas e em verbos, (II) em numerais e (III) em adjetivos. Os classificadores estariam, segundo Aikhenvald, distribuídos em quatro grupos, como sumarizado abaixo:

CONJUNTOS			CONTEXTOS			
			I	II	III	I, II, III
A	humanos, animados superiores e elementos relacionados	animados não femininos e elementos relacionados	<i>-ita</i>	<i>-ita</i>	<i>ite (&gt; ita-y)</i> <i>da-ri</i>	
		humanos não femininos		<i>-hipa</i>		
		feminino animado	<i>-ma</i>		<i>-da zu-</i>	
B	forma, consistência, especificação e objetos específicos					
B1	distinguem duas formas, uma ocorre	Objetos arredondados,	<i>-da</i>	<i>-da-ri</i>		

	nos contextos I e II, a outra no contexto III	fenômenos naturais e classificador genérico: exs.: <i>itfida</i> 'tartaruga' <i>hipada</i> 'pedra' <i>idza</i> 'chuva'			
		animados voadores não- femininos	<i>-apa</i>	<i>-apa-ri</i>	
		Animados voadores femininos	<i>-apa</i>	<i>-apa-zu</i>	
		objetos chatos, redondos, estendidos	<i>-kwa</i>	<i>-kway-kwa- y</i>	
		objetos curvos	<i>-kha</i>	<i>-khay</i> ( <i>&lt;kha-y</i> )	
		objetos verticais levantados e em pé	<i>-na</i>	<i>-ne, -nay</i> ( <i>&lt;-na-y</i> )	
		objetos pequenos e convexos	<i>-∅</i>	<i>-yari</i>	
		objetos esparramáveis e estendidos	<i>-maka</i>	<i>-make</i> ( <i>&lt; maka-y</i> )	
		líquidos	<i>-ahna</i>	<i>-ahne</i> ( <i>&lt; ahna-y</i> )	
		um lado	<i>-ima</i>	<i>-ima-ri</i>	
		bando, caixa	<i>-pa</i>	<i>-pa-ri</i>	

		de, parcela			
		fatia fina	<i>-wana</i>	<i>-wane</i> ( <i>&lt; -wana-y</i> )	
		conjunto pronto para ser carregado	<i>-wata</i>	<i>-wate</i> ( <i>&lt; -wata-y</i> )	
		I:ta'canao'	<i>-∅</i>	<i>-a(-ri)</i>	
		uni 'rio'	<i>-pawa</i>	<i>-pawa-ni</i>	
		Ija 'escremento'	<i>-fa</i>	<i>-fa-ri</i>	
		peles 'dzawiya' (pele de onça)	<i>-ya</i>	<i>-ya(-ri)</i>	
B2	empregam uma mesma forma em todos os contextos	objetos pontudos e longos	<i>-hiku</i>		
		objetos afiados e finos	<i>-hiwi</i>		
		objetos pequenos do tipo semente	<i>-ifi</i>		
		peças de roupas dobradas	<i>-ku</i>		
		long, thin objects	<i>-pi</i>		
		small holes	<i>-wa</i>		
		cavidades grandes, espaços abertos	<i>-yawa</i>		
		longa extensão	<i>-pelu, -peki</i>		

		objetos côncavos	<i>-api</i>	
		espaços limitados	<i>-aphi</i>	
		objetos finos, longos, do tipo vara	<i>-apu</i>	
		peça, metade	<i>-hipada</i>	
		metade	<i>-ida</i>	
		feixe de objetos longos	<i>-naku, -naki</i>	
		junta	<i>-tawahre</i>	
		ciclo temporal	<i>-wari</i>	
		panti 'casa'	<i>-apana</i>	
		ovo, caroço de fruta	<i>-ihwe</i>	
		<i>hipa</i> 'cachoeira'	<i>-hipane</i>	
		<i>tuwhya</i> 'cômodo'	<i>-tuwhya</i>	
C	usados apenas com numerais	feixe de frutos grandes		<i>-i</i>
		feixe de açaí		<i>-itfa</i>
D	usados apenas com adjetivos	plural para nomes com referentes animados e seus atributos		<i>-peni</i>
		plural de animados coletivos		<i>-pezi</i>

Segundo Aikhenvald (p. 487), a escolha de classificadores no Baníwa e no Kuripáko ajuda a sublinhar diferentes facetas do significado de nomes polissêmicos, mas depende também de qual aspecto do referente é sublinhado. Assim, um osso, *-ñapi*, pode ser visto como parte de um corpo humano, caso em que requer um classificador animado, como no exemplo seguinte:

- 1)        *apa-ita*                      *i-ñapi*        *maka-ite*  
um-CL:NÃO-FEM.ANIM    IND-osso    grande-ADJ.CL:NÃO-FEM.ANIM  
‘um osso grande’ (visto como parte do corpo humano) (Aikhenvald 2007:487)

Contudo, o mesmo osso pode ser considerado um objeto vertical como no exemplo seguinte:

- 2)        *apa-na*                      *i-ñapi*        *maka-ite*  
um-CL:VERT    IND-osso    grande-ADJ.CL:VERT  
‘um osso grande’ (considerado como um objeto longo vertical, i. é, um osso de perna) (Aikhenvald 2007:488)

ou como algo longo:

- 3)        *apa-pi*                      *i-ñapi*        *maka-pi*  
um-CL:LONG    IND-osso    grande-ADJ.CL:LONG  
‘um osso longo’ (o osso de uma tartaruga usado para fazer uma flauta) (Aikhenvald 2007:488)

ou, ainda, pode ser visto como um objeto em geral, como ilustrado pelo próximo exemplo:

- 4)        *apa-da*                      *i-ñapi*        *maka-dari*  
um-CL:VERT    IND-osso    grande-ADJ.CL:VERT  
‘um grande osso’ (visto como um objeto) (Aikhenvald 2007:488)

Aikhenvald observa que um classificador de forma, normalmente aplicado a objetos, pode eventualmente classificar um ser humano, enfatizando uma característica sua, análoga à de determinados objetos. Ela observa, ainda, que os classificadores podem também ocorrer em nomes com referentes não humanos para expressar uma propriedade particular. Assim, *tfinu* significa ‘cachorro’, mas pode-se dizer *tfinu-da* /cachorro-cl.redondo/ para expressar a qualidade redonda do cachorro. Finalmente, Aikhenvald observa que o modo como o falante nativo escolhe os classificadores é muito mais como escolher um item lexical do que aplicar uma regra gramatical específica.

Quanto à obrigatoriedade do uso de classificadores no Baníwa e no Kuripako, Aikhenvald nota que eles são obrigatórios em todos os contextos, exceto nas orações de propósito, a menos que o objeto de uma oração de propósito seja tópico.

Finalmente, Aikhenvald (p. 490) observa que classificadores em Baníwa são usados anaforicamente, e que há casos em que um referente pode não ser mesmo mencionado por um nome, como no exemplo seguinte:

5) <i>ñame</i>	<i>ri-uma</i>	<i>ri-dana-ka</i>	<i>nu-hriu-ni-tsa</i>	<i>aphewi</i>
não	3SG.NF- querer	3sG.NF-escrever- DECL	1SG-para-3SG.NFO/SO-ENF	um-CL:PONTUDO

‘isso não quer escrever, eu ytenho uma outra (caneta)’ (Aikhenvald 2007:490)

### 3. 2. Algumas considerações finais

Apresentamos, em seguida, uma síntese das principais características dos sistemas classificatórios de entidades do Baníwa e do Kuripáko, de acordo com os quatro autores dos trabalhos comentados nas seções precedentes. Como dissemos no início deste capítulo, nosso objetivo é o de focalizar o progresso dos estudos sobre este tema na gramática dessa língua, elencando cronologicamente as diferentes contribuições que representam as diferentes visões que cada autor tem com respeito ao sistema classificatório do Baníwa e do Kuripáko. É também nosso objetivo apontar quais os pontos em que essas contribuições convergem e quais os pontos em que divergem.

As variedades estudadas por cada autor foram as seguintes: Baníwa-Siusí, Taylor (1985, 1988 e 1991) e Hohodene (Taylor 1989/90), Baníwa-Hohodene (Baltar

1995), Baníwa, dialeto Central (Hohodene, Waliperi-Dakenai, Maólieni (acima de Assunção até Matapí e seus afluentes Ayarí e Cuiarí) (Ramírez 2005) e Baníwa do Içana e Kuripáko (Aikhenvald 2007).

Taylor (1991) já descrevera para o Baníwa morfemas com função classificadora de substantivos em classes e a distinção de gênero masculino e feminino. Mas foi Baltar (1995) quem propôs uma organização dos classificadores de acordo com critérios semânticos (forma ou contorno: longo, vertical, forma de folha, forma de banana; função: instrumento).

Mais de uma década depois do trabalho de Taylor, Ramírez (2001) descreveu os classificadores do Baníwa como morfemas que salientam um ponto de vista sobre um objeto e que dividem o nome em tantas classes nominais quantos são os classificadores. Recentemente, Aikhenvald (2007) propôs a organização dos classificadores Baníwa / Kuripáko em quatro grupos: (1) humanos animados superiores e elementos relacionados; (2) forma, consistência, especificação e objetos específicos; (3) usados apenas com numerais; (4) usados apenas com adjetivos.

Já em 1991, Taylor descrevera três tipos de classificadores para o Baníwa: nominais, numerais e adjetivais, enquanto Baltar (1995), Ramírez (2001) e Aikhenvald (2005) descrevem estes e um tipo a mais, os classificadores “verbais”.

Um fato interessante a respeito dos classificadores Baníwa / Kuripáko, percebido primeiramente por Taylor (1991), é o de que os classificadores do *numeral* e do *adjetivo* não são necessariamente idênticos, e que às vezes podem fornecer informações complementares sobre o objeto que qualificam. Todos os outros autores perceberam esta particularidade.

Sobre a noção de gênero, já Taylor (1991) observara que termos de parentesco recebem sufixos: *-ri* ‘masculino’ e *-ru* ‘feminino’. Baltar (1995) contribuiu com a idéia de que a oposição de gênero é marcada em um certo número de nomes derivados (nominalizações). Ramírez (2001) reiterou o que foi observado por seus predecessores, afirmando que, em Baníwa, certos nomes dependentes têm sempre uma marca de gênero, *+i* ‘masculino’ e *+jo* ‘feminino’, que segue a raiz e que isto se verifica especialmente nos termos de parentesco. Aikhenvald (2007) diz que os gêneros masculino e feminino são em Baníwa e em Kuripako distinguidos nas marcas pessoais livres e presas, nos demonstrativos e também são expressos por meio de sufixos derivacionais próprios dessa categoria.

Taylor (1991) foi o primeiro a observar que as partes do corpo humano em Baniwa são semelhantes aos termos de parentesco, já que os dois precisam de um prefixo pessoal que indica o possuidor. Quando não é assim, o prefixo pessoal é substituído por uma marca especial *i-* e leva o sufixo “absoluto” *-tti*.

Quanto aos problemas referentes aos classificadores do Baniwa / Kuripáko, Taylor (1991) já havia observado que, para o informante Domingos, o classificador *-da* é “redondo”, mas pode funcionar como um classificador “genérico” de roupa e de períodos de tempo. Com isso, Taylor abre a discussão sobre o que foi interpretado posteriormente por Baltar (1995) como um alto grau de flexibilidade semântica dos nomes, resultando em várias possibilidades de reclassificação. Para este autor, a flexibilidade semântica tanto das classes nominais, quanto dos classificadores, é uma característica marcante da língua Baniwa. Baltar coloca, dessa forma, o sistema de classificação Baniwa / Kuripáko mais perto do léxico do que da gramática, já que dentro do mesmo dialeto ou às vezes dentro da mesma família os informantes não usam o mesmo classificador; as classes nominais, apesar de serem fechadas enquanto sistema, são, por outro lado, flexíveis, permitindo várias possibilidades de reclassificação de um mesmo nome. Esta idéia é retomada por Ramírez (2001), que trata a questão como “*características variáveis e de forma mal definida*”, de “variabilidade dialetal e de variabilidade na escolha dos classificadores como de animais (peixe, caça, mutuca, mariposa, espécies de rãs, macacos...)”, e observa que muitos só podem ser definidos pelo contexto, uma vez que são, na sua visão, verdadeiros hiperônimos. Para Aikhenvald (2007), a escolha de classificadores no Baniwa e no Kuripáko ajuda a sublinhar diferentes facetas do significado de nomes polissêmicos, como descrito para o Burmês por Backer (1975:13), mas depende também de qual o aspecto do referente que é sublinhado. Assim, segundo Aikhenvald, o modo como o falante nativo escolhe os classificadores é muito mais como escolher um item lexical do que aplicar uma regra gramatical específica.

Sobre concordância e obrigatoriedade no uso dos classificadores, Taylor (1991) diz que concordância relativa a classes nominais é obrigatória em construções de nome-núcleo-modificador, quando os modificadores são adjetivais. Para Baltar (1995), a concordância com classificador é obrigatória. As classes nominais são obrigatórias nas concordâncias de nome com o modificador (adjetivo), enquanto as concordâncias com os classificadores são obrigatórias nas construções de numerais e de genitivos. No entanto, observa que a concordância nos classificadores verbais incorporados não é

obrigatória nas frases relativas e intencionais e que a concordância depende do papel do nome no discurso, de acordo com os seguintes parâmetros: a) funcionamento do nome núcleo como foco do discurso e b) definição do referente (p. 54). Observa, ainda, que os classificadores genitivos são obrigatoriamente usados em construções possessivas sem núcleo. Para Aikhenvald (2007), os classificadores são obrigatórios em todos os contextos, exceto na orações de propósito.

Sobre a origem dos classificadores, Taylor (1991) observa que certos classificadores não parecem ter uma origem lexical; outros reproduzem o lexema principal de categoria. Embora Baltar (1995) não discorra sobre este assunto, coloca o sistema de classificação mais perto do léxico do que da gramática, já que dentro do mesmo dialeto ou, às vezes, dentro da mesma família, os informantes não usam o mesmo classificador. Para Ramírez (2001), a origem de certos classificadores (mais da metade deles) deve ser procurada do lado dos nomes dependentes, uma visão análoga à de Taylor e à de Baltar.

Quanto ao uso anafórico dos classificadores Baniwa /Kuripáko, foi Baltar (1995) o primeiro a observar que são usados anaforicamente como recurso de recuperação do referente no discurso. Aikhenvald (2007) contribuiu com a informação de que há casos em que um referente pode não ser mesmo mencionado por um nome.

Taylor (1991) foi o primeiro a observar que os classificadores nominais em Baniwa são essencialmente sufixos que se juntam às raízes numéricas: *apa* ‘um’, *dama* ‘dois’, *mardari* ‘três’, e a forma mais complexa *rikua-* “quatro” (derivada de locução *rikua* “é suficiente”). Estes morfemas são seguidos obrigatoriamente por um sufixo (que pode também ser -∅) classificador de objetos ocultos. Ramírez (2001) trata os numerais cardinais como formas presas (*aapa-* 1; *dzama-* 2; *mada.li-* 3), as quais aparecem seguidas por um sufixo apropriado, dependendo do nome que modificam, como *aapidza* ‘queixada’; *heema* ‘anta’; *áada.ju* ‘arara’; *piiti.ji* ‘morcego’ e *áapi* ‘cobra’.

Finalmente, sobre a função derivacional de classificadores, Baltar (1995) considera que estes são amplamente empregados como sufixos derivacionais.

Essas considerações dos estudos anteriores sobre o Baniwa / Kuripáko põem em relevo alguns dos avanços ocorridos no estudo científico da classificação lingüística das entidades, de acordo com a visão de mundo dos Baniwa / Kuripáko, e permitem a observação de que as principais idéias sobre essa classificação já haviam sido enfatizadas nos primeiros trabalhos sobre a língua. As considerações permitem ainda a observação de que não houve até o presente uma proposta de análise dos classificadores

Baníwa / Kuripáko que considerasse a proposta de Grinevald de que os classificadores amazônicos seriam realmente um meio caminho entre um sistema de classificação +lexical e +gramaticalizado, que esta autora chama de “classificadores”.

No próximo capítulo, apresentaremos nossa análise dos sistemas classificadores das entidades na visão do povo Baníwa.

## **CAPÍTULO IV – ANALISANDO NOVOS DADOS E REVENDO CONCEITOS**

### **4.1. Introdução**

No capítulo anterior, vimos as principais idéias desenvolvidas por Taylor (1991), Baltar (1995), Ramirez (2001) e Aikhenvald (2007) sobre os diferentes morfemas que dividem nomes em classes nas línguas Baníwa e Kuripáko, suas respectivas funções, organizações internas, e seus respectivos status gramaticais e funções discursivas. Observamos que esses estudos concordam em que a língua distingue classes de nomes de acordo com gênero (masculino e feminino) e de acordo com características físicas e funcionais das entidades que os nomes referem. Concordam também que esta classificação é sujeita a variabilidade, de acordo com dialetos e indivíduos, e que os classificadores são obrigatórios em alguns contextos estruturais, como em combinação com numerais e em predicados atributivos. Concordam, ainda, que os morfemas classificadores têm origem lexical e que se comportam mais como elementos do léxico do que como morfemas gramaticais.

Neste capítulo, com base em novos dados, apresentaremos algumas contribuições para a discussão sobre os morfemas classificadores do Baníwa Kuripáko, que esperamos possam contribuir para uma maior compreensão de sua natureza, função e escopo.

### **4. 2. Sobre a natureza das classificações dos nomes em Baníwa/Kuripáko**

Os dados coletados para fundamentar este estudo contribuem com a idéia de que, na visão dos Baníwa e dos Kuripáko, as entidades são classificadas de acordo com (a) a dependência ou independência da sua existência no mundo, (b) com o seu gênero – masculino ou feminino – e (c) com suas características físicas e funcionais. A dependência ou independência é expressa morfologicamente no próprio nome que refere à entidade. O gênero é marcado no nome que refere à entidade, codificando o determinante deste e nos predicados, marcando as funções argumentativas que exercem as entidades (sujeito e objeto), e, finalmente, as características físicas e culturais são marcadas por meio de morfemas combinados com modificadores dos nomes que referem as entidades.

#### 4.2.1. Classificação de entidades relativas (dependentes) e absolutas (independentes)

Na visão de mundo dos Baniwa, as entidades relativas requerem um determinante, de forma que só podem ocorrer na sintaxe se e somente se em combinação com o seu determinante, ou transformados em absolutos por meio de derivação. São relativas as entidades que expressam partes de um todo (corpo humano, animais, plantas, relações de parentesco, alguns objetos culturais, entre outros); são absolutas as entidades cujos referentes são percebidos como de existência independente, como céu, terra, entre outros. Esta é a divisão fundamental das entidades na visão dos Baniwa. Nomes que referem entidades dependentes se combinam com um determinante, já os independentes só podem combinar-se com um determinante se a relação de determinação for mediada por um dos sufixos mediadores de posse (mp) *-ti*, *-te*, *-ni*.

Exemplos:

6.a	<i>na-ati-te</i>	~	<i>na-ati-ni</i>
	1-pedra-mp		1-pedra-mp
	‘minha pedra’		‘minha pedra’
6.b	<i>nu-hemari-te</i>	~	<i>nu-hemari-ti</i>
	1-abiu –mp		1-abiu –mp
	‘meu abiu’		‘meu abiu’
6.c	<i>nu-pewa-te</i>	~	<i>nu-pewa-ni</i>
	1-piaba-mp		1-piaba-mp

Uma situação em que a palavra pedra se combina com *-te*, é como, por exemplo, se alguém pegou a minha pedra, então eu pergunto: ‘Quem pegou minha pedra?’, então pedra se combina com *-te*. Mas, se eu falo de uma pedra que está na minha mão, eu uso *-ni*. Mas se eu chegar com a pedra na mão e disser: ‘Esta é tua pedra?’ (com *-ni*), o ouvinte vai dizer ‘É minha pedra’ com *-te*, pois ela está na mão do outro. Este é um ponto que deverá ser testado com outros falantes da língua Baniwa.

A variação no uso das formas mediadoras de posse pode estar relacionada à acessibilidade/visibilidade do objeto foco do discurso por parte do falante e do ouvinte.

Por outro lado, nomes que referem entidades dependentes podem ocorrer na forma absoluta, mas se combinadas com o sufixo *-ti* absoluto e o prefixo *i-* impessoal, como no exemplo 7):

- 7) nu-kapa      i-kapi-ti  
1-ver          imp-mão-mp  
'eu vi mão'

Há nomes que referem entidades que podem ser ou masculinas ou femininas (aqui cabem melhor os termos *macho* e *fêmea*, respectivamente, por se tratar de gênero biológico), de forma que os nomes combinam-se com sufixos que distinguem o gênero dos seus respectivos referentes. Os nomes que referem entidades tidas como femininas combinam-se com o proclítico *ɟo-*, já os que referem entidades masculinas combinam-se com o proclítico *ɲi-*, os quais marcam o determinante desses nomes.

Dos nomes com referentes animados, se +humanos, a marcação de gênero é biologicamente motivada, de sorte que um mesmo tema nominal pode combinar-se seja com a marca *ɲi-*, seja com a marca *ɟo-*, se o seu referente é respectivamente +/-feminino, analogamente como ocorre com a marcação de gênero em português, em temas como *velh-* 'velho/velha', *menin-* 'menino/menina', *moç-* 'moça/moço', entre outros. Em Baníwa e em Kuripáko o gênero biológico é associado a termos de parentesco, estágios de maturidade dos humanos, classes sociais, entre outros.

Gênero é também marcado por meio de clíticos pessoais nos núcleos verbais (proclíticos e enclíticos), em núcleos de predicados atributivos (enclíticos), em núcleos nominais e posposicionais (proclíticos), em formas pronominais independentes e em pronomes demonstrativos (cf. Ramirez 2001). Há uma série de clíticos pessoais cujas formas para terceira pessoa do singular têm, cada uma, dois alomorfes, um oral e um nasal.

Série de clíticos pronominais			
	A/Sa/Po/oP	So/O	
	<i>no+</i>	<i>nhoa</i>	1
	<i>pi+</i>	<i>phia</i>	2
	<i>wa+</i>	<i>wha</i>	123
	<i>i+</i>	<i>iha</i>	23
	<i>(.J)i+</i>	+ <i>(n/.J)i, (.Jhia)</i>	3m
	<i>(.J)u+</i>	+ <i>(n/.J)u (.Jhua)</i>	3f
	<i>na+</i>	<i>nha</i>	3p

Os alomorfes orais das terceiras pessoas se procliticizam ao núcleo do predicado verbal, marcando o sujeito ativo destes. Os alomorfes nasais/orais se encliticizam ao núcleo verbal, marcando o objeto de verbos transitivos ou o sujeito de predicados atributivos, ou seja, marcando argumentos menos ativos (ou mais patientivos).

Exemplos:

A

- 8.a) *ri+kápa nhoa*  
 3nf +ver 1  
 ‘ele me vê’

A

- 8.b) *ro+kápa nhoa*  
 3f +ver 1  
 ‘ela me vê’

SA

- 8.c) *wamu ri-watsakawa*  
 preguiça 3nf-pular  
 ‘a preguiça pula’

So

- 9a) *pana-phe ewaka-ni*  
folha-cl vermelha-3nf  
'a folha é vermelha'

So

- 9b) *mari hakapa-ni*  
garça branca-3nf  
'a garça é branca'

So

- 10) *iinónaa+no*  
triste+3f  
'ela está triste'

Os alomorfes orais desta série combinam-se também com nomes dependentes e com posposições, marcando o seu determinante:

11)	Nomes relativos		12)		
	Exemplo	Glossa		Exemplo	Glossa
'1'	nu+kápi	'minha mão'		nú+pana	'minha casa'
'2'	pi+kápi	'mão de você'		píi+pana	'casa de você'
3m	lí+kápi tahã	'mão dele'		líi+panéna hã	'casa dele'
3f	ju+kápi suanahã	'mão dela'		juu+pana suanahã	'casa dela'
1p	wa+kápi	'nossa mão'		wáa+pana	'nossa casa'
2p	i+kápe seazahã	'mão de vocês'		ii+pané hiá	'casa de vocês'
3mp	na+kápe hatahã	mãos deles/ delas'		íi+pana xia zahã	'casa deles delas'
genérico	pa-kapi 'mão'	'mão'		pan-ti	'casa'

13)	-nako	‘em, sobre’
‘1’	no-mawipi-ni-nako	‘na minha zarabatana’
‘2’	pi-mawipi-ni-nako	‘na tua zarabatana’
3m	li –mawipi-ni-nako	‘na zarabatana dele’
3f	ɟu –mawipi-ni-nako	‘na zarabatana dela’
1p	wa-mawipi-ni-nako	‘na nossa zarabatana’
2p	i-mawipi-ni-nako	‘na zarabatana de vocês’
3p	na-mawipi-ni-nako	‘na zarabatana deles’

Consideramos as formas pessoais de terceira pessoa acima clíticos, uma vez que são mutuamente exclusivas com outros clíticos pessoais, como mostram os exemplos seguintes:

14) *nu+apa +p<sup>h</sup>ia*      *madari-da*      *hekuapi*  
 1+esperar+2      três-cl      dia  
 ‘esperei você por três dias’

15) *nu+apa + ni*      *madari-da*      *hekuapi*  
 1+esperar+3nf      três-cl      dia  
 ‘esperei ele por três dias’

Taylor (1991) já mostrou que as formas pessoais independentes são resultados da combinação dos clíticos pessoais com o morfema *ha*, combinação esta que resulta na metátese de *h*, como em *nu+ ha > nhua*.

O Baníwa e o Kuripáko distinguem ainda entidades unitárias e plurais, mas são as entidades humanas que recebem sufixos marcadores de plural ou coletivizadores, como *-nai* e *-pe*, ou a combinação dos dois, *-nai-pe* (cf. Ramirez 2001). Há certos nomes de referentes não humanos, que podem ser pluralizados por meio desses sufixos, como peixe, casa, entre outros. Com respeito aos demais nomes cujos referentes são contáveis, a pluralidade é expressa por meio de elementos anafóricos, como a forma de terceira pessoa plural *na* combinada com o morfema *ha*, como em *nháa tsíno* ‘os

cachorros’, *nháa kóphe* ‘os peixes’; numerais, como em *dzamána tsúino* ‘dois cachorros’; e outros quantificadores, como em *manópe tsúino* ‘muitos cachorros’. Essas estratégias são, de toda forma, usadas com nomes contáveis em geral.

#### 4.2.2. Classificação de entidades com respeito à forma/função

Como vimos nos dois capítulos precedentes, o Baniwa e o Kuripáko possuem meios formais para classificar entidades, de acordo com características de forma ou de função dessas entidades. Vimos que os lingüístas procuram fundamentar a sua distribuição com nomes, procurando elos semânticos que fundamentem as suas propostas. Ramirez (2001) apresenta um quadro contendo cinco morfemas classificadores de forma, que se combinam com nomes de animais, mas alguns desses morfemas integram um quadro mais geral de classificadores, o qual inclui nomes de animais, mas que não se restringe a eles. Estes são os casos dos morfemas glossados como ‘oblongo’ e ‘arredondado’.

CLASSIFICADORES DE FORMA		
Significante	Glosa geral	Designação dos termos associados
-aápa	oblongo	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Certos animais, em geral de forma oblonga.</li> <li>• Certos tubérculos ou frutos oblongos: milho, macaxeira, ingá, banana, abacaxi, etc.</li> <li>• Copo, caneco.</li> </ul>
-da (métrico centrípeto)	arredondado	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Certos animais, em geral de forma arredondada.</li> <li>• Humano: criança, recém-nascido.</li> <li>• Frutos e tubérculos arredondados: goiaba, pimenta, mamão, manga, limão, laranja, abiu, maracujá, grão de feijão, mandioca, cará, etc.</li> <li>• Partes do corpo arredondadas: olho, coração, bochecha, inchaço, ovo, etc.</li> <li>• Seres em geral arredondados: pedra, ilha, estrela, nuvem, maracá, banquinho (<i>éedai</i>), pão, etc.</li> <li>• Objetos de empréstimos culturais: camisa, saia,</li> </ul>

		calças, roupa, sacola, rádio, caneco, maleta, caixa, livro, motor, campo, hora, etc.
<i>-daa</i>	---	• Dia, noite.

Ramirez (2001) separa dois conjuntos de morfemas que classificam entidades, os que classificam seres humanos e os que têm ocorrência restrita. Para Ramirez, como vimos anteriormente, os classificadores são morfemas que salientam um ponto de vista sobre um objeto e que, conseqüentemente, dividem os nomes em tantas classes nominais quantas são os classificadores. Segundo esse autor, o mesmo nome, com exatamente o mesmo referente e a mesma forma, pode ter classificadores diferentes de acordo com a comunidade Baníwa-Kuripáko, o que, para esse autor, não corresponde a nenhuma diferença na forma ou na cultura. Diz Ramirez (2001:283):

### **4.3. Considerações sobre os classificadores Baníwa**

Os dados analisados neste estudo nos permitem chegar a algumas conclusões com respeito à classificação da maioria dos nomes Baníwa em classes.

Do nosso ponto de vista, trata-se de uma classificação do referente dos nomes, ou seja, uma classificação da entidade que o nome refere, embora as expressões usadas para nomear classificações análogas em outras línguas tenham sido as de “classificação nominal”, “classificação numeral”, “classificação de demonstrativos”, “classificação com incorporação”, “repeaters”, entre outras. Entretanto, em sistemas classificatórios como o existente na língua Baníwa e na língua Kuripáko, o que é levado em conta são as entidades, de forma que elas é que são objetos de classificação.

#### **4.3.1 O escopo da classificação de entidades no discurso Baníwa**

Outra coisa é a importância dessa classificação na cultura Baníwa/Kuripáko, o que faz dela uma força penetrante na gramática dessas línguas. Dada a grande importância, para os Baníwa e Kuripáko, de salientar, através da língua, aspectos

semântico-funcionais relativos ou inerentes às entidades sobre as quais se fala, é natural que sejam feitas referências a esses aspectos em todas as situações, em que uma expressão lingüística mantém uma relação sintática modificadora com um nome que refere à entidade em foco no discurso.

Assim, expressões numerais e adjetivas estão em uma relação sintática direta com o nome que refere à entidade em foco.

- 17) no-inoa apa-da arídari hoiwi-da-ri  
 1-matar um-cl tatu gostoso-cl-3mas  
 ‘matei um tatu gostoso’ (Moríweni (Sucuriú Tapúia), Adzeneeni, Wariperi Dákenai (Siucí Tapúia), Koripáko)

- 18) nu-oma apa-da pan-tti maka-da-ri  
 1-querer um-cl casa-abs grande-cl-3mas  
 ‘quero uma casa grande’ (Dzawini (Yawareté Tapúia), Adzeneeni, Wariperi Dákenai (Siucí Tapúia), Koripáko, maio de 2008)

As possibilidades de um adjetivo ou de um numeral não concordar com alguma característica classificadora do referente de um nome são pouco freqüentes (voltaremos a esse assunto adiante). Por outro lado, formas de terceira pessoa como *Jhia* ‘3m’, *Jhoa* ‘3f’ e *nháa* ‘3pl’ podem ou não combinar-se com classificadores de um nome. Nos exemplos seguintes (foram preservadas as numerações originais), a forma independente *nháa* não se combina com o classificador *-na* relativo a *tsino* ‘cachorro’:

(631) *nháa dzamána tsiino matsianépe...*

/nhaa dzama-na tsiino matsia-na+i-pe/

os 2-Cl:cão cão bonito-Cl:cão+nom-pl

os 2 cães bonitos (extraído de Ramirez, p. 417)

*nháa dzamána notsínoni matsianépe*

/nhaa dzama-na no+tsiino+ni matsia-na+i-pe/

os 2 -Cl:cão 1sg+ cão +Dep bonito-Cl:cão+nom-pl

‘os meus 2 cães bonitos’ (Ramírez, p.311)

Pode inclusive seguir a expressão numeral como em:

(638) *madaḷinápe nháa nhóni.ḷi itsínoni*

/madaḷi-na-pe nhaa no+hani+ḷi i +tsiino+ni/

3 -Cl:cão-pl os 1sg+pai+Con+cão+Dep

‘os 3 cães de meu pai’ (Ramírez, p. 312)

Ramírez diz que a forma masculina *Jhiá* pode combinar-se com um classificador, principalmente como ênfase:

*Jhiápa paJána*

/Jhia-aapa paJana/

ele -Cl:banana banana

‘aquela banana’ (Ramírez, p. 628)

O que parece ocorrer é que as formas acima não são modificadoras de nome, como ocorre com os adjetivos e numerais. Ramírez (p.415) identifica a forma *kóame* como um outro tipo de palavra, que se combina com classificador, servindo do que ele chama de interrogativo seletivo. E Ramírez (ibidem) faz ainda uma observação importante, a de que nesse tipo de construção o interrogativo forma sintagma com o nome que o segue, como no exemplo seguinte:

(984) *koaméda.fi matsókaka Maria idzeekatanída?*

/koame-da+fi matsoka+ka Maria i+dzeekata+ni-da/

como-Cl+m farinha+Sub Maria Con+fazer+nom:paciente-Cl

*qual (foi) a farinha que Maria fez?* (lit. ...*farinha coisa feita por Maria*)

(o classificador é **-da** Cl:paneiro, etc., a farinha sendo empaneirada)

Nos exemplos seguintes há a combinação do interrogativo *koame* com classificadores:

985) *koamedápanatshaa paNVḷi(ka) pidzeekáta.fi?!*

/koame-dápana+tshaa paNVḷi+ka pi+dzeekata+li/

como-Cl:casa+Cexp casa +Sub 2sg+ fazer +Rel

qual (foi) a casa que tu fizeste?!

Em suma, a classificação nominal em Baníwa é a expressão de um sistema de concordância entre modificador e referente de um nome. Assim todas as palavras que entram em uma relação sintática de modificador com um nome, formando com este um sintagma, concordam com o referente deste nome quanto a características inerentes a essa entidade e que a distinguem de outras. Mas a característica da entidade que pode ser marcada no modificador pode ser a que estiver mais saliente para o falante no momento do discurso.

Outro fato que julgamos importante é o de que as opções de classificação não são tão abertas quanto deixam como impressão alguns autores.

#### 4.3.2 Opções no uso dos classificadores

É certo que o falante Baníwa ou Kuripáko pode fazer a concordância do traço associado com uma entidade, de acordo com o que no momento do discurso for mais saliente do seu pnto de vista.

Os exemplos seguintes, emitidos por diferentes falantes, por ocasião da aplicação de um questionário durante um curso de formação realizado em Tunuí da Cachoeira (maio de 2008), ilustram essa variabilidade.

Moríweni (Sukuriú Tapúia), Dzawini (Yawareté Tapúia), Adzeneeni, Waripeři dákenai (Siucí Tapúia)

19) *no-dee*     *madari-ita*     *dzário*  
1-trazer     dois-cl     mandi  
'trouxe três mandis'

Maorien

20) *no-dee*     *madari-ikha*     *dzário*  
1 trazer     três-cl     mandi  
'trouxe três mandis'

Kuripáko

- 21) *no-dee*    *madari-da*    *hetteredam*  
1-trazer    três-cl    mandis  
'trouxe três mandis'

Três falantes usaram o classificador para entidades grudadas em uma superfície ou achatadas, *-ita*, outro usou o classificador para entidades filiformes, *-kha*, e outro usou o classificador de entidades de forma redonda *-da*. Esta variabilidade no uso de classificadores não faz o sistema do Baníwa/Kuripáko menos gramaticalizado, uma vez que o uso do classificador é obrigatório e a variabilidade ocorre dentro do número limitado de classificadores. Ramírez (p.281) afirma que

“...para que não seja destruída a noção de classificadores, teríamos que admitir que muitos nomes tivessem um referente tão mal definido quanto a sua forma, que o seu comportamento estrutural se torna ambi- ou trivalente.”

Discordamos dessa afirmação. Nenhuma entidade tem referente mal definido quanto à sua forma. Olhando sobre outro prisma, um referente pode ser achatado, como um carrapato, mas arredondado e também flexível como uma cobra, mesmo que não seja roliço e comprido como esta. Assim, cognitivamente, uma dessas características de uma dada entidade pode ser tomada como mais saliente pelo falante no momento da enunciação. Também discordamos do fato de que o sistema de classificação do Baníwa e do Kiripáko não seja um sistema classificador, apenas por causa da possibilidade de o falante escolher um ou outro classificador.

Vejamos outros exemplos de escolhas diferentes de classificador para a mesma entidade feitas por diferentes falantes do curso:

Moríweni(Sukuriú Tapúia), Adzeneeni, Waripeři Dákenai (Siusí Tapúia)

- 22) *wa-dzeekata*    *apa-koa*    *yooṛa*

1p-fazer      um-cl      jirau  
'fizemos um jirau'

Maoriení

23)    *wa-dzeekata*    *apa-koa*      *yooꝝa*  
1p-fazer      um-cl      jirau  
'fizemos um jirau'

Kuripáko

24)    *wa-nakai<sup>h</sup>tha*    *apa-da*      *yooꝝa*  
1p-fazer      um-cl      jirau  
'fizemos um jirau'

Esses exemplos mostram que um falante depreendeu do referente à característica que Ramírez (2001:278) define como classificador de “forma delimitada” e que Aikhenvald chama de “objetos estendidos redondos e planos” (2007:483). É importante considerar que ambos os morfemas incluem o traço de arredoandado, logo os dois morfemas compartilham um traço semântico, o que explica a possibilidade de falantes escolherem um ou outro classificador para uma entidade como jirau. Isso mostra a necessidade de um estudo mais cuidadoso do uso dos classificadores no discurso Baniwa.

#### 4.3.3 Sobre a caracterização do sistema de classificação Baniwa/Kuripáko

O fato de um sistema de classificação permitir ao falante optar entre um número  $x$  de classificadores em relação a uma entidade, pode fundamentar-se no fato de que alguns morfemas compartilham semanticamente um ou mais traços de suas respectivas matrizes componenciais; ou que a situação em que a entidade é referida no discurso determinaria a escolha de um ou de outro classificador; ou, ainda, o falante é determinante na escolha de um morfema classificador, uma vez que é ele que depreende

da entidade o que cognitivamente lhe surge como mais saliente com respeito à entidade. Embora não tenhamos ainda uma resposta para essa importante questão, suspeitamos que, pelo menos com respeito a alguns classificadores, há superposições de traços semânticos. Mas acreditamos também que, além de traços como o de forma, há também que observar os traços relativos a posições.

#### 4.3.4 Dupla classificação

O que estamos chamando aqui de dupla classificação é a expressão da classificação de um referente no numeral e no adjetivo. Na realidade um nome pode ter mais de um adjetivo modificando a entidade que refere e todos vão concordar com uma característica dessa entidade. Os exemplos que seguem são ilustrativos da forma sistemática em que a dupla classificação ocorre em Baníwa e Kuripáko:

25)	uma cobra grande	<i>apakha umáwari makakhai</i>
26)	uma anta grande	<i>apána heema makáne</i>
27)	um cachorro grande	<i>apána tfinu makáne</i>
28)	um veado grande	<i>apána duitu makáne</i>
29)	uma onça grande	<i>apána dzawi makáne</i>
30)	uma cutia grande	<i>apáda pitfi makádari</i>
31)	um tatu grande	<i>apáda aridari makádari</i>
32)	uma paca grande	<i>apáda daapa makádari</i>
33)	um macaco grande	<i>apana puwe makáne</i>
34)	um caititu grande	<i>apada dzamuritu makádari</i>
35)	uma cachorra grande	<i>apana tfinu ina.ɣuma makáne</i>
36)	uma jararaca grande	<i>apakha a:pi makakhai</i>
37)	um jabuti grande	<i>apada itfida makádari</i>
38)	uma minhoca grande	<i>apakha uma:pi makakhai</i>
39)	um cabeçudo grande	<i>apada íkuri makádari</i>
40)	uma irara grande	<i>apana dzwe makáne</i>
41)	uma árvore grande	<i>apana haiku makáne</i>
42)	uma folha de papel	<i>apaphi pape.ɣi</i>

43)	um buraco de tatu	<i>apawa inumawa aridari</i>
44)	um buraco	<i>apawa inumawa</i>
45)	uma panela	<i>apada paira</i>
46)	uma colher	<i>apawate kureia</i>
47)	um periquito grande	<i>apapa kepiꞑeni makápari</i>
48)	um tucano grande	<i>apapa dzate makápari</i>
49)	um urubu grande	<i>apaita wádzuri makápari</i>
50)	uma andorinha grande	<i>apapa tiꞑipi makápari</i>
51)	um mutum grande	<i>apapa kuitꞑi makáne</i>
52)	um urumutum grande	<i>apana itꞑiꞑi makápari</i>
53)	um papagaio grande	<i>apapa waꞑu makápari</i>
54)	um jacu grande	<i>apapa máꞑe makápari</i>
55)	um morcego grande	<i>apaita pítiꞑi makápari</i>
56)	uma garça grande	<i>apaita mari makápari</i>
57)	um marreco grande	<i>apapa kumada makápari</i>
58)	um japu grande	<i>apapa tuwíꞑi makápari</i>
59)	um bacuri grande	<i>apapa awádu makápari</i>
60)	um inambu grande	<i>apapa mami makádari</i>
61)	um coró-coró grande	<i>apapa kuꞑi makadari</i>
62)	uma carará grande	<i>apapa wanari makápari</i>
63)	um beija-flor grande	<i>apapa pimi makápari</i>
64)	uma abelha grande	<i>apaita mune makaite</i>
65)	um carrapato grande	<i>apaita kúpari makaite</i>
66)	uma pulga grande	<i>apaita ithitu makaite</i>
67)	um piolho grande	<i>apaita thuwida makaite</i>
68)	um galo grande	<i>apana kalaka makapari</i>
69)	uma galinha	<i>apada kalaka</i>
70)	um pedaço de abacaxi	<i>aphepada mawiꞑu</i>
71)	um terçado grande	<i>apaita matꞑiete makaite</i>
72)	uma faca grande	<i>apaita marie makaite</i>
73)	uma canoa grande	<i>apaita makari</i>

74)	uma vassoura grande	<i>apada pitfiu makari</i>
75)	um banco grande	<i>apana pawaka.ɟuda makadari</i>
76)	um remo grande	<i>apaita tiwe makaite</i>
77)	uma altura grande	<i>apadda kame makadari</i>
78)	uma mandioca grande	<i>apana kaine makadari</i>
79)	um anzol grande	<i>aphewa itsa makhewi</i>
80)	uma calça grande	<i>apana tsi.ɟu.ɟa makadari</i>
81)	uma camisa grande	<i>apada kamitsa makadari</i>
82)	uma serra grande	<i>apaita patsewa fuda makaite</i>
83)	um igarapé grande	<i>apa iñapu makapeki</i>
84)	um rio grande	<i>apa uuni</i>
85)	um lago grande	<i>apada karita makadari</i>
86)	um caminho grande	<i>apakhai inipu makakhai</i>
87)	um paneiro grande	<i>apada tsetu makadari</i>
88)	uma corda grande	<i>apakhai makakhai</i>
89)	uma rede grande	<i>apaku pieta makadari</i>
90)	um fogo grande	<i>apada ttidze makadari</i>
91)	uma roça grande	<i>apada kiniki makadari</i>
92)	um campo grande	<i>apada hamuriani makadari</i>
93)	uma caatinga grande	<i>apada panthinuma makadari</i>
94)	uma porta grande	<i>apada pakuaka.ɟuda makadari</i>
95)	um caniço grande	<i>apaku etsapu makapu</i>
96)	um beiju grande	<i>apaita pethe makaite</i>
97)	uma saúva grande	<i>apaita káiwi.ɟi makaite</i>
98)	uma banana grande	<i>apapa parana makapari</i>
99)	uma praia grande	<i>apada kaida makadari</i>
100)	uma cachoeira grande	<i>apada hi:pa makadari</i>
101)	um tucunaré grande	<i>apana dzaapa makane</i>
102)	um pacu grande	<i>apaita keɟapukuri makaite</i>
103)	um sarapó	<i>apada hípa.ɟu</i>

104)	um muçum grande	<i>apaita itsitsi makáne</i>
105)	um puraquê grande	<i>apaita dzakata makaite</i>
106)	um aracu grande	<i>apaita tari makane</i>
107)	um surubim	<i>apaita kuri.ɲi</i>
108)	uma piraíba	<i>apaita hónkuri</i>
109)	um acará grande	<i>apada dzawi.ɲi makaite</i>
110)	um jandiá grande	<i>apaita iniɲi makaite</i>
111)	um camarão grande	<i>apaita dzaka makápari</i>
112)	uma mutuca grande	<i>apana he.ɲi makápari</i>

É possível que um falante ou outro deixe eventualmente de aplicar a regra de concordância uma vez ou outra, mas isso ocorre também nos sistemas gramaticais mais sedimentados.

#### 4.3.5 Algumas conclusões

Neste capítulo apresentamos algumas contribuições para a discussão sobre classificadores em Baniwa e Kuripáko. Chamamos a atenção para o fato de que, na visão dos Baniwa e dos Kuripako, as entidades são classificadas de acordo com (a) a dependência/independência da sua existência no mundo, (b) o seu gênero – masculino e feminino –, e (c) suas características físicas e funcionais. Observamos que (a) é uma divisão fundamental das entidades na visão dos Baniwa. Observamos também que não fazem apenas referência à forma/função de entidades, mas à sua forma/posição/função.

Motramos que, do nosso ponto de vista, essa classificação é uma classificação do referente dos nomes, ou seja, uma classificação da entidade a que o nome refere. Observamos que é grande a importância para os Baniwa e Kuripáko salientar, através da língua, aspectos semântico-funcionais relativos ou inrentes às entidades sobre as quais se fala. Dessa forma, é natural que sejam feitas referências a esses aspectos em todas as situações em que uma expressão lingüística mantém uma relação sintática modificadora com um nome, cuja entidade por este referida é foco no discurso. Concluimos a esse respeito que os morfemas classificadores ocorrem em constituintes que, em Baniwa e em Kuripáko, modificam o nome (ou a entidade que o nome refere). Nesse sentido,

assumimos a visão de que modificador e modificado formam um sintagma. Consideramos que as opções de classificação não são tão abertas quanto deixam supor alguns autores. Finalmente, acreditamos ser possível um falante ou outro deixar de aplicar a regra de concordância uma vez ou outra, pois isso ocorre também nos sistemas gramaticais mais sedimentados.

## 5. CONCLUSÃO

O nosso objetivo nesta dissertação foi apresentar os resultados da nossa investigação dos classificadores nominais da língua Baníwa do Içana, tendo em vista aprofundar o conhecimento lingüístico desse importante aspecto da gramática Baníwa e contribuir, embora de forma modesta, para os estudos tipológicos sobre sistemas classificatórios nominais de línguas amazônicas.

Pesquisamos junto a diferentes parentes falantes da língua Baníwa sobre os fatores que os levam a relacionar um elemento classificador a um nome. Segundo os Baníwa que colaboraram com este estudo, a escolha do classificador depende muito da forma e da posição das entidades e/ou da sua função, mas outros fatores de outras naturezas podem também interferir na escolha. Segundo esses colaboradores, não se pode associar qualquer classificador a qualquer nome, o que significa que a escolha não é aberta. Verificamos se as diferenças nos usos de classificadores são decorrentes da origem clânica do falante. Os resultados de nossa pesquisa mostraram que não; variação na escolha ocorre através das variedades dialetais. Vimos que a semântica dos classificadores descrita pelos quatro principais estudiosos do assunto na língua Baníwa são muito próximas umas das outras. Verificamos que as situações em que os classificadores são obrigatórios são as que correspondem ao sintagma do qual o nome é núcleo. A classificação é marcada nos modificadores dos nomes e não há inconveniência em chamá-los de morfemas derivacionais.

Nesta dissertação, chamamos a atenção para o fato de que, na visão dos Baníwa e dos Kuripáko, as entidades são classificadas de acordo com (a) a dependência ou independência da sua existência no mundo, (b) de acordo com o seu gênero – masculino ou feminino –, e (c) de acordo com suas características físicas e funcionais. Observamos que os Baníwa distinguem entidades cuja existência é relativa das entidades cuja existência é absoluta. Mostramos que, além dessa divisão, os Baníwa classificam as entidades em masculinas e femininas, em humanas e não humanas e em animadas e não animadas. Observamos que é de grande importância para os Baníwa e Kuripáko salientar, através da língua nativa, aspectos semântico-funcionais relativos ou inerentes às entidades sobre as quais se fala.

Mostramos que, dada essa importância, é natural que sejam feitas referências a esses aspectos em todas as situações em que uma expressão lingüística mantém uma relação sintática modificadora com um nome, cuja entidade que refere é foco no

discurso. Concluimos a esse respeito que os morfemas classificadores ocorrem em palavras que, em Baníwa e em Kuripáko, modificam o nome (ou a entidade que o nome refere). Nesse sentido assumimos a visão de que modificador e modificado formam um sintagma. Consideramos que as opções de classificação não são tão abertas como deixam entender alguns autores, e mostramos que algumas variações na escolha de classificadores resultam do fato de que os morfemas classificadores compartilham traços semânticos comuns. Dessa forma, dada a existência de dois morfemas que tenham o traço semântico +arredondado, provavelmente não há muita diferença em usar um ou outro, se o traço relevante é ‘arredondado’.

Para finalizar este estudo, que consideramos apenas uma porta que se abre aos professores Baníwa, para que comecem a estudar a sua língua com uma visão que lhes permita vê-la e entendê-la de fora para dentro, de forma refletida, na qualidade de lingüistas, faremos aqui duas últimas considerações. Concordamos com Gomez-Imbert, quando ela rejeita a idéia de que o Tatuyo manifesta uma mistura de tipos ou um sistema múltiplo de classificadores, como pensam alguns lingüistas, pois também para o Baníwa esse pensamento não é válido. Concordamos também com Grinevald e Seifart (2005:280) quanto à ressalva de que “...os sistemas de classificadores amazônicos e os das línguas congo-nigerianas compartilham uma característica essencial, que é a de marcadores de classificação nominal em um único sistema, em oposição a um sistema múltiplo de classificadores.” Esse é o caso pelo menos do Baníwa e do Kuripáko.

Concordamos, ainda, com Ramírez quanto ao fato de que a classificação nominal (dos referentes dos nomes) não corresponde à classificação natural das entidades de um modo geral, segundo os Baníwa; mas discordamos radicalmente da forma desrespeitosa como se referiu a opiniões de parentes Yanomámi sobre as relações entre entidades e classificadores, opiniões estas que podem até ter sido enunciadas, mas em que situação ou contexto? Afinal, não cremos que indígenas Yanomámi refiram-se aos seus ancestrais como “imbecis”, como afirma Ramírez (1994:129), afirmação que repete em Ramírez (2001:317):

“... 2. Poderíamos multiplicar os exemplos e chegaríamos sempre ao mesmo resultado: os classificadores não têm papel relevante sobre a classificação natural efetuada pelo povo baniwa-curripaco. Mesma conclusão com a língua yanomami: quando se pergunta, por exemplo, por que tal árvore alta de tronco erguido constrói-se com o classificador dos cipós, a resposta geral dos falantes é que alguns dos ancestrais que “inventaram” a língua não passavam de imbecis.” (Ramírez, 1994, p. 129)”

Finalmente, esperamos poder aprofundar este estudo sobre uma das manifestações mais significativas não só da língua Baniwa, mas também, de grande parte das línguas Aruák e de várias outras línguas amazônicas.

## Referências Bibliográficas

ACUÑA, P. C. de O. [1891] 1994. *Nuevo descubrimiento del gran río de las Amazonas*. Madrid: Colección de libros que tratan de América raros o curiosos, t. 2.

ALLAN, Keith. 'Classifiers'. *Language* 53.285-311. 1977.

AIKHENVALD, Alexandra Y. 2000. *Classifiers: a typology of noun categorization devices*. Oxford: Oxford University Press.

\_\_\_\_\_. 2007. 'Classifiers in multiple environments: Baniwa of Içana/Kuripako – a North Arawak perspective'. Special issue of *International Journal of American Linguistics* 73, number 4, p. 475-500.

BARNES, Janet. 1990. 'Classifiers in Tuyuca', in Payne Doris (ed.) *The Amazonian languages*, p. 273–92. Cambridge: Cambridge University Press.

BALTAR, Marco Antônio R. 1995. sistema de classificação do Baniwa do Içana-Hohodene-língua Aruak do Norte. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Brasil.

BRANDHUBER, Gabriele. 1999. 'Why Tukanoans migrate? Some remarks on conflict on the Upper Rio Negro (Brazil)'. *Journal de la Société des Américanistes*, Paris: Société des Américanistes, v. 85, p. 261-280.

CHACON, Thiago 2008. 'O sistema de classificação nominal do Tukáno' (no prelo).

CRAIG, Colette. 1994. "Classifier languages", In: Asher, R.E. and J.M.Y. Simpson (eds), *The encyclopedia of language and linguistics*. Vol. 2. 565-569. Oxford: Pergamon Press.

FREIRE, José Ribamar Bessa. 2004. *Rio Babel – a história das línguas na Amazônia*. Rio de Janeiro: Atlântica.

DERBYSHIRE, Desmond C. and Doris L. PAYNE. 1990. "Noun classification systems of Amazonian languages." In Doris L. Payne (ed.), *Amazonian linguistics: Studies in lowland South American languages*, 243-71. Austin: University of Texas Press.

DIXON, R.M.W. 1982. "Noun classifiers and noun classes", In: Dixon, Robert M.W. (ed.), *Where have all the adjectives gone? and other essays in semantics and syntax*. 211-233. Berlin: Mouton.

DIXON, R.M.W. and Alexandra Y. Aikhenvald (eds.). 1999. *The Amazonian languages*. Cambridge: Cambridge University Press.

GREGÓRIO, André (2006). *Histórias contadas pelos pajés sobre a criação do mundo*. Monografia de final de curso (MS).

GOMEZ-IMBERT, Elsa. 1982 *De la forme et du sens dans la classification nominale en tatuyo (langue Tukano Orientale d'Amazonie Colombienne.)*, Thèse de doctorat de 3e cycle, Université de Paris-Sorbonne (= TDM 19, Editions ORSTOM, 1986), downloadable in [www.ird.fr](http://www.ird.fr).

\_\_\_\_\_. 1996. 'When animals become 'rounded' and 'feminine': conceptual categories and linguistic classification in a multilingual setting'. In Gumperz J. J.,

\_\_\_\_\_. 2007. *Tukanoan nominal classification. The tatuyo system* (MS).

GRINEVALD, Colette. 1999. *Typologie des systèmes de classification nominale*. *Faits de Langues* 14: 101-122. Paris.

\_\_\_\_\_. 2000. 'A morphosyntactic typology of classifiers', in: Gunter Senft (ed.), *Systems of nominal classification*. 50-92. Cambridge: Cambridge University Press.

\_\_\_\_\_. 2003. *Classification nominale: le défi amazonien*. En: Jon Landaburu (ed.), *Langues d'Amérique*. *Faits de Langues*, 21.

GRINEVALD, Colette, and Frank Seifart. 2004. *Noun classes in African and Amazonian languages*. *Linguistic Typology* 8, no. 2:243–85. Heine (1982).

HOPPER, Paul J. 1986. "Some Discourse Functions of Classifiers in Malay". In Noun Classes and Categorization, Craig, Colette G. (ed.), 309 ff.

LEVINSON S. C., eds., *Rethinking Linguistic Relativity*. Cambridge : Cambridge University Press, pp. 438-469.

MITHUN, Marianne. 1986. "The Convergence of Noun Classification Systems". In *Noun Classes and Categorization*, **Craig**, Colette G. (ed.), 379 ff.

MILLER, Marion. 1999. *Desano grammar: Studies in the languages of Colombia* 6. Summer Institute of Linguistics and the University of Texas at Arlington Publications in Linguistics, 132. Dallas: Summer Institute of Linguistics and the University of Texas at Arlington. xi, 178 p.

PAYNE, Doris L. (ed.). 1990. *Amazonian languages: Studies in Lowland South American languages*. Austin: University of Texas Press.

\_\_\_\_\_. 1987. "Noun classification in the Western Amazon." *Language Sciences* 9(1): 21-44.

RODRIGUES, A. D. *Estrutura do Tupinambá* (ms.), 1981.

\_\_\_\_\_. 1986. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola.

RAMIREZ, Henri. 1997. *A fala tukano dos ye'pa-masa*, tomo I: Gramática. Manaus: CEDEM.

\_\_\_\_\_. 2001. *Uma gramática do Baniwa do Içana* (MS).

SEIFART, Frank. 2005 *The structure and use of shaped-based noun classes in Miraña (North West Amazon)*. Nijmegen: MPI Series in Psycholinguistics.

SEIFART, Frank, and Doris L. Payne (eds.). 2007. Nominal classification in the North West Amazon. Special issue of *International Journal of American Linguistics*, v. 73, number 4.

SENF, Gunter (ed.). 2000. *Systems of nominal classification*. Cambridge: Cambridge University Press.

STENZEL, Kristine Sue. 2004 *A reference grammar of Wanano*. Ph.D. dissertations, University of Colorado. Strom.

TAYLOR, Gerald. 1985. Apontamentos sobre o nheengatu falado no rio negro, Brasil. In *ameríndia*, no 10, p.

\_\_\_\_\_ 1991. *Introdução à língua Baniwa do Içana*. Campinas. Ed. Unicamp. 136 p.

\_\_\_\_\_ 1993. *Aladim ou Mil e uma noites na Amazônia: relato baniwa do Içana contado por Domingo de Souza Paiva em janeiro de 1985*. *Ameríndia* 18: 139-176.

WRIGHT, Robin. 2005. *História indígena e do indigenismo no Alto Rio Negro*. Campinas: Editora da Unicamp.

<b>SÍMBOLOS e ABREVIATURAS</b>			
	<b>f</b>	=	<b>Feminino</b>
	<b>nf</b>	=	<b>Não-feminino</b>
	<b>m</b>	=	<b>Mediador</b>
	<b>mp</b>	=	<b>Mediador de posse</b>
	<b>ADJ</b>	=	<b>Adjetivo</b>
	<b>CL</b>	=	<b>Classificador</b>
	<b>ENF</b>	=	<b>Enfático</b>
	<b>f</b>	=	<b>Feminino</b>
	<b>O</b>	=	<b>Objeto</b>
	<b>IND</b>	=	<b>Indeterminado</b>
	<b>nf</b>	=	<b>Não-feminino</b>
	<b>mp</b>	=	<b>Mediador de posse</b>
	<b>S</b>	=	<b>Singular</b>
	<b>1</b>	=	<b>Primeira pessoa</b>
	<b>2</b>	=	<b>Segunda pessoa</b>
	<b>23</b>	=	<b>Segunda pessoa do plural</b>
	<b>123</b>	=	<b>Primeira pessoa do plural</b>

VERSÃO NHEENGATÚ

**NHEENGATU RUPI**



**Universidade de Brasília (UnB)**  
**Instituto de Letras**  
**Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas**  
**Programa de Pós-graduação em Lingüística**

**MAYE TA BANÍWA ITA TA MUSERUKA TA NHEENGA RUPI MAÃ AIKUEWA TA  
RUAKI RUPI**

**Kadáwali**  
**Edilson Martins Melgueiro – Baniwa**

Kua muraki amukamewaa Programa de Pós-Graduação em Lingüística do Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília, apuderi arama apita de Mestre.

Uwajudari waa ixé: **Umbeusara Dr.<sup>a</sup> Ana Suelly Arruda Câmara Cabral**

Brasília 2009

**Universidade de Brasília (UnB)**  
**Instituto de Letras**  
**Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas**  
**Programa de Pós-graduação em Lingüística**

**MAYE TA BANÍWA ITÁ TÁ MUSERUKA TÁ NHEENGA RUPI MAÃ AIKUE WA TA**  
**RUAKI RUPI**

**Kadáwali**  
**Edilson Martins Melgueiro – Baniwa**

Umbeusara ita umusawawa ixé:

Umbeusara. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral (UnB) - Presidente/ orientadora

Umbeusara. Dr. Willem F.H. Adelaar (Universiteit Leiden)

Umbeusara: Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues (UnB)

Umbeusara: Dra. Rozana Reigota Naves (UnB)

Brasília/DF, 6 de março de 2009

## MAÃ RESE TA AKUNTARI KUA MURAKI UPE

	<b>Uyupirungawa sa</b>	8
0.1	Marã ta asikari ayumbeu kua resewara	8
0.2	Maye wa ita ta ayumbeu apuderi arama aminhã kua muraki	8
0.3	Maye ta aminhã kua muraki	9
0.4	Maa ta asaru kua muraki irumo	9
0.5	Maye ta kua muraki uyumpina ike	9
	<b>Capitulo I</b>	10
1.	Uyupirungawa sa	10
1.1	Maku ta resewara asui ta nheenga rese wara	10
1.2	Maita kariwa ta uwasemo kuxima maku ita, ta uikua Parana Wasu upe asui sakanga na rupi	10
1.3	Maye ta maku ita, Parana wasu pura ita, ta puraki ta uwi rupi	11
1.4	Mame uiku kua Tawa (São Gabriel da Cacheoiera)	11
1.5	Mame aikuewa siia ukuntari waita amu nheenga - Paranaa wasu upe	12
1.5.1	Nheenga ta rese wara Parana wasu upe	12
1.5.2	Ike asu ambeu Kuaira ranto awata ixe	13
1.5.3	Ike asu ambeu Baniwa ta resewara asui asui kuripako ta yuiri	13
1.5.4	Marama ta asikari ayumbeu kua yane nheenga rese wara	16
1.5.5	Marama ta asikari apuraki Parana wasu upe, asui Baniwa ta nheenga?	16
1.5.6	Maita amaã, asui awasemo kua muraki rese wara	16
1.5.7	Kuekatu rete se CNPq pura ta supe	17
1.5.8	Yande Baniwa ita Baré ita, Xavante ita, tem ke yasikari yaumbeu?	18
	<b>Capítulo II – Mata kua classificação nominal ta seruka waa?</b>	18
2.	Uyupirungawa sa	18
2.1	Derbyshire e Payne (1990)	18
2.2	Grinevald e Seifart (2005)	19
2.3	Tatuyo. Gómez-Imbert (2007)	19

	2.4	Tukano. Chacon (2008)	19
<b>Capítulo III – Ike asu ambeu penharama maye ta waita kariwa ita ta upurikiana Baniwa ta Baniwa ta nheẽga ta irumo, asui maita ta umaã maita Baniwa ta museruka maã aikuewa ta ruaki upe</b>			21
	3.	Yumbuesara ta Baniwa ta nheenga rese wara	20
	3.1	Gerald Taylor (1991), Baltar (1995), Aikhenvald (2007), Henri Ramirez (2001)	20
<b>Capítulo IV – Pemaã maye ta Baniwa ta umuseruka maã aikuewa kua mundo upe</b>			25
	4.1.	<b>Ike yamukame xinga yuiri pemarama maita Baniwa nheenga upe apuderi yaseruka ipe maã amu rupi</b>	25
<b>Capítulo V – Upawsawa</b>			41
<b>Ike ambeu penharama, mame papera ita ayumbeu ta kuera aminhãrama kua muraki</b>			42
<b>SÍMBOLOS e ABREVIATURAS</b>			46

## **0. Uyupirungawa sa**

Ike kwa se muraki upe, asu akuntari maye ta Baníwa ita ta museruka maã aikwewa ike kwa mundo upe. Kwa muraki uyupiru, yande umbeusara ita, ta sikawa ta ukwa tipixinga ta nheenga rese wara.

Siia kariwa ita ta uyumbeuwana wa ita kwa Baníwa na nheenga, ta nhêe ke Baníwa ita, ti ta museruka maã uikwa mundo upe, maye aikwewa amun nheenga ta upe. Ainta yuiri ti ta sikari ta maã, maye ta amun maku nheenga, maye ta ta museruka maã ta maã wa mundo upe ike yane retama upe.

Amũ kariwa ita, uyumbeuwa ita Baníwa ta nheenga ta nhenki, Baníwa ita ti ta ukwawa ta museruka puranga puranga maã aikwewa ike mundo upe.

Asiraki yuiri ayumbeu maye ta Baníwa ita ta museruka maã aikwewa ike kwa mundo upe, apuderi arama ambue se anama Baníwa ita yanhê rese wara.

### **0.1 Marã ta asikari ayumbeu kwa resewara**

Kwa muraki upe yasu yakuntari, yasu yambeu maye ta Baníwa ita ta museruka maã aikwe wa ike mundo upe, amu mira ita, ta ukwawa arama. Asui yuiri, umbeusara Baníwa ita ta upuderi arama ta ukwa, asui ta musasawa arama ta umbeuwa ta supe.

### **0.2 Mayewa ita ta ayumbeu apuderi arama aminhã kwa muraki**

Kwa muraki mame mira ita ta museruka maã aikwewa ta ruaki upe, akwe Africa upe asui ike yane retama upe (Amazônia upe). Kwa kariwa ita ta yumbeuwa nhanhewa resewara: (Allan 1977; Derbyshire e Payne 1990, Grinevald 2000, 1999; Grinevald e Seifart 2005), ike yane retama upe (Amazônia upe) (Barnes 1990; Gomez-Imbert 1996, 2006, Stenzel 2004, Chacon 2007, 2008, asui amu ita). Asui uyumbeuwa ita Baníwa maye: Taylor (1991), Baltazar (1995), Aikhenvald (2000, 2007), Ramirez (2001).

Kwa muraki, ti yakuwa rete re puranga sese wara, maye ta uyumêẽ ike nheenga ta upe (Amazônia upe).

### **0.3 Maye ta aminhã kwa muraki**

Aleri siia maye ta amũ mira ta, ta museruka ta nheenga upe mãã, uikwa kwa mundo upe, asui yuiri a leri yanheẽ wa rese wara ike nheenga ta upe ike Amazônia wara ita, asui yuiri awaita upukariwa Baníwa ta nheenga irumo yanhewa rese wara maye: Taylor (1991), Baltazar (1995), Aikhensvald (2007), Ramirez (2005).

Nhaã panhe mãã a leri waita, ta yuiri ta ajudari apuderi arama ampinima maye ta Baníwa ta umuseruka mãã aikwewa kwa mundo upe.

Aminhã yuiri musapiri watasa Baníwa ta piterupi Tunui Cachoeira upe maio yasi rese kwera 2008; Tawa upe; Carara-poço upe janeiro asui fevereiro yasi 2007; asui outubro yasi kwera 2008.

Ape agravari ta kuntari sawa; nheengawa sara. História ita kwa mira ta irumo: paye Francisco Fontes (Hohódene, Aiari wara) e Fernando José (Waliperi-dakena, Içana wara). Asui yuiri 40 umbeusara ta irumo Tunui upe, amurupiwa ta mira sa.

Agravari rire, ampinima pawa mayete ta umbeuwa ixé arama.

### **0.4 Maata asaru kwa muraki irumo**

Kwa muraki irumo aputari amun kame ukuntari waa ta supe Baníwa nheenga, maye ta ta nheenga upe ta uperi ta museruka panhe mãã aikwewa mundo upe. Asui yuiri, aputari amu kame amu mira ita (Baré ita, kuripako ita, werekena ita...) supe maye ta Baníwa tam museruka mãã aikwewa mundo upe.

### **0.5. Maye ta kwa muraki uyumpina ike**

Uyupirungawa upe akuntari kuri mameta Baníwa mira ta uiku, mãã ta uminhã. mukuin sa upe, ambeu maye ta amun miraita nheenga ta museruka mãã aikwewa kwa mundo upe (africa pura ta, ike Amazônia pura ta. Musapiri sa upe asu amu kame maye ta amu kariwa ita uyumbeuwana waita Baníwa ta nheenga. Upasawa kiti ambeu maye ta Baníwa ta museruka mãã aikwewa inke mundo upe.

## **CAPITULO I -**

### **1. Uyupirungawa sa**

Ike asu ambeu maye ta kariwa ta, ta minhã maku ta nheenga irumo Amazônia upe, asui, Baníwa ta resewara, maye ta ta mukiriari internato ita ike parana wasu upe, maye ta católico ta, asui crente ta, ta umpuxuwera yande, upawa sa kiti asu ambeu maye ta ixé Baníwa awasemo kariwa ita uyumbuewa ta Baníwa ta nheenga resewara ta umbeu.

#### **1.1. Maku ta resewara asui ta nheenga rese wara**

Usawawã 200 akayu mairame kwera kariwa ta uika Amazônia upe, taruri panhẽ mã puxiwera maku ta supe. Yepe umbuesara sera wa Ribamar Bessa Freire umbeu kwaye 2004 rame kwera: “ ta wasemo iwasu, ta ukuntari arama maku ta irumo, maku ta ukuntari rese wara siia nheenga”.

1639 akayu rese kwera, pai Espanha wara waa, sera waa Cristóbal de Acuña uwasemo paa 150 nheenga amurupi wa tate.(Acuña, 1941, p. 199).

Iwasu resewara kariwa ta uwasemo nhaã nheenga ita, ta umuseruka yurupari ta nheenga, nheenga ti puranga, ti mira ta nheenga. Kawewa rupi kwera siia mira ta yepewasu ta nheenga ta irumo kariwa ita tayuka ainta. Mã siia yuiri miraita ta uyawawa ta sui, yawewa rupi ti te tambawa ta uyuka miraita.

#### **1.2. Maita kariwa ta uwasemo kuxima maku ita uikwa Parana Wasu upe asui sakanga na upe**

Kariwa sera waa Nimendaju, uri rame kwera ike parana wasu upe, uwike Içana rupi, ayari upe, kayari rupi 1927 akayu kwera, uwasemo siia Baníwa ita, Tukáno ita, comerciante ta kurimi ita, ta munda mundar ita. Yawewa rupi, pai ta minhã ta seruka tendawa ta (tasruka waa missão) Içana upe asui kayari up’r yuiri, mame ta muatiri waa siia Baníwa ita, Tukáno ita, ta muyereri arama ainta católico kiti, ta viveri arama puranga maye pa tupana umundu waa.

Yanhẽ kwera ta umunhã usawa siia akayu, mã awiyekatu, iwasu rese wara nhã Baniwa ta nheenga, Tukáno ta yuiri, ti te ta umbawa umuyereri ainta ta upitarama maye kariwa ta yawe. Kwesentu xinga, ta mukiriari suiri, nhã tendawa ta mame ta umbeurama waa paa Baniwa ta, Tukáno ita (escola ta useruka) maye: Taracua upe asui, Yawarete upe, kayari rupi, asui Assunção upe Içana rupi, kwensto piriaã maturaka upe yanomami ta piterupi. Nhã tendawa (missão) ta irumo tiã te ta xau akriwa ita (comerciante ita) ta uminhã minhã Baniwa ita, Tukáno ita, nhaã yepe mã lpuranga wate. Mã tendawa ita (missão ita), ta ruir yuiri mã puxiwera wa Baniwa ta supe, Tukáno ta supe, yanse tiã ta usxari ta kuntari ta nheenga ita, taiku maye ta rikusawa ita, ta uyumbeu ta tupana ta supe. Ta unheẽ (pai ita) nhaã mã Baniwa ita, Tukáno ita ta rikusawa nhaã paa ti puranga sa, nhaa paa yurupari rikusara.

### **1.3. Maye ta maku ita, Parana wasu pura ita, ta puraki ta uwi rupi**

Yepe mã puranga wate pai ta umbeu, nhã maku parana wasu pura ita, puraki arama yepe wasu amu ta irumo ti arama ta xari kariwa ta tumari ta iwi ita ta sui, yawewa rupi, ta maku ita ta mukiriari nhã Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro - FOIRN 1987 akayu rame kwera, ukuntariama ta rupi governo irumo ta iwi rese wara. Mã awiyekatu, maku ita panheẽ Brasil pura ita, ta purandu ta kirimbawa sa irumo, yane ruixaua ta supe (governo supe) umaram yane rese. Yawewa rupi, iwasu sa te 1988 yane ruxaua (governo) uminhã yepe lei mame umbeuwa ke yande maku ita Brasil upe yaiku, ti awa upuderi utumari yane iwi ita yawe umbeu art. 231 asui 232 upe (Constituição Federal upe).

### **1.4. Mame uiku kwa Tawa (São Gabriel da Cachoeira)**

Kwa Tawa uiku parana wasu apira upe, Amazonas upe, Colômbia asui Venezuela ruakinto. Iturusu sawa 112.255 km<sup>2</sup>, kwa parana wasu, mame uikwa Tawa, uriku yuiri siia sakanga ita maye: Içana, Kayari, Xie asui sakanga mirim wa ita.

Ike akayu turusu sawa saku wara, ti yamã irusanga kwa rupi. IBGE (Instituto Brasileiro Geografico Estatistico, 2000 akayu kwera) umbeu ke aikwe 29.951 mira ita,

cidade upe aikwe 12.373. Umbeu ke 52% uiku cidade upe asui 42% uiku comunidade ta rupi. Ike 85% maku ita.

### **1.5. Mame aikwewa siia ukuntari wa ita amu nheenga - Paranaa wasu upe**

Parana wasu upe aike siia maku ita, aikwe 23 mira ita ukuntari wa ita amu rupi nheenga ita. Uyumbeuri wa ita mira ta nheenga (linguista ita) ta umuatiri kwa nheenga ita kwaye: Tukáno oriental, Aruak, Maku, Yanomami. Siia ta suiwara ukuntari waita mukūi, asui musapiri nheenga ita, kariwa ta useruka poliglota - mira ukuntari waa siia nheenga ita. Ma akweyui, amu maku ita, tiã waita ta kuntari ta nheenga, ta kuntari amu ta maku ta nheenga maye: yepe Baníwa ita, Baré ta tiã ta kuntari ta nheenga rete waa, ta kuntari nheengatu, yawe teyui werekena ta; asui tariano ta, ta kuntari Tukáno ta nheenga.

#### **1.5.1. Nheenga ta rese wara Parana wasu upe**

Mayete ambeuwana ike, kuxima mairame pai ta uwike kwera ike Parana wasu upe, ti kwera ta uxari maku ta ukuntari ta nheenga ita.

Yawewa rupi, 1990 akayu rese kwera, mairame ta uyupiru ta mukiriari mame ta yumbeurama waita (escola ita), ape ta ta umaã ke umbeusara ita asui taina tem ke tambeu ta nheenga ta rupi, asui ta umbeu taina ita ta umpinima ta nheenga ta rupi yui.

Kuxima 10 akayu kwera ike tawa upe ti wera yasendu maku ita ta ukuntari ta nheenga ita, ta sikewera kariwa ta sui. Kuiru tiã yawe, yapuderiana yansendu asui yamaã Tukáno ita, Baníwa ita, Baré ita ta yukuntari ta nheenga rupi.

2002 akayu kwera Camara mame vereador ta upurakiwa, ta minhã kwera yepe Lei n. 145 Dezembro yasi rese kwera, mame ta umbeuwa ke tawa upe, mira ita ta upuderu ta ukuntari asui ta umpinima Nheengatu rupi, Baníwa rupi, asui Tukáno rupi yui. Ixe awasemo puranga te, maa puxiwera xinga te amu ta supe, yanse ta puderi ta xawa ta ukuntari ta nheenga rete waa, ta kuntari arama kwa nheenga ita Câmara umbeuwaa, yawe rame ti puranga.

### 1.5.2 Ike asu ambeu Baníwa ta resewara asui asui kuripako ta yuiri

Waimarame kwera kariwa ta usika ike parana wasu upe, ape ta usu yepe parana upe ape ta museruka sera Içana, asui nhaã miraita ape ta uiku Baníwa, baniba. Maã tuyu ta umbeu ke nhaã parana rera retewaa nhaã Iniali, asui, miraita te Baníwa ita. Te ta ukuwa maita ta rera ita, ta nhenki nhaã miraita ta usemo waa parana sui. Yawewa rupi yande tem ke asikari yambue yakwawa arama puranga yanhewa rese wara.

Yapuderi yuiri yamaã ke mairame Inhaãpiruli umusemo nhaã miraita ti umuseruka ainta Baníwa ita, umuseruka amu rupi te: waliperi-dakenai, yawe usu.

Amu suiri kariwa ita ta nhenki Baníwa ita asui kuripako ita nhainta paa yepe miraita te, asui yepe nhum te ta nheenga yuiri. Tuyu unhẽ, asui ita ixẽ yuiri, anhẽ ke Baníwa ta amu mira ta te, ta uriku amu nheenga kuripako ta sui.

Uyumbeu waita mira ta nheenga rese wara, ta umbeu ke Baníwa ita assui kuripako ita ta uiku paa yepe familia upe sera waa ARAWAK. Ta siia sa 4.200 miraita ike Brasil upe, uiku 94 tendawa rupi iniali upe asui ayari rupi yuiri, ma aikwe yuiri Venezuela upe asui Colômbia upe yuiri. Ta uiku yuiri tawa upe, tapurukwara upe asui Barcelo upe. Ta yupirungara uiku Wapui-cachoeira upe ayari rupi.

Baníwa ta raira ta usiki ta paya mira sawa, te sa maã, ta manha mira sawa (Wright 2005). Ainta yuiri mairame Nhaãpirikuli umusemo ainta umeẽ ta supe ta mira sawa rupi, iwi iniali rupi mame ta uyukiriari arama ta raira ta irumo.

Kwesento xinga kariwaita (governo) uminhã Baníwa ita ta yumuatiri associaç ão da upe ta upuderi arama ta purandu governo umaã rã ta rese. Yaweewa rupi kuiri aikwe 12 associaç ão ita Iniali upe.

Baníwa e Kuriapko ita, ta upuderi arama ta yukiriari, ta uminhã kupixawa, ta pinaitika, asui ta ukuwa ta minhã pura puranga iwise ita. Baníwa asui kuripako mairame kariwa ta ta uwike ta piterupi, siia maã ta ukuwa saa upukwera, ma saikwere ta urikku maã ta ukuwa sara, ti waa kariwa ta umbawa.

Baníwa asui kuripako ita, uyumpusanga paye ta irumo, ta ukwawa pusanga ita kaa pura. Kuiri aikwenwa umeẽwaa kariwa ta pusanga. Maã ti ta xari ta paye ita asui pusanga kaa pura waita.

Baníwa asui kuripako ita, ta uriku ta tupana ita sera waita: Nhiãpirikuli, umuyukwawa mundo, miraita, Amaru uyupirungawa sa kunhã ita; Kuwai Nhiãpirikuli raira asui Dzuli nhã paye waa.

Ainta suiri, ta uriku yepe maã ta seruka wa Kalidzamai/Kariamã, mame kurumi ita, ta usawa arupi, ta upuderi arama ta upita apigawa Baníwa rete waa, yawete kunhã munkum ita yuiri.

Católico ita asui crente ta yuiri, maye umbeu wa (Wright 2005, p. 238) ta muramunha kwera bunwa Baníwa ta rese wara 1950 suiwara até 1960. Yawewa rupi siia maã Baníwa asui Kuripako ta ukuwa sara ta umbawa kwera (ta nheenga, maã ta ukuwa sara, amu xinga ta yuiri). Asui ta upitu xinga, yuiri ta urikure mame ta uikuwa wa ta, tendawa ita maye: Assunç ão upe, Içana rumasara upe; Sao Joaquim asui Jerusalem upe Iniali apira kiti, maã awiyegatu, tiã ta mundu rete ta rese Baníwa ta rese, maye kuxima waye..

Baníwa asui Kuripako ita, ta uyumbeu ta umawa upe, ta usendua upe asui ta minhã maã nhã ta maã waa. ta raira ita, xupixa upe, ta pinatika sawa upe, ta sikari rame ta rimiari, murasi upe. Mame ta yumbeu yuiri ta minhã rame Karimã, ape yuiri kurumĩ ita ta yumbeu ta minhã payẽ maã, ta upuderi arama ta uiku kwa mundo upe. Taina ita ta yumbeu ta paya, ta manha, ta rendira, da mamũ ta irumo.

Kwesento xinga kariwa ta sika ramẽ ta piterupi, ta mukuriari “escola” ita mamẽ ta umbeu yuiri amũ nungara ita Baníwa ta supe. Kuiri Baníwa ita ta umbeu wana ta raira ta nheenga rupi, kuxima xinga kariwa ta nheenga rupi kwere, kui tiãna.

Kuiri yuiri, Baníwa ita urikwana “escola” mame ta yumbeuwa primeiro ta rikusawa rese wara, asui ta yumbeu kariwa ta rikusawa rese wara, maye ta uputari waye, tiã sama maye kariwa ta uputariwa waye.

#### **1.5.4. Ike asu ambeu Kwaira ranto awata ixe**

Se pawa Baníwa (yurupari tapuia), se manha Baníwa (yawarate tapuia)Ixe Kadaawali Baníwa e Kuripáko ta supe, asui Edilson kariwa ta supe. Kwa mukũ sa serera tia akwa mayesawa, primeiro sa nhã paye umueruka ixe cigarro irumo mairame ayukwawa ike, kwa mundo upe, se mira sa rupi (yurupari tapuia upe).

Asemo (nasceri) tendawa sera waa usaiwa ayura upe, carara poço aurkinto, Içana upe.

1979 akayu rese kwera ixe asui siia kurumĩ ita, tuyuwe ita, paye ita ta minhã kwera yane kariamã, mame yamaã waa yurupari, apuderi arama yapita apigawa rete waa. Asui wara nhaã kariamã, pai ta rese wara, ti werã te, tuyu ta minhã. Kwesuntu xinga ta yupiruana yuiri yawewaa.

1981 - 1984 - 11 akayu irumo pai ta mudukwera asu arama ayumbeu (ensino fundamental) Taracua kiti Tukáno ta piterupi. Iwasusawa te ayupukwawarama, yanse ainta amu rupii ta rikusawa asui ta nheenga suiri yane sui yande Baníwa ita. Ayuiri wera amaã rama yepawa ita, akayu upa rame. Iwasu kwera awasemo nhandê.

Ambawa rame kwera nhaã asu ayumbeu, asikesara rupi, ti arama pai ta mundu yuiri asu apekatu kiti se paya ta sui, asu kwera re apuraki garimpo ta upe, iniali apira kiti, asasawa kwera yepee akayu.

Asui ayuiri asui pai ta pisika yuiri ike ta munduarama ixe barra kiti, Escola Agrotécnica upe, asu arama ayumbeu yuiri, 1986 até1988. Ape yuiri yawekatu, iwasusara te ayupukwawa. Siia viaji amanduari wera ayawawa, ma ti wera akwawa makiti, iwasu sawa te ambawa nhã umbeusara (ensino medio).

Ayuiri asui ape ayuiri ambue se rendawa upe (carara poço upe), asui yuiri apuraki kwera yane associação upe - sera waa Associação das comunidades indígenas do rio Iniali - 1989 - 1994 kwera.

Asui wara apuraki kwera amutikitiana se rendawa sui maye: 1998 - 2000 asu kwera presidente associação upe tawa upe, dabaru upe; asui 1988 - 1999 apuraki kwera nhaã demarcação upe ike parana wasu rupi; 2001 - 2004 apuraki kwera FOIRN upe; 2005 - 2006 asu kyuri apuraki SECOYA upe yanomami ta irumo, marawiya wara ta irumo, tapurukwara upe; 2007 akayu kwera apuraki kwera yuiri COIAB upe, barra upe; 2007 -2008 rese kwera apuraki CINEP Brasilia upe.

Apurakiana siia mira ita irumo maye: kariwa ita, pai ita, umbeusara ita irumo. Akwe ta suiwara mira puranga waita, mã akwe yuiri ta pitera rupi, siia puxiwera waita, ti waa ita, ta umaã yande puranga. Mã ixe, marupi awatawa amukame uiku serikusara, asui akuntari suiri se nheenga. Nhã awaa uminhã ixe yawe, nhã Kariamã, marupi asasawa kwera, mame tuyu ita, paye ita, tambeu yande arama, ti arama yaxari yane rikusara, asui yane nheenga yuiri. Ixe arama Kariamã nhã yepe escola puranga waa.

Kwa ayumbeu waa kariwa ta ukwawa sa resewara, amurame ayu sã wera apita apita apekatu xinga, yane rikusara resewara Baníwa waita. Mã mayete, ambeu waa,

awiyekatu asasawa nhã Kariamã upe, yawewa rupi, ixé apuderi, aiku, kariwa ta piterupi, apekatu se anama ta sui, ma ti axari se rikusara asui se nheenga.

Asui yuiri, mã kwa ayumbeu waa, kariawa da rese wara, kuiri apuderi ambeu se anama ta supe, maita ta umanduari yane rese, asui maita yapuderi apuraki ta ruaxara.

#### **1.5.4. Marama ta asikari ayumbeu kwa yane nheenga rese wara?**

Maye te ambeuwana waa, kuiri yande Baníwa ita, Baré ita... tem ke yasikari yayumbeu kariwa ta ruaxara, ti arama ta minhã, minhã yande.

Asikari ayumbeu kwa yane nheenga rese wara, yanse amã ke ike, yane retama upe, yande akuntari siia nheenga ita, mã ti yakwawa yampinima ainta, asui, amurame, yaxari putari ta upawa, aputari piri yakuntari kariwa ta nheenga (português); asui amu yuiri, kuiri akwewana siia yaminhã mame yayumbeurama yane rikwasawa rese wara asui kariwa ta rese wara, ma yande umbeusara ita, ti re yakwawara rete yampinima yane nheenga ita, yawewa rupi, apideriama apuraki, se anama ta irumo asui, umbeusara ta irumo, yamukamerama kariwa ta supe, ke yane nheenga ita, nhaã yepe wasu te ta nheenga irumo. Yawewa rupi ayumbeu kwa nheenga rese wara (lingüística).

#### **1.5.5 Marama ta asikari ayumbeu Parana wasu upe, asui Baníwa ta nheenga?**

Asikari ayumbeurama ike parana wasu yanse mame akunhaseri waa. Asui asikari ayumbeu Baníwa Baníwa ta nheenga, yanse aputari akwawa puranga piri Baníwa ta nheenga rese wara, apuderi arama apuraki puranga se anama ta irumo, asui kuiri yanse Baníwa Iniali wara, Karara-poço wara. Kuxima te kariwa ita ta uri wera ta yumbeu yane nheenga asui ta usuana, ne mã ta uxari yande arama. Ike mã apuderi yambeu siia piri, marama ta ayumbeu Baníwa ta nheenga, ma yuiri apenture.

#### **1.5.6 Maita amã, asui awasemo kwa muraki rese wara**

Kwa muraki ixé arama, nhaã mã piasuwa, iwasu xinga te, yanse amã ke se anama ita (tuxaua ita) arumame, ti xinga te ta uputari taruyari, se muraki rese wara.

Mayete ambeu wana waa, yanse kuxima suiwara siia nhã kariwa ita, ta uri ta yumbeu Baniwa ta nheenga asui ta usuana, ne maã, ta umeẽ, ta xari sikuyara, Baniwa ta supe, yawewa rupi, ti xinga wera te, ta uputari taruyari muraki rese wara. Maã ambeu ta supe ke kwa se muraki, amurupi kariwa ta sui.

Kwa maã asikari akwawa uiku Baniwa ta nheenga rese wara, asui ayuiri amuyui ta yupe, umbeusara ta suiri ta upueri ta puraki irumo escola ta rupi. Yawewa rupi umbeusara ta ta uajudari puranga ixé kwa muraki upe.

### **1.5.7 Kwekatu rete se CNPq pura ta supe**

Apuderi arama ayumbeu apekatu se paya. Se manha, se rimiriku asui se raira ta sui Brasilia upe, awa uajudari miri te ixé nhaã yepe dinheiro mirim uriwaa CNPq sui, ti turusu, umeẽ ambaurama yepe viaje yepe ara upe, asui apiritana arama papera ta maupe ayumbeurama, iwasu se anama ita. Funai, asui amu ta maã ti kwera ta uajudari ixé. Awiyekatu, se rimiriku ike tawa upe upurakite, yawewa rupi, se raira ita kwa mukuin akayu asasawaa apekatu ta sui, ti te ta usasari yumasi, yanse nhã dinheiro mirim CNPq umeẽ ixé arama ti wera umeẽ ame rama se raira ta supe. Yawewa rupi, Funai, MEC pura ita, Ongs pura ita tem ki ta usikari kwasui, ta umaã xinga te awaita rese uputari waa uyumbeu kariwa ta rikusara ta rese, asui ta yuiri arama ta ajudari da comunidade ta.

Kwekatu rete CNPq pura ta supe, aputari apurandu pe muturuxinga arama maã pe munduwa awaita supe uyumbeuwa uiku, urukiwa ta ximiriku.

### **1.5.8. Yande Baniwa ita, Baré ita, xavante ita tem ke yasikari yayumbeu ?**

Ixe arama se anama ita, kuiri, yande Baniwa ita, Tukáno ita, yanomami ita, amu yane anama ita, tem ki yasikari yayumbeu (ensino fundamental, medio, universidade, asui, pós graduaç ão...) kariwa ta rikusara, yapuderi arama yakuntari yepe wasu ta irumo, ti arama ta minhã, minhã yande, maye kuxima kwera.

Universidade ta yuiri, tem ki ta sikari ta ukwawa yane rikusara rese wara, ti arama ta kunta kuntari tenhunto yane rese wara. Yawe uminhã uiku kuiri kwa Universidade Brasília wara, mame aikwewana, uyumbeuwa uiku maku ta rese wara,

asuim ta nheenga rese wara, aiukwe suiri yane anama ita maku ita uyumbeu wa ita uiku ape (sera laboratório de linguas indígenas - LALI).

## **CAPITULO II - Mata kwa classificação nominal ta seruka waa?**

Classificação nominal: nhã mame asikari ayumbeu, yamarama maye ta, nheenga ita, aikuwewa kwa mundo, maye ta ta umuseruka mã aikuwewa ta ruaki rupi, mame ta uyukiriari wa.

Ike asu akuntari kwairanto penha rama sea anama ita, maye ta, uyumbeusara waita, nheenga ta rese wara ike Amazônia, maita ta umbeu, maye ta, maku ta umuseruka ta nheenga ta rupi, mã aikuwewa ta ruaki upe. Amarama sã mayete Baníwa ta nheenga yawe.

### **2.1 Derbyshire e Payne (1990)**

Kwa mukũu umbeusara ta, ta nheẽ ke, nheenga ta aikuwewa ike Amazônia upe, ainta, uriku amu rupipawa te, maye ta umuseruka mã aikuwewa ta ruaki rupi. Ti yepe wasu mã.

Ta umbeu yuiri, mayete Alan(1997) umbeuwaa, nhã miraita ta museruka mã aikuwewa ta ruaki rupi: ta pukusa rupi; yapuansawa; ipewawaita; sãta waita; turusu waita, kwaira waita....mayete umbeuwana Payne 1986 akayu kwera.

Ike uyumbeusara ta umbeu maye ta nheẽga ita irukuwa classificador ita:

- a) Sanuma nheenga (fam. Yanomami), Gavião (Tupi).
- (b) (Aruák nheẽga, maye Píro e Apurinã) asui nheẽga da fam. Arawá).
- (b1) Apurinã, Piro.
- (c) Teréna asui Pirahã nheẽga
- (d) Nheẽga: Yágua, fam. Tukáno, fam. Záparo, fam. Huitóto, Piaróa (Salíba) e Yágwa (Péba-Yágwa);
- (e) Nheẽga: Chayahuita (Cahuapána) e Waorani (isolada).
- (f) nheẽga: Parecí (Aruák) e Amarakaéri (Harakmbét).
- (f) Nheẽga: Munduruku (Tupi), línguas Aruák como Amuesha, Kámpa e Palikúr.
- (g) Nheẽga: famílias Karíb, Jê, Páno e Tupí-Guaraní.

## **2.2. Grinevald e Seifart (2005)**

Kwa mukūi umbeusara ita, ta mihã muraki ike wara ta nheẽga irumo, asui África wara ta nheẽga irumo ape ta uheẽ kwaye: África wara ita, amu rupite ta museruka mã aikwewa ta ruaki rupi ta nheẽga upe, asui ta nheẽga yuiri kuxima te ta yumbeu sese wara, Amazônia wara ta yuiri amu rupite ta museruka mã aikwewa, asui yuiri, kuiri katu ta yumbeu uiku ta uiku kwa nheẽga ta rese wara, yawewa rese wara ti re ta ukuwa rete puranga ta rese wara.

Kwa mukūi umbesara ta yuiri, ta uyumbeu te yuiri Miranha ta nheẽga, ta mã yuiri ke yepe wasu pura xinga ae, maye Ásia wara ta nheẽga irumo.

## **2.3. Tatúyo. Gomez-Imbert (2007)**

Kwa umbeusara umbeu ke kwa Tatuyo ta, ta nheega upe ta ukwawa ta museruka panheẽ mã aikwewa kwa mundo upe ta ruaki rupi, maye te umbeuwa Seifart (2005) asui Derbyshire asui Payne(1990) asui Aikhenvald(2000) akayu rese kwera.

## **2.4. Tukáno. Chacon (2008)**

Chacon yuiri uyumbeute Tukáno ta nheẽga rese wara, ainta yuiri ta, ukwawa yuiri, ta umuseruka panheẽ mã uikuwa ta ruaki rupi, ta nheẽga rupi. Mayete umbeuwa: Ramirez (1997) asui Gomez-Imbert (1982, 2007) Tatuyo supe, asui Barnes (1990) Tuyuka supe, asui Miller (2000) Desano supe, Stenzel (2005) Wanano supe.

Ike yamawaã ke kwa uyumbeusara ta nheẽga ita, ti re taukwawa rete puranga kwa nheẽga ta rese wara ike Amazônia upe waita, tem ke asira yayumbeu xinga ta rese wara.

### **CAPITULO III – Ike asu ambeu penharama maye ta waita kariwa ita ta upurikiana Baniwa ta Baniwa ta nheega ta irumo, asui maita ta umaã maita Baniwa ta museruka maã aikwewa ta ruaki upe.**

#### **3.1 Gerald Taylor (1991), Baltar (1995), Ramirez (2001) e Aikhenvald (2007)**

Gerald Taylor uyumbuekwera (1991, 1984, 1988, 1989, 1990), siusi tapuia tairumo, asui inambu tapuia ta irumo; asui Baltazar (1995) inambu tapuia ta irumo; asui Ramirez (2005) inambu tapuia, siusi tapuia, sucuriu tapuia, ayari wara ta asui, cuiari wara ita; asui Arkenvald (2007) kuripako ta irumo. Panhee te kwaita ta sikari tam umaã maita Baniwa ita ta museruka maã aikwewa kwa mundo upe ta ruaki upe.

Kwa uyumbeu ta kwera Baniwa ta umasemo siia maupe Baniwa ta urikuwa (classicador ita) ta useruka arama yapuaã waita, suu ita upuku xinga waita, yapuaã waitatate, yawe teyui pira ita, santawa ita, santiwa waita, cipó yawewa ita...

Asui yuiri, tamaã ke (yepé classicador maye (-da) amurame ae uvaleri yuiri tamuseruka arama pira, suu, yapuaã ta rese. yawe usu amu (classificador)tairumo.

Taylor umbeu ke sã resu rame remuseruka apigawa ita tem remburi - ri ; sã resu rame remuseruka kunhã ita remburi -ru.

Baltar ae umukame asui umbeu yuiri, ke Baniwa ita ta museruka amurupite, kwa ipewawaita, yapuanwaita, kwaira waita, turusu waita, satambika waita, santawa ita, membemka waita, yapapara waita.

Kwesento xinga Arkenvald (2007) umbeu Baniwa ita ta surame ta kuntari mira ta rese wara, awaita urikuwaita vida, ta museruka asui tampinima amurupite; ta surame ta seruka sãta waita rese, yaupua, ipuku ainta ta seruka amurupite; mairame resu reparari yuiri, resu remuseruka amu rupite; yawe teyuiri resu rame remuseruka maã puranga waita, puxiwera waita Baniwa upe.

Taylor, Baltazar, Ramirez asui Arkenvald tambeu ke Baniwa ta nheega repuderi arama remuseruka maã aikwewa kwa mundo upe: mairame remuseruka t suu ta rera ita, pira ta rera (nominais); mairame resu reparari maã nemaã (numerais); resurame rekuntari maã puranga waa rese wara, puxiwera waa rese wara (adjetivos); asui resu rame rembeu awatawa rese wara, yumusaraita wa rese wara, murasi rese wara (verbo ita yaseruka).

Taylor (1991) umaã ke Baníwa rupi, sã yasurme yaseruka yane ipu, yane yuwa, retimã, asui yasu rame yaseruka paya, rendira, yane ramunha,.... tem ke yaseruka yepe maã tarundesuiwara kwaye: **nu-** kapi (se - pu); **nu** tsikole (se - awa); pi - kapa (inde remaã). yawe usu. Português rupi yaseruka prefixo (manungara uriwaa sende sui); amurame uri puawa sa kiti (sufixo).

Siia tawaseumo maã aikwewa Baníwa ta nheẽga upe.

Kwa uyumbeu ta kwera Baníwa ta umasemo siia maupe Baníwa ta urikuwa (classicador ita) ta useruka arama yapuaã waita, suu ita upuku xinga waita, yapuã waitatate, yawe teyui pira ita, santawa ita, santiwa waita, cipó yawewa ita....

Asuiyuri, tamaã ke (yepe classicador maye (-da) amurame ae uvaleri yuri tamuseruka arama pira, suu, yapuã ta rese. Yawe usu amu (classificador) tairumo.

### 3.4 Ramirez (2001)

Yawewa rese wara umuapatuka xinga Henri Ramirez akanga kwa (classificador ita) aikwewa Baníwa nheenga upe, yawewa rupi unheẽ ke Baníwa nheẽga nhaã ti puranga rete.

Pemaã maye ta seruka suu ita:

iitsiri animal de caça apa-**iita** iitsiri 1 animal de caça (por ex.: macaco)

Sã macaco rame ta seruka: apa-**iita**

aapa-**na** iitsiri 1 animal de caça (por ex.: anta)

Sã tapira rame ta seruka: apa-**na**

apa-**da** iitsiri 1 animal de caça (por ex.: queixada)

Sã tayasu rame ta seruka: apa-**da**

#### **Pira ita Kwaye:**

kóphe apa-**iita** kóphe 1 peixe (por ex.: mandi)

Sã mandi rame ta seruka: apa-**ita**

apa-**aapa** kóphe 1 peixe (por ex.: aracu)

Sã waraku rame ta seruka: apa-**aapa**

apaapa aadaro /aapa-**aapa**/ 1 arara

Sã arara rame ta seruka: apa-**aapa**

apaíta piitliri /aapa-**iíta**/ 1 morcego

Sã andira rame ta seruka: apa-**iíta**

apakhaa aapi/aapa-**khaa**/ 1 cobra

Sã buia rame ta seruka: apa-**khaa**

/aapa-**aapa** palana/ 1 banana (lit. 1 oblongo de banana, -aapa Cl:banana)

Sã aseruka rame yepe pakwa: apa-**aapa**

/aapa-**eema** daapa/

Sã aseruka rame yepe banda paka: apa-**eema**

/aapa-**hipada** palana

Sã aseruka rame yepe pedaço pakwa: apa-**hipada**

- aapa-**na** hemali i+nanaa - 1 abiuzeiro

Sã aseruka rame yepe abiu iwa: apa-**na**

-apa-**phe** hemali i+phe - 1 folha de abiu

Sã aseruka rame yepe abiu rawa: apa-**phe**

-apa-**khaa** hemali i+pali - 1 raiz de abiu

Sã aseruka rame yepe abiu rapu : apa-**khaa**

-apa-**kenaa** hemali i+ke - 1 galho de abiu

Sã aseruka rame yepe abiu rakanga: apa-**kenaa**

-apejhi /aapa-**ijhi**/ hemali ijhi 1 caroço de abiu

Sã aseruka rame yepe abiu karoso: apa- **ijhi**

apeewi /aapa-**iiwi**/ hemali iiwi 1 flor de abiu

Sã aseruka rame yepe abiu putira: apa-**iiwi**

-aapa-**pi** manakhe-pi 1 açazeiro

Sã aseruka rame yepe wasai iwa: apa-**pi**

-apa-**wata** manakhe i+wata - 1 curuata de açai

Sã aseruka rame yepe wasai kuruata: apa-**wata**

-apa-**wathe** ri+wathe, apa-da ri+wathe 1 nó

Sã aseruka rame yepe kitanga: apa-**wathe**

-ape /aapa-i/ manakhe 1 cacho de açai

Sã aseruka rame yepe kaxo wasai : apa-**i**

- apa-**ja** dzawi-ja - 1 pele de onça (dzaawi onça)

Sã aseruka rame yepe yawarete pirera: apa-**ja**

-apa-da liewhe, apeewhe /aapa-eewhe/ 1 ovo (liewhe ovo)

Sã aseruka rame yepe supia : apa-**da**

-apahaa /aapa-**jhaa**/ iijhatli - 1 excremento (iijhatli excremento)

Sã aseruka rame yepe yukise : apa-**jhaa**

-apa-**kódzoa** - 1 curva

Sã aseruka rame yepe yumpenasawa : apa- **kódzoa**

- apa-**thówhia** - 1 quarto

Sã aseruka rame yepe uka quarto : apa- **thówhia**

- saave chave (emprestimo) apheewi /aapa-**hiwi**/ saave 1 chave (pequena)

Sã aseruka rame yepe xave kaira waa : apa- **hiwi**

- apaita /aapa-**iita**/ saave 1 chave (grande)

Sã aseruka rame yepe xave turusuwaa : apa -**iita**

- kaini mandioca apada /aapa-**da**/ kaini 1 mandioca (redonda)

Sã aseruka rame yepe maniaka yapuã waa : apa- **da**

- apaapa /aapa-**aapa**/ kaini - 1 mandioca (alongada)

Sã aseruka rame yepe maniaka ipuku waa: apa- **aapa**

- /aapa-**aapa**/ kalaka 1 galo

Sã aseruka rame yepe galo : apa- **aapa**

- apa-da /aapa-**da**/ kalaka 1 galinha

Sã aseruka rame yepe sapukaia : apa -**da**

- tóoda puça apa-**da** tóoda - 1 puça (arredondado)

Sã aseruka rame yepe pisa yapuã waa : apa -**da**

-apa-**póko** tóoda 1 puça (circular)

Sã aseruka rame yepe pisa : apa- **póko**

-apa-**maka** tóoda 1 puça (dobrado)

Sã aseruka rame yepe pisa uyupena waa : apa- **maka**

- aphepani /aapa-**hipani** / hiipa 1 cachoeira

Sã aseruka rame yepe kaxoeira : apa- **hipani**

aphewa /aapa-**hiwa** / peethe “Um beiju”

Sã aseruka rame yepe meiyu : apa- -**hiwa**

aapa-**ko** pieta “Uma rede”

Sã aseruka rame yepe makira : apa- **ko**

## **CAPITULO IV – Pemaã maye ta Baniwa ta umuseruka maã aikwewa kwa mundo upe**

### **4.1. Ike yamukame xinga yuiri pemarama maita Baniwa nheenga upe apuderi yaseruka ipe maã amu rupi**

Ike ase amukame penharama maita Baniwa ta nheenga rupi, yapuderi yaseruka yepe maã amu rupite upawa sa kiti, yane mira sawa rupi:

**Moliweni (sucuriu tapuia), Dzawini (yawarate tapuia), Adzeneeni, Waliperi dakenai (siuci-tapuia)**

- madali-**iita** dzalio  
mukũi-cl mandi

#### **Maolieni**

- madali-**ikha** dzalio  
musapiri-cl mandi

#### **Kuripako upe:**

- madali-**da** hetteredam  
musapiri-cl mandi

**Ike madi supe nhaã ipewa xinga waa apuderi yaseruka umapawa sa : -da, -kha,- ita**

#### **Amu ta xinga :**

**Moliweni(sucuriu tapuia), Adzeneeni, Waliperi dakenai(siuci-tapuia)**

#### **taseruka kwaye:**

-apa-**koa** wa-dzeekata yoorã  
yepe -cl ya-minhã yura

Yaminhã yepe yura

**Maolieni mira sa ita ta seruka kwaye:**

- apa-**koa** wa-dzeekata yoorā  
yepe-yaminhã ya-minhã yura

“Yaminhã yepe yura”

**Kuripako ta unhee kwaye:**

24) apa-**da** wa-nakaitha yoorā  
yepe -cl ya-minhã yura

“Yaminhã yepe yura”

Pemawã yuiri ike Baniwa ita ta yepe mã supe amu rupite’: -da, koa,

Mairame mã see wa (Moliweni (sucuriu tapuia), Adzeneeni, Waliperi dakenai (siuci-tapuia), Koripako) ta seruka kwaye:

- apa-**da** no-inoa aliidali hoiwi-da-li  
yepe -cl yuka tatu see -cl-3mas

“Ayuka yepe tatau see waa”

- (Dzawini (yawarate tapuia), Adzeneeni,  
Waliperi dakenai (siuci-tapuia), Koripako, taseruka kwaye:

apa-**da** nu-oma pan-tti maka-da-li  
yepe-cl putari uka-abs turusu-cl-3masc

“Aputari yepe uka turusuwaa”

Ikea yapuderi yamaã ke Baníwa ita, mayete ta mirasawa ita, ta seruka yepe wasu oy amu rupite yepe maã aikwewa uiku ta piterupi - yapuã waita, sãti waita, ipewawa ita, yawe usu.

Yawewa rupi Ramirez unheẽ: (2001:283): unheẽke Baníwa ta usu rame tamuseruka maã aikwewa kwa mundo upe, amu rupite amu ta nheenga ta sui. Yawerana unheẽ Baníwa ta paa nha ti puranga rete, maye amu ta yawee uyumbuewana waa.

Ixe amaã amurupite, ae tem isikari umbeu tipixinga maye Baníwa ta uiku, ta umaã, asui mayesawa ta ta museruka nhã maã yawe, ti arama ukuntakuntari tenhuntunto ta nheenga rese wara.

Kwa muraki yaminhã waa umẽẽ yamarama kwaye Baníwa nheenga rupi:

- ta museruka upawa sa kiti amu rupite, maã nungara aikuwewa kwa mundo upe, asui amu rupite maã ti wa aikwe kwa mundo upe (dependência e interdependência);
- apigawa supe tamuseruka amu rupite, asui kunhã ta supe amu rupite (gênero masculino e femenino), yawe usu uiku.

Pemaã xinga amu ta yuiri:

**-na**

UMA ANTA GRANDE

apa-**na** heema maka-**ne**

yepe-cl tapira turusu-waa

UM CACHORRO GRANDE

apa-**na** tSinu mka-**ne**

yepe-cl yawara turusu-waa

UM VIADO GRANDE

Apa-**na** duitu maka-ne

Yepe-cl yuwasu turusa-waa

UMA ONÇA GRANDE

Apa-**na** dzawi maka-ne

yepe-cl yawarete turusu-waa

UM MACACO GRANDE

Apa-**na** puwe maka-ne

yepe-cl macaco turusu-waa

UMA CACHORRA GRANDE

Apa-**na** tsinu inauma maka-ne

yepe-cl yawara kunhã turusu waa

UMA IRARA GRANDE

Apa-**na** dzwe maka-ne

yepe-cl irara turusu-waa

UMA ARVORE GRANDE

Apa-**na** haiku maka-ne

yepe-cl mira turusu-waa

**-da**

UM ACARA GRANDE

Apa-**da** dzawiri makaite

Yepe-cl akara turusu waa

UM PANEIRO GRANDE

Apa-**da** tsetu makadali

Yepe-cl panero turusu-cl-masc

UMA CUTIA GRANDE

Apa-**da** pitSi maka-da-li  
yepe-clakuti turusu-cl-masc

UM TATU GRANDE  
Apa-**da** alidali maka-da-li  
yepe-cltatu see-cl-masc

UMA PACA GRANDE  
Apa-**da** daapa maka-da-li  
yepe-clpaca turusu-cl-masc

UMA CAMISA GRANDE  
Apa-**da** kamitsa makadali  
Yepe-cl kamixa turusu-cl-masc

UM ATURA GRANDE  
Apa-**da** kame makadali  
Yepe-cl watura turusu-cl-masc

UM CAITITU GRANDE  
Apa-**da** dzamulitu maka-da-li  
yepe-cl taititu turusu-cl-masc

UM CABEÇUDO GRANDE  
Apa-**da** ikuli maka-da-li  
yepe-cl cabeçudo turusu-cl-masc

UM JABUTI GRANDE  
Apa-**da** itSida maka-da-li  
yepe-cl yauti turusu waa-cl-masc

UMA GALINHA  
Apa-**da** kalaka  
Yepe-cl sapukaya

UMA PANELA

Apa-**da** paila

Yepe-cl panela

UM FOGO GRANDE

Apa-**da** ttidze makadali

Yepe-cl tata turusu-cl-masc

UMA ROÇA GRANDE

Apa-**da** kiniki maka-da-li

Yepe-cl kupixawa turusu-cl-masc

UM CAMPO GRANDE

Apa-**da** hamuliani maka-da-li

Yepe-cl kampo turusu-cl-masc

UMA CAATINGA GRANDE

Apa-**da** panthinuma maka-da-li

Yepe-cl kaatinga turusu-cl-masc

UMA PORTA GRANDE

Apa-**da** pakwakaruda makadali

Yepe-cl ukena turusu-cl-masc

UMA PRAIA GRANDE

Apa-**da** kaida makadali

Yepe-cl praia turusu waa

UM LAGO GRANDE

Apa-**da** kalita maka-da-li

Yepe-cl ipawa sa turusu-cl-masc

UMA CACHOEIRA GRANDE

Apa-**da** hi:pa makadali

Yepe-cl cachoeira turusu waa

UM SARAPÓ

Apa-**da** hiparu

Yepe-cl cachoeira turusu waa

UMA VASSOURA GRANDE

Apa-**da** pitSiu maka-li

Yepe-cl tapixaua turusu-masc

**-kha**

UMA JARARACA GRANDE

Apa-**kha** a:pi maka-kha-i

Yepe-cl yararaka turusu-cl-waa

UMA COBRA GRANDE

Apa-**kha** umawali maka-**kha-i**

Yepe-cl buya turusu-cl-masc

UMA MINHOCA GRANDE

Apa-**kha** uma:pi maka-kha-i

Yepe-cl xibui turusu-cl-masc

**-phi**

UMA FOLHA DE PAPEL

Apa-**phi** paperi

Yepe-cl papera

**-wa**

UM BURACO DE TATU

Apa-**wa** inumawa alidali

yepe-cl tatu kwara

UM BURACO

Apa-**wa** inumawa

yepe-cl kwara

UM ANZOL GRANDE

Aphe-**wa** itsa mak-hew-i

Yepe-cl pinda turusu-cl-masc

**-wate**

UMA COLHER

Apa-**wate** kuleia

yepe-cl colher

**-pa**

Apa-**pa** kepireni maka-pa-li

Yepe-cl pirikito turusu-cl-masc

UM TUCANO GRANDE

Apa-**pa** dzate maka-pa-li

Yepe-cl tucana grande-cl-masc

UMA ANDORINHA GRANDE

Apa-**pa** tiipi maka-pa-li

Yepe-cl andorinha grande-cl-masc

UM MUTUN GRANDE

Apa-**pa** kuitSi maka-ne

Yepe-cl mitu turusu waa

UM PAPAGAIIO GRANDE

Apa-**pa** waru maka-pa-li

Yepe-cl parawaa turusu-cl-masc

UM JACU GRANDE

Apa-**pa** mare maka-pa-li

Yepe-cl jaku turusu-cl-masc

UM MARRECO GRANDE

Apa-**pa** kumada maka-pa-li

Yepe-cl marreko turusu-cl-masc

UM JAPU GRANDE

Apa-**pa** tuwiri maka-pa-li

Yepe-cl yapu turusu-cl-masc

UM BACURAU GARNDE

Apa-**pa** awadu maka-pa-li

Yepe-cl wakurawa turusu-cl-masc

UMA BANANA GRANDE

Apa-**pa** parana maka-pa-li

Yepe-cl pakuwa turusu-cl-masc

UMA INAMBU GRANDE

Apa-**pa** mami makadali

Yepe-cl inambu turusu-cl-masc

UM CORÓ-CORÓ GRANDE

Apa-**pa** kuri maka-da-li

Yepe-cl coró-coró turusu-cl-masc

UMA CARARA GRANDE

Apa-**pa** wanali maka-pa-li

Yepe-cl karara turusu-cl-masc

UM BEIJA-FLOR GRANDE

Apa-**pa** pimi maka-pa-li

Yepe-cl wainambi turusu-cl-masc

**-ita**

UMA ABELHA GRANDE

Apa-**ita** mune maka-i-te

Yepe-cl ira turusu-masc-waa

UM URUBU GRANDE

Apa-**ita** wadzuli maka-pa-li

Yepe-cl uruwu turusu-cl-masc

UM CARRAPATO

Apa-**ita** kupali maka-ite

Yepe-cl karapato turusu-masc-waa

UMA PULGA GRANDE

Apa-**ita** ithitu maka-i-te

Yepe-cl turusu-masc-waa

UM PACU GRANDE

Apa-**ita** kerapukuli makaite

Yepe-cl paku turusu waa

UM MUÇUM GRANDE

Apa-**ita** itsitsi makane

Yepe-cl musu turusu waa

UM PURAQUE GRANDE

Apa-**ita** dzakata makaite

Yepe-cl puraki turusu waa

UM ARACU GRANDE

Apa-**ita** tali makane

Yepe-cl waraku turusu waa

UM JANDIA GRANDE

Apa-**ita** iniri maka-i-te

Yepe-cl yandia turusu-masc-waa

UM CAMARÃO GRANDE

Apa-**ita** dzaka maka-pa-li

Yepe-cl kamarão turusu-cl-masc

UM SURUBIM

Apa-**ita** kuliri

Yepe-cl surubi turusu waa

UMA PIRAIBA

Apa-**ita** hónkuli

Yepe-cl piraiwa turusu waa

UM PIOLHO GRANDE

Apa-**ita** thuwida maka-i-te

Yepe-cl turusu-masc-waa

UM MORCEGO GRANDE

Apa-**ita** pitiri maka-pa-li

Yepe-cl turusu-cl-masc

UMA GARÇA GRANDE

Apa-**ita** mali maka-pa-li

Yepe-cl wakara turusu-cl-masc

UM TERÇADO GRANDE

Apa-**ita** matSiete maka-i-te

Yepe-cl terçado turusu-masc-waa

UMA FACA GRANDE

Apa-**ita** marie maka-i-te

Yepe-cl kise turusu-cl-waa

UMA CANOA GRANDE

Apa-**ita** maka-da-li

Yepe-cl igara turusu-cl-masc

UMA SERRA GRANDE

Apa-**ita** patsewaSuda maka-i-te

Yepe-cl iwitera turusu-masc-waa

UM BEJU GRANDE

Apa-**ita** pethe maka-i-te

Yepe-cl meyu turusu-cl-waa

UMA SAUVA GRANDE

Apa-**ita** kaiwiri maka-i-te

Yepe-cl usaiwa turusa-masc-waa

**-na**

UM GALO GRANDE

Apa-**na** kalaka maka-pa-li

Yepe-cl galo turusu-cl-masc

UM URUMUTUN GRANDE

Apa-**na** itSiri maka-pa-li

Yepe-cl urumitu turusu-cl-masc

UM TUCUNARE GRANDE

Apa-**na** dzaapa makane

Yepe-cl tukunare turusu waa

UMA MUTUCA GRANDE

Apa-**na** heri maka -pa-li  
Yepe-cl mituka turusu waa

UMA MANDIOCA GRANDE  
Apa-**na** kaine makadali  
Yepe-cl maniaka turusu-cl-masc

UMA CALÇA GRANDE  
Apa-**na** tsirura maka-da-li  
Yepe-cl xirura turusu-cl-masc

**-pada**

UM PEDAÇO DE ABACAXI  
Aphe-**pada** mawiru  
Yepe-cl nana pedaço

**-ite**

UM REMO GRANDE  
Apa-**ite** tiwe maka-i-te  
Yepe-cl apukuita turusu-cl-waa

UM IGARAPE GRANDE  
Apa inãpu maka-pek-i  
Yepe garape turusu-cla-masc

UM RIO GRANDE  
Apa-peko (apakhai) uuni makhakai  
Yepe-cl paranã turusu waa.

**-kha**

UM CAMINHO GRANDE  
Apa-**kha** inãpu maka-kha-i  
Yepe-cl pee turusu-cl-masc

**-khai**

UMA CORDA GRANDE

Apa-**khai** maka-kha-i

Yepe-cl tupasã turusu-cl-masc

**-ku**

UMA REDE GRANDE

Apa-**ku** pieta maka-da-li

Yepe-cl makira turusu-cl-masc

UM CANIÇO GRANDE

Apa-**ku** etsapu maka-pu

Yepe-cl kampo turusu-cl

## 5. Capítulo V. Upawsawa

Kwa semuraki upe ayuiri amukame pemarama mayete ambeuwa uyupirungawa upe, Baníwa ta museruka maã aikwewa ta ruaki rupi. Amu ta upuderi arama ta maã, asui ta yumbeu puranga Baníwa da nheenga resewara.

Kwa semurakai, amu kame waa penharama, apurakiwera siia Baníwa mira tairumo maye: yawarete tapuia ita, siuci tapuia, sucuriu tapuia, pato tapuia ita. Ape yamaã ke Baníwa ta nheenga upe, tamuseruka arama maã aikwewa kwa mundo upe -na; -da; ita; irumo tem ke remaã, sã ainta yapuamo, ipewa, ipuku, santa, membeka, yawe usu.

Ti apuderimaã yamureseruka ainta maye, mayento ma.

Yamaã yuiri ke irundi upurakiana waita Baníwa ta nheenga irumo, ta umbeu yawete yuiri.

Kwa muraki se anama ita, aputari ambeu Baníwa ta supe, asui amu mira ta supe, yande tem ke yasikari, yayumbeu tipi xinga yane nheenga ta rese wara, yapuderi arama yambeu puranga yane raira ita. Asui suiri yapuderi arama yamukame kariwa ta supe, amita kwa yane nheenga ita, yepesawu te maye ta nheenga ta irumo, ne yane nheenga, ne português nhã puranga piri amu sui.

Yawe se anama ita. Kwekatu rete penharama.

**Ike ambeu penharama, mame papera ita ayumbeu ta kwera aminhãrama kwa muraki**

ACUÑA, P. C. de O. [1891] 1994. *Nuevo descubrimiento del gran río de las Amazonas*. Madrid: Colección de libros que tratan de América raros o curiosos, t. 2.

ALLAN, Keith. 'Classifiers'. *Language* 53.285-311. 1977.

AIKHENVALD, Alexandra Y. 2000. *Classifiers: a typology of noun categorization devices*. Oxford: Oxford University Press.

\_\_\_\_\_. 2007. 'Classifiers in multiple environments: Baníwa of Içana/Kuripako – a North Arawak perspective'. Special issue of *International Journal of American Linguistics* 73, number 4, p. 475-500.

BARNES, Janet. 1990. 'Classifiers in Tuyuca', in Payne Doris (ed.) *The Amazonian languages*, p. 273–92. Cambridge: Cambridge University Press.

BALTAR, Marco Antônio R. 1995. sistema de classificação do Baníwa do Içana-Hohodene-língua Aruak do Norte. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Brasil.

BRANDHUBER, Gabriele. 1999. 'Why Tukánoans migrate? Some remarks on conflict on the Upper Rio Negro (Brazil)'. *Journal de la Société des Américanistes*, Paris: Société des Américanistes, v. 85, p. 261-280.

CHACON, Thiago 2008. 'O sistema de classificação nominal do Tukáno' (no prelo).

CRAIG, Colette. 1994. "Classifier languages", In: Asher, R.E. and J.M.Y. Simpson (eds), *The encyclopedia of language and linguistics*. Vol. 2. 565-569. Oxford: Pergamon Press.

FREIRE, José Ribamar Bessa. 2004. *Rio Babel – a história das línguas na Amazônia*. Rio de Janeiro: Atlântica.

DERBYSHIRE, Desmond C. and Doris L. PAYNE. 1990. "Noun classification systems of Amazonian languages." In Doris L. Payne (ed.), *Amazonian linguistics: Studies in lowland South American languages*, 243-71. Austin: University of Texas Press.

DIXON, R.M.W. 1982. "Noun classifiers and noun classes", In: Dixon, Robert M.W. (ed.), *Where have all the adjectives gone? and other essays in semantics and syntax*. 211-233. Berlin: Mouton.

DIXON, R.M.W. and Alexandra Y. Aikhenvald (eds.). 1999. *The Amazonian languages*. Cambridge: Cambridge University Press.

GREGÓRIO, André (2006). *Histórias contadas pelos pajés sobre a criação do mundo*. Monografia de final de curso (MS).

GOMEZ-IMBERT, Elsa. 1982 *De la forme et du sens dans la classification nominale en tatuyo (langue Tukáno Orientale d'Amazonie Colombienne.)*, Thèse de doctorat de 3e cycle, Université de Paris-Sorbonne (= TDM 19, Editions ORSTOM, 1986), downloadable in [www.ird.fr](http://www.ird.fr).

\_\_\_\_\_. 1996. 'When animals become 'rounded' and 'feminine': conceptual categories and linguistic classification in a multilingual setting'. In Gumperz J. J.,

\_\_\_\_\_. 2007. *Tukánoan nominal classification. The tatuyo system* (MS).

GRINEVALD, Colette. 1999. Typologie des systèmes de classification nominale. *Faits de Langues* 14: 101-122. Paris.

\_\_\_\_\_. 2000. 'A morphosyntactic typology of classifiers', in: Gunter Senft (ed.), *Systems of nominal classification*. 50-92. Cambridge: Cambridge University Press.

\_\_\_\_\_. 2003. Classification nominale: le défi amazonien. En: Jon Landaburu (ed.), *Langues d'Amérique*. *Faits de Langues*, 21.

GRINEVALD, Colette, and Frank Seifart. 2004. Noun classes in African and Amazonian languages. *Linguistic Typology* 8, no. 2:243–85. Heine (1982).

HOPPER, Paul J. 1986. "Some Discourse Functions of Classifiers in Malay". In Noun Classes and Categorization, Craig, Colette G. (ed.), 309 ff.

LEVINSON S. C., eds., Rethinking Linguistic Relativity. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 438-469.

MITHUN, Marianne. 1986. "The Convergence of Noun Classification Systems". In Noun Classes and Categorization, **Craig**, Colette G. (ed.), 379 ff.

MILLER, Marion. 1999. Desano grammar: Studies in the languages of Colombia 6. Summer Institute of Linguistics and the University of Texas at Arlington Publications in Linguistics, 132. Dallas: Summer Institute of Linguistics and the University of Texas at Arlington. xi, 178 p.

PAYNE, Doris L. (ed.). 1990. *Amazonian languages: Studies in Lowland South American languages*. Austin: University of Texas Press.

\_\_\_\_\_. 1987. "Noun classification in the Western Amazon." *Language Sciences* 9(1): 21-44.

RODRIGUES, A. D. *Estrutura do Tupinambá* (ms.), 1981.

\_\_\_\_\_. 1986. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola.

RAMIREZ, Henri. 1997. *A fala Tukáno dos ye'pa-masa*, tomo I: Gramática. Manaus: CEDEM.

\_\_\_\_\_. 2001. *Uma gramática do Baniwa do Içana* (MS).

SEIFART, Frank. 2005 *The structure and use of shaped-based noun classes in Miraña (North West Amazon)*. Nijmegen: MPI Series in Psycholinguistics.

SEIFART, Frank, and Doris L. Payne (eds.). 2007. Nominal classification in the North West Amazon. Special issue of *International Journal of American Linguistics*, v. 73, number 4.

SENFT, Gunter (ed.). 2000. *Systems of nominal classification*. Cambridge: Cambridge University Press.

STENZEL, Kristine Sue. 2004 *A reference grammar of Wanano*. Ph.D. dissertations, University of Colorado. Strom.

TAYLOR, Gerald. 1985. Apontamentos sobre o nheengatu falado no rio negro, Brasil. In *ameríndia*, no 10, p.

\_\_\_\_\_ 1991. *Introdução à língua Baniwa do Içana*. Campinas. Ed. Unicamp. 136 p.

\_\_\_\_\_ 1993. *Aladim ou Mil e uma noites na Amazônia: relato Baniwa do Içana contado por Domingo de Souza Paiva em janeiro de 1985*. *Ameríndia* 18: 139-176.

WRIGHT, Robin. 2005. *História indígena e do indigenismo no Alto Rio Negro*. Campinas: Editora da Unicamp.

<b>SÍMBOLOS</b>			
	<b>f</b>	=	<b>Feminino</b>
	<b>nf</b>	=	<b>Não-feminino</b>
	<b>m</b>	=	<b>Mediador</b>
	<b>mp</b>	=	<b>Mediador de posse</b>
	<b>ADJ</b>	=	<b>Adjetivo</b>
	<b>CL</b>	=	<b>Classificador</b>
	<b>ENF</b>	=	<b>Enfático</b>
	<b>f</b>	=	<b>Feminino</b>
	<b>O</b>	=	<b>Objeto</b>
	<b>IND</b>	=	<b>Indeterminado</b>
	<b>nf</b>	=	<b>Não-feminino</b>
	<b>mp</b>	=	<b>Mediador de posse</b>
	<b>S</b>	=	<b>Singular</b>
	<b>1</b>	=	<b>Primeira pessoa</b>
	<b>2</b>	=	<b>Segunda pessoa</b>
	<b>23</b>	=	<b>Segunda pessoa do plural</b>
	<b>123</b>	=	<b>Primeira pessoa do plural</b>